



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL**  
**MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**MARLUZE GUIMARÃES PEREIRA**

**FILHOS E CIDADE: narrativas sobre a significação da  
cidade por pais que moram em condomínios fechados de  
alto padrão.**

**SALVADOR**

**2013**

**Marluze Guimarães Pereira**

**FILHOS E CIDADE: narrativas sobre a significação da cidade por pais que moram em condomínios fechados de alto padrão.**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos

Coorientação: Profa. Dra. Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima.

Salvador

2013

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

P436 Pereira, Marluze Guimarães.

Filhos e cidade: narrativas sobre a significação da cidade por pais que moram em condomínios fechados de alto padrão.

Bahia / Marluze Guimarães Pereira. – Salvador, 2013.

159 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos

Coorientação: Profa. Dra. Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima.

1. Família 2. Significados de cidade 3. Condomínios fechados  
4. Psicologia popular 5. Psicologia cultural de base semiótica  
I. Título.

CDU316.356.2:911.375

## TERMO DE APROVAÇÃO

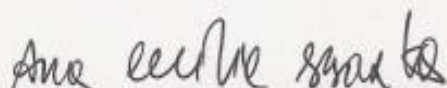
**MARLUZE GUIMARES PEREIRA**

**Filhos e Cidade: narrativas sobre a significação da cidade por pais que moram em condomínios fechados de alto padrão.**

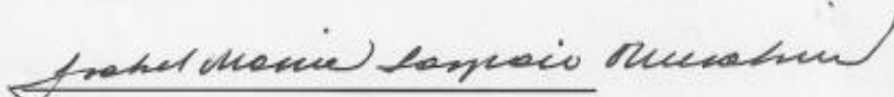
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 22 de fevereiro de 2013.

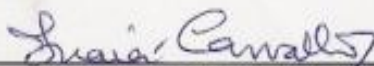
Banca Examinadora:



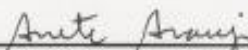
Dr(a). Ana Cecília Bastos  
Orientador



Dr(a) Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima (UCSal)  
Orientador



Dr(a). Inaiá Maria Moreira de Carvalho - (UCSal)



Dr(a). Anete Araújo (UFBA)



Dr.(a) Jaan Valsiner(Clark University)

Dedico este trabalho aos meus filhos e à minha cidade.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Lucas e Isabela, por resignificarem tudo o que vivo e sou, pelo amor transbordante, pelo seu sacrifício em todos os momentos que os deixei de lado - deixando *minha* família de lado -, para estudar a “família contemporânea”, atualizando as condições e contradições tão inerentes ao nosso tempo.

À minha mãe, Aglae, por ser plena na realização deste signifiante.

Ao meu marido, Álvaro, pelo aprendizado e amadurecimento que conquistamos juntos ao conseguirmos superar tantos desafios cotidianos intensificados com este projeto.

Ao meu pai, Gonçalo, pelo “PAItrocínio”, pelo apoio e pela crença efetiva e afetiva da fertilidade do solo em que planta...

À minha irmã, Magale, pelo desejo de que sempre seja.

Ao meu irmão, Gonçalo, por significar ao mesmo tempo a negação e a afirmação do que sinto e penso.

Ao meu inestimável apoio Ninha, Leide, assim como Vilma que, para muito além dos serviços prestados ao longo desses anos, o carinho e cuidado dedicados aos meus filhos me permitiram o tempo e a condição necessários para pensar.

A Márcia Assis por todo suporte, carinho, compreensão e colaboração frente às pressões da “vida real”, viabilizando este projeto.

A Ana Cecília por sua “*Siência*” (ciência com sensibilidade) capaz de apreender com excelência o humano com o que é do humano, traduzindo um pouco da sua beleza, sabedoria e poesia que a faz ser o que é... pessoa que vai tão além de qualquer signifiante...

A Anete Araújo por ter sido um grande encontro, uma companheira de viagem de acolhimento generoso, nutrido com sabedoria, rico conhecimento, profissionalismo, motivação, sensibilidade e delicadeza, muitas vezes, traduzidos em um olhar ou em um simples telefonema.

A Isabel Lima, “pessoa-estrela<sup>1</sup>”, pelo convite irrecusável e estímulo a esta aventura.

Ao “Grupo Maternos” pelo apoio, embates, debates e principalmente exemplo de solidariedade, competência e excelência, em especial a Márcio Santana pela generosidade, paciência e ensinamentos, traduzidos por horas de “Skype” que vararam a madrugada.

Aos amigos, colegas, professores e todos que ajudaram tanto nesta trajetória.

Aos meus entrevistados por me permitirem a realização deste trabalho.

E à vida e ao cuidado, sem os quais nada disto existiria.

Meu muito obrigada!

Marluze Pereira.

---

<sup>1</sup> Das Utopias (Mário Quintana)

Se as coisas são inatingíveis... ora!

não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

a mágica presença das estrelas!

*“...eu tô achando que você... que o seu trabalho... digamos que seja um trabalho um pouco ambicioso. É uma coisa que você tá fazendo **disso** seu trabalho, **mas o seu desejo, lá dentro, é que você transforme a cidade em que os seus filhos vão viver...**”*

*(Mariana, durante a entrevista)*

## RESUMO:

Pereira, Marluze G.: Filhos e cidade: narrativas sobre a significação da cidade de pais que moram em condomínios fechados de alto padrão. Salvador, 2013, 159 pags. Dissertação. Mestrado em Família Contemporânea. Universidade Católica do Salvador.

A partir da novidade urbanística, em Salvador-BA, dos condomínios residenciais fechados de alto padrão - os quais trazem para dentro de seus muros serviços antes só disponíveis através de uma circulação na cidade -, este estudo investiga as narrativas de pais moradores nestes locais acerca do significado da cidade. O advento destes condomínios implica, ao mesmo tempo, em uma novidade no modo de vida das famílias. Ancorados em uma reflexão sobre os cuidados com seus filhos, a relação família e cidade surge nas narrativas dos pais revelando o impacto citadino e a importância da cidade para a vida das famílias. Conduzido a partir da fundamentação teórica da Psicologia Cultural, este estudo investigou os significados de cidade a partir das temporalidades trazidas nas narrativas, analisando a dinâmica deste signo enquanto mediador e regulador semiótico. Buscando responder aos princípios da ciência idiográfica, foi realizado um estudo de casos múltiplos de cunho narrativo. Partindo da categoria 'psicologia popular' foi proposto o Modelo Dinâmico das Três Dimensões básicas do signo cidade - a dimensão territorial, a social e a política -, a fim de analisar e compreender o significado daquilo que narravam enquanto cidade, ao se referirem à experiência de cidade. Como resultado da aplicação do modelo às significações de cidades narradas, chegou-se à identificação de diferentes dinâmicas entre as dimensões territorial, social e política, a partir da temporalidade a que o signo era referido. Além das temporalidades de passado, presente e futuro foi também construída, nas narrativas, uma cidade atemporal, reveladora da força promotora do signo em estudo. A dinâmica do signo cidade revelou na temporalidade de futuro a predominância da dimensão política, da qual a significação de cidade se mostrou como um produto. Significadas em narrativas únicas, foi evidenciado um mecanismo de cristalização de significação através da retroalimentação semiótica entre a dimensão política e a dimensão social. Esta "armadilha semiótica" revelou contribuir para um cenário pessimista quanto ao futuro da cidade, consequência de um esvaziamento das alternativas de ação de cunho coletivo pelo indivíduo. Foram destacados, nas narrativas, os processos semióticos de canonicidade na cultura pessoal e sua relação com a cultura coletiva. Demonstrando a dinâmica do modelo da bilateralidade na transferência da cultura, a novidade semiótica foi trazida com exemplos que evidenciaram a construção de significados de cidade a partir do seu desenvolver no tempo da entrevista, com a entrada de novos elementos semióticos nas reflexões. Este resultado evidenciou a possibilidade da geração do novo e sua potencialidade em flexibilizar as narrativas únicas.

Palavras-chave: família, significados de cidade, condomínios fechados, psicologia popular, Psicologia Cultural de base semiótica.



## **ABSTRACT:**

Pereira, Marluze G: Children and city: narratives about the significance of the city by parents who live in gated upscale condos. Salvador, 2013, pg 159 Dissertation. Master Degree in Contemporary Family. Universidade Católica do Salvador.

The residential gated upscale condos - which bring within its walls services previously available only through city circulation – represents, in Salvador Bahia, an urban novelty and, at the same time, a new families' way of life. This study investigates narratives of parents, residents in these places, about the significance of the city. Anchored in a reflection on children caring, the relationship between family and city emerges in the parents' narratives revealing the impact and importance of the city to families' lives. This study investigated the meanings of city from temporalities brought in narratives, analyzing the dynamics of this sign as a mediator and semiotic regulator, according to the theoretical perspective of the Cultural Psychology. Seeking to meet the principles of idiographic science a multiple case study was performed, based on narrative interviews. From the category 'folk psychology' a Dynamic Model of Three Basic Dimensions of the sign city - the territorial dimension, the social and political - was proposed in order to analyze and understand the meaning of what they narrated as a city, while referring to the experience of city. As a result of the model, applying to narratives about the meanings of cities, we found out the identification of different dynamics between the territorial, social and political dimensions, according to which temporality the sign was related to. Besides the past, present and future temporalities there was also constructed through narratives, a timeless city, revealing the strength of the sign under study as a promoter sign. In the future's temporality the dynamic of the sign city revealed the political dimension dominance, leading to the significance of the city as a product of this dimension. There was an evidenced of a meaning crystallization mechanism through semiotic feedback between the political dimension and the social dimension. This "semiotic trap" seemed to contributed to a pessimistic view about city's future, due to a fading of collective actions alternatives to individual. The narratives underscore the semiotic processes of canonicity in personal culture and its relationship with the collective culture. Demonstrating the dynamics of bilateralism transfer of culture model, the semiotics novelty was brought through narrative examples, demonstrating the meaning construction of the city sign while interview was taking place. The entry of new semiotic elements in the reflections, demonstrated the possibility of the new semiotic generation and its potential to ease the unique narratives.

**Key words:** family, city meanings, gated upscale condos, folk psychology, Cultural semiotic based Psychology.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – SOBRE FAMÍLIA E CIDADE.....	18
1.1. CONDOMÍNIOS RESIDENCIAIS FECHADOS, FAMÍLIA E A CIDADE .....	18
1.2. FAMÍLIA: DO MUNDO PÚBLICO AO MUNDO PRIVADO (ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS .....	25
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
2.1. A PSICOLOGIA CULTURAL E OS SIGNIFICADOS.....	31
2.2. O RETORNO DO COTIDIANAMENTE HUMANO.....	35
2.3. NARRATIVA: PRINCÍPIO ORGANIZADOR DA EXPERIÊNCIA HUMANA.....	38
2.4. NARRANDO O EVENTO CANÔNICO.....	42
2.5. SIGNIFICADOS E SUA DIMENSÃO SEMIÓTICA.....	44
2.6. CONCEITO DE CULTURA NA PSICOLOGIA CULTURAL.....	50
2.7. INCURSÕES SOBRE A CANONICIDADE, CULTURA PESSOAL E A EMERGÊNCIA DO SIGNIFICADO.....	51
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	54
3.1. PARTICIPANTES, CONDOMÍNIOS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO.....	55
3.2. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E SUAS FAMÍLIAS.....	63
3.3. CONTEXTO DO ESTUDO.....	64
3.4. SOBRE AS ENTREVISTAS E OS ENTREVISTADOS.....	65
3.5. INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	67
3.6. ANÁLISE DOS DADOS: ETAPAS E PROCEDIMENTOS.....	69
CAPÍTULO 4 – TENDO UM FILHO: O NASCIMENTO DOS PAIS.....	73
4.1. “COMO FOI PARA VOCÊ A EXPERIÊNCIA DE TORNAR-SE PAI/ MÃE?” (A RUPTURA DO TORNAR-SE PAI/MÃE).....	74
CAPÍTULO 5 – A CIDADE E SEU SIGNIFICADO: O SIGNO E SUAS DIMENSÕES.....	83
5.1. SOB O SIGNO “CIDADE”.....	83
5.2. O MODELO DINÂMICO DAS TRÊS DIMENSÕES BÁSICAS DO SIGNO CIDADE.....	87
5.3. A CIDADE E A FAMÍLIA: IMPACTOS DE UM NOVO CONTEXTO DE CIDADE.....	88
5.3.1. A CIDADE ATUAL: SUAS TRANSFORMAÇÕES E PERDAS.....	89
5.4. CIDADE, FAMÍLIA E LAZER: CIRCULANDO NA CIDADE.....	98
5.4.1. TERRITÓRIO E SOCIEDADE: CONDIÇÕES DO LAZER.....	99
5.4.2. A CRESCENTE PRIVATIZAÇÃO DO LAZER.....	102
5.5. MORANDO NO CONDOMÍNIO E O DESEJO DE CIDADE.....	109
5.5.1. O CONDOMÍNIO.....	109
5.5.2. O DESEJO DE CIDADE.....	113
5.6. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO DE CIDADE.....	117
CAPÍTULO 6 – O SIGNO CIDADE E O FUTURO:	
A PREVALÊNCIA DA DIMENSÃO POLÍTICA.....	120
6.1. A CIDADE NO FUTURO DAS FAMÍLIAS.....	120
6.2. A DIMENSÃO POLÍTICA E A DIMENSÃO SOCIAL: DESVENDANDO AS NARRATIVAS ÚNICAS.....	130
6.3. DIVERSIFICANDO A NARRATIVA ÚNICA: A “OXIGENAÇÃO SEMIÓTICA”.....	134
6.3.1. DA CIDADE MIMÉTICA À CIDADE COM (ALGUMA) AUTONOMIA.....	134
6.3.2. DA CIDADE MERCADORIA À CIDADE CASA.....	135
6.3.3. DA CIDADE COM O “POVO” SEM EDUCAÇÃO . À CIDADE COMPLETAMENTE ANALFABETA POLÍTICA.....	137
6.4. PROMOVENDO A AÇÃO A PARTIR DO SIGNO CIDADE: A FUNÇÃO PROMOTORA.....	139

6.5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE E O FUTURO: ( OU, SOBRE AS ANDORINHAS.....)	140
CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
7.1. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA FAMILIAR E PERSPECTIVAS PARA PESQUISAS FUTURAS	150
REFERÊNCIAS	154
ANEXOS:	
ANEXO I – QUESTÕES PARA A ENTREVISTA NARRATIVA	158
ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	159

## APRESENTAÇÃO:

A relevância do estudo das cidades tem se destacado a cada dia em função do fenômeno da urbanização mundial, quando cada vez mais pessoas deixam a área rural e passam a viver em cidades. Em 2011 a população mundial alcançou o marco de 7 bilhões de pessoas, e destes, estima-se que 50% vivem em áreas urbanas. Há 200 anos, apenas 5% da população mundial viviam em cidades, enquanto a grande maioria se encontrava em zona rural<sup>2</sup>.

Grande parte desta população, dita vivendo em “cidades”, vive em suas periferias, em conglomerados humanos ou em favelas, locais normalmente não alcançados pelos supostos serviços no espaço urbano, enquanto outras pessoas têm acesso a estes serviços e a muitas outras facilidades. Deste modo, o “viver em cidade”, longe de ser uma realidade homogênea, implica em uma diversidade de modos de existência.

Nas cidades, termo aqui utilizado em seu significado de senso comum, há um território especificado – embora não delimitado de forma estanque -, uma coletividade humana que nela vive e um poder político que se propõe a dar alguma resposta a este viver coletivo. Dentro das fronteiras políticas, normas e ações influenciam o agir social, limitando-o ao mesmo tempo em que oferece possibilidades de atuação. Nestas cidades vivem as famílias, grupo primário de pertencimento e socialização, com suas demandas do viver, sejam materiais, simbólicas, espirituais, enfim, da existência humana em sua perpetuação. Cada família, embora componha a coletividade social, tem uma composição única de sujeitos e experiências.

Trazendo a questão da cidade para a concretude de Salvador-BA, das intensas modificações por que passa atualmente - sinais da intensificação de sua segregação social e fragmentação -, este estudo se propõe a abordar a relação família-cidade em um contexto de novidade urbana, o qual implica também em um novo modo de viver das famílias. Deste modo, a relação família-cidade é investigada na perspectiva das famílias que moram em condomínios residenciais verticais

---

<sup>2</sup> UN-HABITAT e as transformações da urbanização mundial na virada do milênio: Enfoques e perspectivas fonte. <http://www.mackenzie.br/17180.html>

fechados de alto padrão, com multioferta de serviços. Localizados em áreas centrais da cidade, estes novos condomínios dispõem no interior de seus muros, de serviços que há bem pouco tempo só seriam acessados através da circulação na esfera pública da cidade, como: academia de ginástica; praças de convívio e lazer; cinemas e atividades extraescolares para o público infanto-juvenil.

A busca por compreender a significação de cidade a partir do surgimento destes condomínios tem origem em um espanto ao perceber como estes locais residenciais, de alguma forma, se propõem a ser “comunidades”, ao mesmo tempo em que fortemente demarcam suas fronteiras em relação ao seu entorno. Mais do que uma curiosidade, passou a existir um desejo de entender como estas famílias lidavam com o movimento cotidiano de “dentro e fora” do muro, como isto impactava em seu cotidiano e como significavam aquilo nominado de cidade, que parecia estar “do lado de fora”. Assim, se configurou a seguinte contradição ou ambivalência: o fato de as famílias estarem na cidade, mas, ao mesmo tempo, aparentarem se isolar dela, ainda que de dentro dela, assemelhando-se ao fenômeno global da “segregação voluntária” ou “autosegregação das elites” (Bauman 2007).

Por se tratar de moradias de alto padrão, as famílias aqui estudadas, dentro da realidade e conjuntura brasileiras, pertencem a uma minoria. Com bom nível educacional, uma boa condição econômica e o poder que isto lhes confere em uma sociedade capitalista neoliberal de consumo, essas famílias têm um maior grau de autonomia frente às opções de serviços oferecidos através da esfera pública da cidade. A maior liberdade de escolhas frente às opções de que dispõem, torna possível suprir, de modo privado, muitos fatores relacionados à criação de seus filhos e à condição material da família.

No entanto, o viver familiar, a partir do lugar da não vulnerabilidade econômica, ainda assim é permeado pela realidade local do “além dos muros”, trazendo questionamentos acerca da reflexão sobre o futuro dos filhos nestas realidades tão distintas e marcadas pelo muro. Questões essas que irão tocar em fatores do viver coletivos, a exemplo da violência urbana, do trânsito, da impossibilidade de caminhar tranquilamente nas ruas, e da atuação do Estado.

Deste modo, este é um estudo acerca da experiência humana, enquanto pai e mãe, em um contexto de cidade. Trata-se de um esforço que visa a compreender um pouco mais a relação famílias e cidade, e o impacto desta naquela, tendo por

foco a dinâmica de significação da cidade, sem no entanto pretender ser uma pesquisa em urbanismo. A cidade, aqui trazida, se limita ao lugar onde a experiência do sujeito acontece, surgindo através de suas narrativas sobre ser pai ou mãe que se depara com a tarefa do viver, cuidar de seus filhos e proporcionar à sua família aquilo que lhe parece melhor – sendo, esta cidade, em termos concretos, a de Salvador da Bahia, em seus tempos atuais.

Partindo da experiência existencial desses pais, na busca da compreensão de como se dá a significação da cidade neste viver, a construção do significado de cidade é investigada a partir de suas narrativas. O suporte teórico para tanto provém da Psicologia Cultural, a qual estimula a apreensão do fenômeno **família-condomínio-cidade** através da compreensão dinâmica dos fenômenos individuais e sociais, a partir do estudo de mecanismo psíquico de construção de significado, considerando-se as ambivalências e contradições como fatores relevantes deste processo, além de estimular a interdisciplinaridade como forma de abordar o problema.

Compreender o viver familiar a partir do fenômeno do condomínio, abordado em uma lógica abstrata da separação inclusiva, proposta por Valsiner (2012), faz com que condomínio e cidade não sejam significados nem como fragmentos isolados nem como elementos necessariamente antagônicos. Nesta perspectiva, condomínio e cidade são partes de um mesmo sistema, sendo o estudo de sua relação revelador de significados e dinâmicas do viver contemporâneo coletivo humano, destacando as famílias, onde as transformações oriundas do passar do tempo são incessantes.

## **Problemática**

Diante desta contextualização, a relação família–cidade adquire relevância tanto para a compreensão deste novo modo de vida familiar, como para a compreensão das modificações por que passa a cidade.

O presente estudo, assim, tem como objeto as narrativas de pais e mães - moradores dos condomínios aqui especificados – em sua reflexão sobre o viver da família na cidade.

Como objetivo geral, buscou-se **investigar o processo de construção de significados do signo cidade pelos pais enquanto moradores de condomínios verticais fechados de alto padrão, a partir da reflexão do cuidado com seus filhos.**

Seus objetivos específicos foram:

- 1. Analisar a cidade significada nas narrativas dos pais através das dimensões temporais; e**
- 2. Analisar a dinâmica do signo cidade, a partir da experiência narrada, enquanto mediador e regulador semiótico.**

Para abordar esta problemática foi adotado o referencial teórico da Psicologia Cultural, com destaque ao princípio narrativo enquanto organizador do psiquismo humano e à categoria de análise 'psicologia popular' proposta por Bruner (1990), assim como à função reguladora dos signos no psiquismo humano, trazida por Valsiner (2012).

De acordo com a Psicologia Cultural, o processo de construção de significado é o mecanismo central do psiquismo humano (Bruner, 1990; Valsiner, 2012), uma vez que o ser humano lida com seu ambiente interno e externo através dos significados que atribui a eles. Assim, investigar a forma como a cidade está sendo significada, implica em tentar desvendar como essas famílias estão lidando com essa esfera de coletividade e o que nesta relação e na própria cidade leva ao surgimento e ao sucesso dos condomínios enquanto novidade imobiliária. Além disto, ao representar um novo contexto de residência, faz-se relevante investigar como essas famílias vivenciam seu cotidiano entre seu mundo coletivo privado – o condomínio – e a coletividade pública que se encontra na cidade, e qual a relevância desta na vida das famílias, de acordo com as narrativas dos entrevistados.

Este estudo foi dividido em sete capítulos, cuja estruturação é apresentada a seguir:

**Capítulo 1 – Sobre família e cidade.** Trata-se de uma breve revisão de literatura abordando a questão contemporânea da retração das famílias de classe elevada em relação à cidade, e o advento dos condomínios residenciais fechados como a escolha de moradia destas famílias. Neste mesmo capítulo são trazidas

algumas contribuições históricas sobre a relação família-cidade, dando ênfase ao fenômeno nomeado por Phillipe Ariès de “individuação da família”.

**Capítulo 2 – Fundamentação teórica.** Neste capítulo é feita uma explanação da Psicologia Cultural, abordando seus principais conceitos, a partir das proposições de Jerome Bruner e Jaan Valsiner. É através da aplicação dos conceitos aqui trazidos que as narrativas dos pais serão analisadas, fundamentando teoricamente a compreensão da construção dos significados e sua interpretação. Esta explanação engloba as seguintes temáticas: a narrativa enquanto princípio organizador do psiquismo humano; o processo de canonicidade no sistema interno de significação do sujeito; cultura pessoal e cultura coletiva; as generalizações e narrativas únicas; o modelo bidirecional da transferência de cultura; elementos da função mediadora e reguladora dos signos, com seu campo de afeto; o conceito de cultura e o uso deste conceito pela Psicologia Cultural.

**Capítulo 3 – Aspectos metodológicos.** Descreve como a pesquisa foi estruturada e seus procedimentos operacionais, além de apresentar seus participantes e os condomínios em que moram.

**Capítulo 4 – Tendo um filho: o nascimento dos pais.** Aborda o significado dado pelos pais e mães acerca do nascimento dos filhos, qual a relevância deste acontecimento em suas vidas e como eles narram as mudanças que sentiram ao se tornarem pais e mães. Neste capítulo é trazido o conceito de ruptura enquanto um evento que causa ressignificações no repertório semiótico do sujeito. O objetivo deste capítulo é analisar o afeto e o cuidado que os pais narram ter por seus filhos, assumindo este posicionamento como âncora para a reflexão sobre ter uma família na cidade de Salvador.

**Capítulo 5 – A cidade e seu significado: o signo e suas dimensões.** Neste capítulo são analisadas as formas através das quais os pais significam a cidade, a partir de suas vivências, destacando a importância e o impacto da cidade, percebido por eles, na vida de suas famílias. Para a análise das experiências de cidade narradas, a fim de alcançar uma compreensão mais profunda daquilo a que o signo



cidade se refere, foi proposto o **Modelo Dinâmico das Três Dimensões Básicas do Signo Cidade**. Neste capítulo foi priorizado o significado de cidade em uma temporalidade de presente e passado. O signo cidade foi também abordado a partir de uma reflexão que considerasse um desejo de cidade dos entrevistados, e da reflexão a partir da vivência do condomínio e das escolhas de lazer da família.

**Capítulo 6 – O signo cidade e o futuro: a prevalência da dimensão política.** A partir da identificação na análise das narrativas de que a cidade em uma temporalidade de futuro era significada a partir da prevalência da dimensão política, foram trazidos neste capítulo alguns processos de construção de significado do signo naquela temporalidade. Foi dado destaque à dinâmica entre a dimensão política e a dimensão social, revelando uma retroalimentação de significações levando a uma “armadilha semiótica”; aos processos de generalizações, formações de narrativas únicas e canonicidades; e aos processos propiciadores do surgimento de significados novos ou a ressignificações da cidade.

**Capítulo 7 – Considerações finais.** Aqui são destacados os pontos mais relevantes do estudo, apontando-se perspectivas e ênfase que novas pesquisas poderão assumir, visando aprofundar a compreensão da relação família-cidade diante de sua relevância, tanto para a cidade como um todo, na construção de uma coletividade ampla, como para a vida das famílias de modo particular.

## CAPÍTULO 1

### SOBRE FAMÍLIA E CIDADE

#### **1.1. Condomínios residenciais fechados, família e a cidade.**

A família, enquanto instituição socializadora, é vista como um grupo intermediário entre o indivíduo e a sociedade mais abrangente (Petrini 2003, 2007, Donati, 2008), sendo um mediador que representa um núcleo de relações significativas para o sujeito. A relação com o mundo exterior a partir da família, como apontam Lima e Alves (2005) “confere elementos para a criação de pontes de contato com a vizinhança, a comunidade, a cidade, ampliando a contextualização de pertencimento [...]”. Apesar desta perspectiva, em que a família é vista enquanto um elemento integrador entre o indivíduo, a comunidade e a cidade, um dado marcante da atualidade urbana soteropolitana tem sido a intensificação do movimento de segregação voluntária das elites em condomínios cada vez mais protegidos do mundo exterior, conforme aponta o fenômeno da expansão dos condomínios residenciais fechados (Ivo, 2012).

O fenômeno da desigualdade e da segregação não é novo em Salvador, pois, como aponta Carvalho e Pereira (2008), Salvador é caracterizada desde sua origem colonial como uma cidade de desigualdades, apresentando traços evidentes de segregação, como demonstram os autores:

Casarios coloniais, igrejas barrocas, praias ensolaradas... Normalmente associadas a Salvador, essas imagens não retratam todo o panorama da velha capital e da sua região metropolitana, onde se encontram algumas ilhas de modernidade e vastas áreas marcadas pela precariedade, pela pobreza e pela segregação. (CARVALHO, I.M.M. & PEREIRA G.C., 2008, p.81)

Nas últimas décadas, no entanto, esta segregação vem se intensificando. Se por um lado os socialmente vulneráveis sofrem exclusão social involuntária, vivendo em situação de precariedade e abandono do Estado, do outro, as classes sociais mais poderosas parecem viver um processo de “exclusão voluntária” ou um afastamento em relação à vivência da cidade em sua dimensão de espaços públicos (Ivo, 2012).

Por se tratar de um elemento relacionado à produção de espaço urbano, os condomínios residenciais fechados têm sido objeto de estudo de diversas áreas. Compreendendo o espaço físico como um espaço social (Milton Santos, 1979), os condomínios fechados são vistos pelas ciências sociais como expressão da intensificação do fenômeno da segregação que atinge muitos centros urbanos.

Sendo um fenômeno social dinâmico, a “cidade” tem se configurado de forma diversa ao longo da história. A cidade atual, segundo Amendola (1997), dita “pós-moderna”, tem como um dos principais elementos, mais do que a violência, o medo da violência. Essa nova dinâmica do medo é, então, relacionada à tendência crescente de grande parte das classes mais altas restringirem suas vidas a locais fechados como condomínios e shoppings centers.

Bauman (2007) identifica a segregação das elites nos centros urbanos como um fenômeno global. Para o autor, os grandes centros urbanos ao mesmo tempo em que atraem pessoas, seja por sua diversidade de oportunidades de trabalho, seja por uma dinâmica social mais intensa e diversificada, eles causam medo diante da proximidade com o outro desconhecido, e por isto não familiar. Esse movimento de “mixofilia” e “mixofobia” faz com que ao mesmo tempo em que as pessoas são atraídas pelas cidades, elas busquem um certo distanciamento do outro que lhe causa estranheza e medo. Diante de sua possibilidade econômica, os grupos privilegiados têm buscado um isolamento do todo social:

“Pode-se afirmar que, entre as transformações sociais, culturais e políticas associadas à passagem do estágio “sólido” para o estágio “líquido” da modernidade, o afastamento da nova elite (localmente estabelecida, mas globalmente orientada e apenas ligada de forma distante ao lugar em que se instalou) de seu antigo compromisso local e a resultante brecha espiritual/ comunicacional entre os espaços em que vivem e viveram os que se separam e os que foram deixados para trás são as mais fundamentais” (BAUMAN, Z., 2007, p.84)

Esta separação revela-se não só como uma busca de maior grau de proteção pessoal frente às ameaças urbanas cotidianas, como também uma maior privacidade, material e simbólica, no momento em que alcançam um distanciamento da esfera coletiva e de sua influência. De acordo com Bauman (2007) “qualquer um que tenha condição adquire uma residência num “condomínio”, planejado para ser uma habitação isolada, fisicamente dentro da cidade, mas social e espiritualmente

fora dela”. “O gueto voluntário das elites” (Bauman, 2007, p.82) também tem sido observado em cidades brasileiras.

Dentre os estudos sobre a motivação subjacente pela escolha dessas moradias, destacam-se as pesquisas de Svampa (2001), na Argentina. São identificadas três motivações principais: a procura por uma vida próxima à natureza; a busca por distinção social; e a busca por segurança.

Em Salvador, um estudo empírico realizado com moradores de condomínios fechados (Arantes, 2009) aponta como motivadores também a segurança, a busca por uma vida mais tranquila, a sociabilidade de vizinhos como um resgate da vida em cidades do interior. Neste estudo, o autor destaca uma mudança do significado de morar em condomínios no relato de moradores a depender da época que buscaram tal moradia. Para os mais antigos, morar num condomínio fechado significava o resgate da sociabilidade e a tranquilidade, enquanto que para os mais novos, a o significado de tal moradia era a segurança, liberdade e autonomia dentro deste espaço.

Teresa Caldeira (2000) destaca a segurança como o principal fator da opção pelos condomínios. Analisando a cidade de São Paulo, aponta a autora para uma nova estética da segurança a qual abrange todos os tipos de construção e na qual se impõe uma nova lógica da vigilância e da distância, onde muros, câmeras e outros aparatos de segurança tornam-se parte integrante das cidades.

Esses locais fechados, nominados por Caldeiras (2000) como “enclaves fortificados”, tiveram expansão diante do contexto da globalização e da liberalização da economia. Assinala Mattos (1999) que esses fatores acentuaram a segregação que já existia, uma vez que o neoliberalismo restringiu a atuação do Estado, deixando o território das cidades mais vulneráveis à lógica do mercado.

Para Caldeiras (2000) os condomínios fechados, um tipo de “enclave fortificado”, significam uma relação de ruptura com a cidade:

“São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança que impõe as regras de inclusão e exclusão. São flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes de seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. [...]

Em conseqüência, embora tendam a ser espaços para as classes altas, podem ser situados em áreas rurais ou na periferia, ao lado de favelas ou casas autoconstruídas. Finalmente, os enclaves tendem a ser ambientes socialmente homogêneos. Aqueles que escolhem habitar esses espaços valorizam viver entre pessoas seletas (ou seja, do mesmo grupo social) e longe das interações indesejadas, movimento, heterogeneidade, perigo e imprevisibilidade das ruas. Os enclaves privados e fortificados cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de espaço público aberto à livre circulação. Eles estão transformando a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão se tornando cada vez mais marcados por suspeitas e restrição (CALDEIRA, 2000, p. 258-259).

No entanto, Martins (2008), chama a atenção para o uso instrumental do medo como o elemento explicativo predominante. Em seu estudo sobre a expansão dos condomínios fechados em Lisboa, Portugal, cidade à época considerada não violenta, o item segurança não apareceu como motivador para a escolha do condomínio. A autora aponta para a necessidade de se problematizar o fenômeno da expansão dos condomínios, buscando identificar outros fatores relevantes associados ao fenômeno:

A pesquisa sugere a importância de questionar a instrumentalização da noção de segurança na expressão de receios fundados em múltiplos desconfortos e interesses estratégicos, os quais, aglutinados num termo único, perdem visibilidade própria, geralmente, em prol do acentuar do medo do crime. (MARTINS, 2008, p. 21)

Em lugar do fator segurança como o argumento motivador à busca por condomínios, a pesquisa em Lisboa aponta para uma série de outros fatores, sendo a busca por uma “qualidade de vida” seu motivador principal. A ausência de “qualidade de vida urbana” era atribuída ao baixo desempenho do Estado na gestão e manutenção da esfera da coletividade.

Ao desenvolvimento do fenômeno em Lisboa preside, segundo os entrevistados, uma multiplicidade de razões, associadas não apenas as lógicas da procura, mas também as estratégias do mercado da oferta de espaço residencial, e a dinâmica de mútuo ajustamento e regulação dos dois mercados, vetor em que o Estado e políticas territoriais é particularmente chamado à discussão. [...] Um importante (e preocupante) espaço de consenso refere-se ao factor considerado mais eficiente para perceber a decisão de residir, em Lisboa, nestes empreendimentos: a falta de qualidade urbana da *cidade actualmente existente*, ancorada no descrédito/desilusão votados ao desempenho dos poderes públicos na gestão e manutenção da coisa publica (e do espaço publico).” (MARTINS, 2008, p.21)

Os entrevistados falaram de uma “qualidade de vida” através de recordações da infância, momento em que era possível circular em ruas organizadas, conversar com vizinhos, frequentar cafés, piscinas públicas... sobre uma época em que a cidade era bonita. Os estudos revelam a segregação, a retração da vida urbana. Souza (2008) aponta para a “fragmentação do tecido sociopolítico-espacial”, restringindo muitos tipos de interação social e tornando os grupos mais seletivos.

A questão dos condomínios tem gerado debates sobre o destino da cidade, implicada aí a questão do papel e vínculo de pertencimento ao Estado, discussão sobre a cidadania e democracia, ao se compreender ser o condomínio uma espécie de arena quase autônoma em relação à cidade.

Martins (2008) aponta para duas correntes de opiniões em relação à expansão dos condomínios fechado, apresentadas abaixo:

<b>Uma visão pessimista</b>	<b>Uma visão otimista</b>
Demissão de cidadania	Exercício de direito de cidadania (optar por um condomínio fechado)
Autodefesa e ideologia preventiva (ameaça ao monopólio público da violência)	Proteção contra a experiência de vitimização pelo crime
Demarcação ostensiva de desigualdades sociais (ameaça ao sentido de coesão social)	Reforço do sentido de vizinhança, humanização das relações, a redescoberta do <i>outro</i>
Desvalorização da heterogeneidade social, (potenciar incompreensão da diversidade do <i>outro</i> )	Instrumento de governança (promoção de modos gestão comunitária do espaço)
Deslegitimação do papel/ação/poder do Estado	Alívio das despesas do Estado (envolvimento/responsabilização dos privados)
Obstáculo ao incremento de visão de conjunto na gestão de recursos e ordenamento territorial	Contribuição para ordenamento global (proteção ambiental de recursos estratégicos)
Fuga da cidade	Retorno à cidade

Reflexões sobre o destino da vida coletiva urbana apontam para a importância das pesquisas sobre a significação da cidade. Visto como um produto do mercado imobiliário, estrategicamente planejado, configurando-se como um fenômeno global, essa moradia não representa apenas um local para se viver, e sim uma série de construções simbólicas acerca da cidade.

Ivo (2012), em estudo sobre a explosão de condomínios fechados verticais em Salvador, analisa as estratégias de marketing desses empreendimentos. Para a autora, a propaganda é peça-chave da amplitude globalizada do fenômeno. Nesta análise destacam-se os elementos na construção simbólica negativa da cidade, estratégia principal frente à qual o empreendimento tem suas características valorizadas:

Na criação desse simulacro do desejado e adquirível, inserido no padrão de consumo de massa, a propaganda é peça-chave: inventa mundos inexistentes e autorreferidos. A partir das peças publicitárias, a cidade real desaparece, torna-se um “vazio”. **O uso simbólico de imagens a serviço dos megaempreendimentos imobiliários exorciza a cidade real. A sua existência aparece apenas, e de modo indireto, como suposta ameaça à segurança do lugar, a partir da qual se fortalece o mito da “cidade aterrorizadora”, em contraposição ao que o empreendimento oferece: o ideal de pacificação e a tranquilidade garantidos pelos espaços fortificados de moradia e lazer.**

Aqui, não apenas as peças publicitárias, mas, principalmente, o serviço de relações públicas e outros meios de divulgação ampliam as estratégias de *marketing*. (IVO, 2012, p.137-138) (grifo nosso)

Tratando-se de mercado residencial, esses condomínios fechados de alto padrão - um produto voltado para a esfera da vida privada -, têm como público alvo as famílias de classe média alta e alta. Em matéria veiculada no jornal “A Tarde”<sup>3</sup>, um empresário do setor afirma que os clientes “em geral, são famílias com dois filhos, a partir de 35 anos. É um tipo de cliente que gosta de ter privilégios”. A matéria aponta como novidade no setor, a redução da faixa etária dos compradores de 40 a 55 anos para 30 a 40 anos.

Além de buscar atender às demandas das famílias, a publicidade dos condomínios fechados, segundo Ivo (2012), tem um papel decisivo na construção simbólica de um “estilo de vida”:

O partido urbanístico se repete nesses empreendimentos: praça central com destaque para a área da piscina, na sua grande maioria em forma ameboide, circundada pelas áreas de convívio, de lazer e os espaços verdes. O “deck molhado” ou a “prainha” é peça obrigatória no complexo de piscinas. A raia para prática de esporte e de uma vida saudável também se torna diferencial no mercado. Entre os espaços privados e o exterior, instalam-se os espaços de consumo e lazer, como espaços coletivos. Entre o simulacro e a cidade real, o mercado se instala na forma de serviços. Seguindo esse mesmo padrão arquitetônico, em que a moradia é convertida em espaço de serviço, a negação da cidade real é reforçada. (IVO, 2012, p.140)

---

<sup>3</sup> Jornal A Tarde, Classificados, 07.07.12, Salvador-Ba, p. 2.

Os condomínios fechados passam a incorporar para dentro de seus muros serviços antes acessíveis somente no espaço da cidade. Esse fato é trazido como uma busca de total autonomia do empreendimento em relação à cidade. Conclui a autora que essa fragmentação põe em cheque o ideal de cidadania e conseqüentemente de Estado Democrático, uma vez que a coletividade urbana é desfeita.

**É nos espaços “entre” as ilhas segregadas que os embates opõem a dimensão da cidadania política à cidadania civil, pela negação aos cidadãos do direito democrático à cidade.** Assim, a segregação espacial não se restringe a uma polarização e uma dicotomia dos espaços entre ricos e pobres na cidade, mas supõe a forma histórica de constituição do espaço público da pólis, profundamente desigual e marcado pela ausência efetiva do Estado na regulação da coisa pública. **É entre as formas distintas de apropriação do espaço público desregulado pelo mercado e as estratégias de acesso ao direito de moradia dos cidadãos que se observa uma tendência crescente de privatização das áreas públicas,** como resultado dos novos arranjos e táticas das forças sociais e de mercado na solução da vivência pública da urbe contemporânea. (IVO, 2012, p. 144) (grifo nosso).

Negar a vida na cidade, conforme os autores acima, implica em negar um viver coletivo. Atualmente, o Estado ainda é tido como o ente unificador. Deste modo, questiona-se se estaríamos passando por uma fase de transição em que novos arranjos coletivos seriam firmados, perdendo o Estado sua força política e social.



## **1.2. Família: do mundo público ao mundo privado.**

### **(Algumas Considerações históricas)**

Embora a expansão dos condomínios fechados residenciais seja um fenômeno associado à globalização, tendo maior ênfase a partir da década de 1980, a retração da família em relação à vida da cidade não é um fenômeno novo. Araújo (2004), através da pesquisa sobre o espaço privado moderno em Salvador, aponta para a necessidade do olhar histórico sobre a organização espacial da habitação, uma vez que esta organização, como entendida na sociedade moderna, tem uma origem e um propósito. Este aspecto ideológico fica comumente escondido diante da premissa da maioria dos estudos clássicos na área, que parte da perspectiva de que a organização espacial das moradias se origina “das necessidades humanas como abrigo, privacidade conforto e independência que a casa pode proporcionar” (p. 61).

A partir do momento em que a família passou a se retirar de uma esfera coletiva, na qual as relações se davam de modo espontâneo e sem reservas, ocorre a cisão entre os mundos da casa e o mundo da rua, destruindo a antiga sociabilidade que tinha por base a vida pública e dando origem à vida privada. De acordo com Ariès (1980), a distinção entre as dimensões sociais de vida familiar privada e de vida pública tem suas primeiras manifestações no século XV. Neste momento a família, uma realidade social concreta, surge como um valor de intimidade, atribuído ao surgimento do sentimento de privacidade, o qual viria se contrapor ao modo de vida então vigente. Para o autor, na passagem da Idade Média para a Moderna ocorre o nascimento e desenvolvimento do sentimento de família - inicialmente nas classes abastadas e, a partir do século XVIII, difundido “tiranicamente” a todas as camadas sociais.

Ariès (1981a) contesta o modelo explicativo que apresenta as transformações dos últimos séculos como o triunfo do individualismo sobre as obrigações sociais. Para o autor o que houve foi a **individuação da família**, passando toda a energia do casal a servir aos interesses de uma coletividade reduzida (p. 273). Neste cenário, os filhos tornaram-se o principal foco de investimento e afeto. Afirma o autor que havia muito mais individualismo nos prolíficos pais do Antigo Regime, quando, apesar das condições de existência precárias, a reprodução e a mortalidade infantil ocorriam de modo inconsequente. Afirma Ariès (1981a) que “Toda a evolução de

nossos costumes contemporâneos tornam-se incompreensíveis se desprezarmos esse prodigioso crescimento do sentimento de família. Não foi o individualismo que triunfou, foi a família.” (p. 274).

Esta retração da família em sua busca pela privacidade, intimidade e consequente individualidade também é testemunhada através das modificações em suas habitações. Araújo (2004), em conformidade com Rakatanski (1992) no que se refere às narrativas do espaço, aponta para a necessidade de “ler o espaço privado à luz das mentalidades e das práticas domésticas, incluindo relações entre gêneros, pais e filhos, patrões e criados, dentro e fora, privado e público, o que é supor ser visto, tocado, cheirado e ouvido” (p.61).

Estudos arquitetônicos demonstram como as moradias foram ao pouco se compartimentalizando, inclusive criando espaços entre a casa e a rua, estabelecendo uma barreira espacial e simbólica em relação à coletividade urbana. Conforme Araújo (2004), autores europeus como Robert Kerr identificam o requisito da privacidade na planta da casa elizabetana do século XVI. Nesta planta já aparece o ideal de cômodos privados, separação do espaço destinado aos empregados e a introdução do corredor como instrumento agenciador da privacidade. Conforme Rybczynky (1993), o conforto, enquanto uma das qualidades boas da casa, surge já no século XVIII, na França.

Segundo Sennet (1998) o palco do mundo público teria sido apropriado pelo psiquismo privado em detrimento da sociedade. Para este autor, no século XVIII, com a dicotomia natureza/cultura e a busca de imagens que representassem esse discurso, foi construída a distinção entre público e privado, sendo o privado identificado com o natural e o cultural com o público. Alinhado a este discurso, Araújo (2004) destaca que a arquitetura do século XIX passa a enfatizar a privacidade e outros atributos que a casa burguesa irá demandar.

Focando apenas no recorte urbano do Ocidente, paralelo aos desenvolvimentos na vida privada, a vida da cidade também passou por transformações. Ariès (1981b), em artigo intitulado “A família e a cidade”, retoma o tema da sociabilidade urbana, relacionando-a, entre outros fatores, à expansão da família e da vida privada. Vale ressaltar que os alvos da privatização foram principalmente as mulheres e as crianças, mantendo o homem sua liberdade na esfera pública.

Comparando a sociabilidade das sociedades tradicionais com as sociedades após o século XVIII, Ariès destaca naquelas a relação indivíduo comunidade, na qual família, vizinhos, amigos e inimigos estabeleciam relações que exigiam solidariedade. A vida ainda não era regida pelo poder disciplinador do Estado, e sim pelos limites que a comunidade colocava, os quais podiam ser flexibilizados pelo indivíduo a partir da conquista individual de espaços sociais, assim como um aventureiro conquista novas terras.

A partir do século XVIII, Idade das Luzes e da industrialização, surge o novo modelo de sociedade. Ariès destaca três grandes mudanças: 1) o Estado se torna técnico e organizador, não permitindo mais espaços de liberdade, salvo em áreas específicas com sua autorização; 2) a separação entre os lugares do trabalho e os lugares das demais atividades, como a casa, a rua e o campo; e o terceiro fenômeno que Ariès destaca como sendo de uma ordem diferente dos anteriores, por sua natureza psicológica, tratando-se de uma nova forma de vivenciar o afeto, conforme descrito a seguir.

Este fenômeno psicológico do afeto apresenta uma correlação cronológica com os fenômenos precedentes, implicando século XVIII ter abrigado, além da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, uma “grande revolução da afetividade” (Ariès, 1981b, p.16). Até então a afetividade era considerada difusa, abrangendo seres naturais e sobrenaturais como Deus, animais, pais, vizinhos, jardins, mas a partir deste período irá se concentrar na interior da família, do casal e dos filhos.

O século XIX é trazido por Ariès como uma grande época da cidade e da urbanização. A população das cidades aumentou, multidões de pobres imigrados do campo traduziam a visão do medo para o burguês e o proprietário. Esta cidade, porém, ainda mantinha a mesma natureza que a do século XVIII, uma cidade composta por bairros que constituíam comunidades de fato. Mas aponta Ariès (1981b) que “uma nova sociabilidade substituirá a antiga, mantendo e desenvolvendo as funções essenciais da cidade” (p. 18).

Havia agora o “café” (o restaurante ou pub) que era o lugar do discurso, um lugar público. Numa cidade em que as pessoas já não se conheciam tão bem, o “café”, estabelecimento exclusivamente urbano, era o local do encontro. Diante do grande número de cafés, sugere-se que o novo setor público se desenvolveu espontaneamente no século XIX. Obviamente, os cafés logo passaram a ser alvo de

controle do Estado, pois eram vistos como uma ameaça ao seu poder e passaram a ser enquadrados por regulamentos e pela polícia, sem, no entanto, sucumbir ao ser controle.

Para Ariès, o papel do “café” e o papel da família devem ser considerados na mesma época, sendo a família o lugar privado e o café o lugar público. Tanto um como outro são apontados como “as duas únicas exceções ao sistema moderno de vigilância e de ordem e à sua extensão em todo o espaço social” (p.20). Devido a este fato, de que ao lado da casa e da privacidade, uma vida pública muito real acontecia – ainda que bastante diferente daquela da sociedade tradicional – os progressos da privacidade não enfraqueceram nas cidades sua sociabilidade pública (ao menos a masculina), sendo as cidades dessa época, mesmo as muito grandes, “cidades tão vivas”.

Importante ressaltar que para outros autores (Pesavento, 1999; Petti, 2004) a implantação dos cafés não aconteceu espontaneamente, mas fez parte de um projeto que resultou na Grande Intervenção em Paris, na segunda metade do século XIX, levada a cabo pelo Prefeito do Departamento do Sena, o Barão E. Haussmann, durante o governo de Napoleão III (Luis Napoleão). Foram concebidos para o usufruto da burguesia vitoriosa, quando, através da demolição do antigo tecido urbano medieval, foi possível criar largas e arborizadas avenidas (os bulevares) emoldurados pelas edificações padronizadas e esteticamente valorizadas. Romancistas, poetas, pintores, chargistas, contemporâneos da reforma, retratam, esta nova Paris, que veio, inclusive, inspirar as reformas de Pereira Passos, no Rio de Janeiro e de Salvador, nos governos de J. J. Seabra (1912/1916 e 1922/1926).

Voltando a Ariès, este autor aponta que já o século XX é considerado o momento de degenerescência da cidade.

“Por volta da metade do século XX, no Ocidente industrializado, essa sociabilidade pública se desmorona. A função social e socializante desaparece. **Quanto maior for a população urbanizada, menos existirá a cidade.** [...]”

Um tecido urbano ou de aparência urbana recobre imensos espaços contínuos, em todos os nossos países, mas especialmente nos Estados Unidos, onde substitui a cidade. Já não há mais cidade. Esse fenômeno, sem dúvida um dos mais importantes da história de nossas sociedades, deve ser correlacionado ao que sabemos de família e de suas modificações” (ARIÈS, P. 1981b, p.20) (grifo nosso)

Por volta do fim do século XIX, ainda antes do automóvel, os habitantes mais ricos saem das cidades densas e aglomeradas, consideradas perigosas e doentias,

em busca de locais com o ar mais puro e uma vizinhança mais decente<sup>4</sup>. A segregação começa a operar, não somente entre bairros burgueses e ricos e populares e pobres, mas também segregações de funções como bairros residenciais e de trabalho. Nesse esquema, não haveria mais espaço para a sociabilidade.

A função urbana, caracterizada por uma vida coletiva, deixa de existir. Neste novo espaço não há o lugar do encontro. Até os cafés, afirma Ariès, tornaram-se apenas cafeterias, lugar onde se vende café.

Posteriormente o carro, uma extensão da casa, passa a ser o veículo de deslocamento de um lugar para o outro. Assim as cidades passaram a estar ou engarrafadas, na pressa do deslocar-se, ou *vazias*.

“A aglomeração urbana passa então a se constituir de pequenas ilhas, casas, escritórios, centros comerciais, isolados por um grande vazio. O espaço intersticial desapareceu.

Essa evolução foi propiciada pelo automóvel e pela televisão. Mas já estava preparada pelo culto da privacidade e seus progressos, ao longo do século XIX, primeiramente na burguesia e nas classes médias.” (ARIÈS, 1981 b, p. 22)

Essa degeneração da cidade é apontada por Ariès como decorrente da quebra do equilíbrio entre a sociabilidade das cidades e os efeitos da privatização e do novo modelo de família. Até então, havia equilíbrio entre a vida familiar em casa e a vida no café. Com o rompimento deste equilíbrio, a atração pela vida privada permaneceu, agora auxiliada pelo automóvel e pela televisão, quando a família e a vida privada absorveram toda a vida social.

O espaço público passou apenas para servir de via para o deslocamento entre a casa, o trabalho e a loja, deixando de ser espaço de troca, encontro e diversão. Essa função passa a ser também suprida pela vida privada e a família.

Deste modo, afirma Ariès que, com a falência do setor público do século XIX, os contemporâneos acreditavam que as demandas de sociabilidade poderiam ser supridas pela extensão do setor privado familiar. Tudo passou então a ser demandado da família. Seria então a constituição da “pequena sociedade completa”, em que a família passa a deter o “monopólio da afetividade, da preparação para a vida, do lazer”. Por sua tendência a monopólio a família passou a hipertrofiar seus

---

<sup>4</sup> Em Salvador, esse abandono do centro da cidade também ocorreu na passagem do século XIX para o XX. Inicialmente para o Corredor da Vitória e posteriormente para os bairros do Canela, Garcia e Graça. (Araújo, A. 2004).

papéis, como consequência da decadência da cidade e da sociabilidade do espaço público.

Relacionando esse cenário à crise da família contemporânea, Ariés conclui que a família ao tentar substituir a sociabilidade da vida pública, tarefa impossível, viu-se com demandas que não poderia suprir. Assim, finaliza afirmando que “a causa profunda da crise atual da família não está na família, mas na cidade”. (p. 23).

Tal afirmativa aponta para a relevância da cidade para a vida familiar, destacando a relação família-cidade como um campo de estudo próprio, demandando investigações a fim de compreender como a família e a cidade se influenciam mutuamente, identificando tanto os impactos na família decorrente das características da cidade, assim como os impactos na cidade decorrente do comportamento das famílias.

O fato de se destacarem a família e a cidade, não implica, porém, que o todo seja composto ou possa ser explicado apenas a partir deste binômio. Entende-se aqui que estes são signos que nomeiam fenômenos sociais, particularizando-os frente a um todo social, sem com isto romper as relações que existem entre as diversas partes do sistema. Assim família e cidade implicam em uma relação dialética de mútua influência, inclusive com os outros fenômenos que compõem a realidade social e que muitas vezes não são facilmente percebidos.

Família e cidade não são fragmentos estanques que possam ser restringidos apenas em si mesmos. A relação família-cidade configura-se em uma dinâmica muito mais complexa e abrangente, influenciando e sendo influenciada por muitos outros fatores, a exemplo dos interesses do mercado que atuam de modo incisivo, tanto no comportamento das famílias como no planejamento das cidades. Estudar a relação entre a cidade e a família mostra-se então uma necessidade na busca de compreender como se dá a dinâmica do humano na coletividade pública e privada. Deste modo, estudos acerca da relação família e cidades, mais do que um fechamento em respostas objetivas, representam a possibilidade de novas compreensões dos fatores envolvidos nesta relação, sendo uma abertura de conhecimentos decorrente da complexidade das relações humanas em coletividades, que, apesar dos desafios que impõe, não deve ser negligenciada.

## CAPÍTULO 2

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### **2.1. A Psicologia Cultural e os significados:**

A revisão de literatura sobre o fenômeno dos condomínios fechados de luxo aponta para a construção do significado de cidade a partir do enfoque publicitário dos condomínios, o qual esvazia seu valor. Ao mesmo tempo, outros atores sociais destacam a cidade como um bem coletivo que precisa ser conservado. Essa variedade de significados implica para complexidade da vida social, na qual ao indivíduo são apresentadas diversas interpretações para os eventos que compõem sua vivência.

Apesar das várias mensagens presentes e veiculadas na semiosfera<sup>5</sup> - conceito trazido por Lotman (2005) para apresentar um espaço semiótico no qual a semiose, ou processo de significação dos signos, é possível - o processo de construção de significado ocorre ao nível individual, sendo sua síntese única de cada pessoa. É através do pensamento, algo que acontece no mundo interior do sujeito, que o indivíduo dá sentido ao mundo e a si mesmo. Organizadas culturalmente, através do princípio narrativo, as experiências vão sendo significadas, integrando, a um só tempo, insumos provindos do ambiente, ou da cultura coletiva, e as elaborações anteriores do sujeito ou os sistemas de sentidos pessoais, nominados de cultura pessoal. Esta característica da subjetividade de gerar significados a partir da relação dialética com o ambiente não foi muito considerada pela psicologia científica tradicional, para a qual o tema da subjetividade sempre causou certo desconforto frente ao paradigma positivista e ao modelo de ciências naturais transplantados para a psicologia (Bruner, 1990).

A Psicologia Cultural, abordagem psicológica que surge como resposta à fragmentação e “objetividade” operados no estudo do psiquismo humano, propõe a retomada de temas presentes no estudo inicial da psicologia, como a questão da subjetividade, destacando-a como característica fundamental do psiquismo humano.

---

<sup>5</sup> Semiosfera: o espaço semiótico necessário para a existência e funcionamento de linguagens - não a soma total de diferentes linguagens. Em certo sentido, a semiosfera tem uma existência prioritária e está em constante interação com linguagens (Lotman, 1990, p. 123) (Apud Valsiner, 2012, p.85).

Neste passo, recobra a Psicologia Cultural, em seus pressupostos, a relação que se estabelece entre o ser humano e seu ambiente, afirmando ser o homem um ser constituído através da cultura, buscando então focar no aspecto da dinâmica das relações das partes que compõem o todo.

Para isto, Valsiner (2012) destaca a necessidade de uma abordagem holística na construção do conhecimento sobre o humano. Rompendo com lógica da operação abstrata da **separação exclusiva**<sup>6</sup>, apresenta a operação abstrata de **separação inclusiva**, apontando que neste modelo “partes do sistema são diferenciadas e separadas umas das outras, e seu relacionamento se torna a base para o funcionamento do sistema que as inclui.” (p. 85) (grifo nosso).

A compreensão dos fenômenos a partir da lógica da separação inclusiva deixa evidente que a experiência humana é um todo complexo que se diferencia em partes sem, no entanto, deixar de ser a mesma matéria original e integrante do fenômeno total. Deste modo, a lógica da separação inclusiva para a análise e compreensão dos fenômenos psíquicos humanos, assim como dos fenômenos sociais, torna-se um paradigma teórico estruturante.

A partir daí não é mais possível buscar compreender a experiência humana de modo fragmentado, no qual indivíduo e sociedade possam ser elementos separados um do outro, estando o sujeito em uma individualidade fictícia e solipsista de um lado, e a sociedade como um ente descolado do sujeito e com uma vida própria e independente dos seres que a compõem, de outro.

Além da superação da dicotomia sujeito-cultura, a Psicologia Cultural também busca explicar os fenômenos humanos e sociais através da análise das relações entre os fatores envolvidos. No momento em que se buscam explicações para além de uma postura “essencialista de pensar” (Valsiner, 2012), a qual, por exemplo, simplesmente atribui ao individualismo a causa dos comportamentos individualistas, procura-se desvendar as dinâmicas que estão por detrás desses conceitos, visando à análise dos fatores ambivalentes (ou opostos) envolvidos.

---

<sup>6</sup> Separação exclusiva: lógica abstrata em que as partes de um sistema são segregadas umas em relação às outras, havendo interdição de qualquer elo entre elas, eliminando conexões sistêmicas entre as partes, eliminando assim de nossa consideração a natureza sistêmica dos fenômenos. “Seguindo essa lógica, se dizemos —Taylor é um homem|| , segue-se, pela lógica da separação exclusiva, que —Taylor não é uma mulher. A possibilidade de androginia – componentes masculinos e femininos nas personalidades tanto de homens quanto de mulheres – é assim, do ponto de vista lógico, retirada de consideração.” (Valsiner, 2012, p.86)



A interação entre os opostos é um axioma geral da Psicologia Cultural a qual estabelece que “é o processo da dinâmica da **relação entre os opostos**, inserida na mesma totalidade, que gera a gama total dos modos de existir – de sociedades, de comunidades e pessoas.” (Valsiner 2012, p. 70) (grifo nosso). Assim, qualquer elemento estável de um fenômeno, seja ele qual for, resulta de um processo dinâmico que o mantém.

Ao estabelecer os fenômenos humanos como uma unidade de fatores que estão em uma relação dinâmica, é a interação entre fatores opostos que geram os resultados observados. Segundo Valsiner:

“Assim, todas as pessoas - e unidades sociais tais como grupos, comunidades, instituições e países – são, ao mesmo tempo, “individualistas e coletivistas”. **Quando vistos como uma totalidade dinâmica, é o relacionamento entre os dois opostos que gera todos os resultados.**” (Valsiner, 2012, p. 71) (grifo nosso)

Esta tendência de analisar os fenômenos de modo separado exclusivamente se relaciona a construções semióticas (ou mentalidades) que mascaram as relações de poder estabelecidas entre o sujeito e seu campo social<sup>7</sup>. No caso das ciências sociais e da psicologia em especial, Valsiner estabelece uma crítica ao afirmar ser esta disciplina, em seus moldes tradicionais, produto desta orientação, conforme trecho abaixo:

“A unidade entre uma centralidade da comunidade e um foco sobre a ação individual tem sido a característica distintiva da ordem social nos Estados Unidos (Mead, 1930/2001; Stearns, 2001). A psicologia é um produto de tal orientação: ela mascara a dependência quanto às ideologias coletivas através da separação exclusiva entre a pessoa e seu contexto social e recorre a termos monológicos, entificados, para explicar a conduta das pessoas. Simplesmente posto, a ordem social para os psicólogos é: “você vai procurar explicações para todos os males – sociais ou outros – dentro da pessoa, e não se atreva a olhar para o nosso background ideológico

---

<sup>7</sup> Para aprofundamento do tema, ver Valsiner, 2012, pg. 72.

que pode ter ajudado tais males a emergir!” (VALSINER, 2012, p. 72-73)

A profunda noção desta realidade contextual traça imensos desafios para a Psicologia Cultural, no momento em que para ela não bastam mais respostas que não considerem a relação da parte com o todo. Além de implicar em uma mudança paradigmática na forma de abordar o fenômeno em estudo, a Psicologia Cultural busca o diálogo com as áreas de conhecimento, sendo interdisciplinar em sua essência.

Deste modo, a fragmentação do conhecimento operada pela lógica cartesiana atomista passa agora a um momento de síntese. Faz-se necessária a integração desses conhecimentos em um diálogo para a reestruturação do cenário geral, num movimento de aproximação, sem no entanto haver a perda de identidades das disciplinas. Neste passo, a Psicologia Cultural seria então uma ciência com objeto próprio, o psiquismo humano, sendo consciente de que, para abordá-lo em sua complexidade, fazem-se necessários o diálogo e a visão interdisciplinar.

Entendendo ser a Psicologia Cultural uma psicologia interpretativa, a qual “busca as regras que os seres humanos aplicam para a construção de significados em contextos culturais” Bruner (1997) afirma serem estes contextos sempre práticos, tornando-se necessário perguntar o que as pessoas estão fazendo ou tentando fazer, apontando para a possibilidade do surgimento do novo. “O significado cresce a partir do uso, mas apesar de ser frequentemente transformado em slogan, suas implicações são frequentemente inesperadas” (p. 102).

Deste modo, o tema da construção do significado pelo ser humano torna-se o fenômeno de estudo central nesta nova abordagem. A Psicologia Cultural de base semiótica, apresentada por Jaan Valsiner, por sua vez, destaca e aprofunda o estudo dos processos psicológicos ligados aos signos, procurando entender que papel estes desempenham no psiquismo humano e como refletem no comportamento.

A fim de responder ao objetivo deste estudo, no que se refere à construção de significado do signo cidade, busca-se então integrar a abordagem narrativa de Bruner, destacando a categoria da psicologia popular e o processo de canonicidade na formação dos significados à contribuição de Valsiner e colaboradores a respeito

do funcionamento dos signos no psiquismo, compreendendo o signo “cidade” como sendo um mediador semiótico hipergeneralizado.

## 2.2. O retorno do cotidianamente humano

Jerome Bruner, em seu livro *Acts of Meaning*, publicado pela primeira vez em 1990, enfatiza a necessidade de reaproximar a psicologia da questão do significado construído pelas pessoas no decorrer da sua existência, assim como das interpretações, tanto ao nível individual como ao das negociações coletivas, fenômeno que torna possível a vida em grupos. Segundo o autor, essas foram preocupações que levaram à Revolução Cognitiva na psicologia, a qual visava reinserir a mente de volta a agenda após um longo período de “objetividade científica”. No entanto, ao se tornar demasiadamente tecnicista, e ainda mantendo o modelo positivista cartesiano – fragmentador e atomista -, também aí o homem em sua realidade cotidiana foi perdido.

Defendendo uma psicologia cognitiva renovada, Bruner (1997) propõe uma abordagem mais interpretativa da cognição, interessada na produção de significado, rompendo com o paradigma individualista, predominantemente adotado, e passando a focar na relação cultura e funcionamento humano. Os fundamentos para essa abordagem são apresentados da seguinte forma:

a) o argumento constitutivo, o qual implica questões metodológicas profundas, uma vez que “É a participação do homem *na* cultura e a realização de seus poderes mentais *através* da cultura que tornam impossível construir uma psicologia humana baseada apenas no indivíduo” (Bruner, 1990, p. 22), logo a psicologia não poderia isolar o indivíduo da cultura;

b) o modo de vida culturalmente adaptado depende da partilha de significados, os quais são tornados públicos e negociados, assim a psicologia deveria se organizar em torno dos processos produtores e utilizadores de significados que conectam o homem à cultura;

c) a existência de uma categoria nominada pelo autor de “psicologia popular” a qual é um “relato cultural do que fazem os seres humanos pulsarem” (Bruner, 1990, p. 23). A existência desta categoria estabelece a cultura definitivamente como elemento central, pois é a psicologia popular, “arraigada em uma linguagem e em

uma estrutura conceitual compartilhada imersa em estados intencionais – crenças, desejos e comprometimentos” (Bruner, 1990 p. 24), sendo um reflexo da cultura, partilhando com ela seus modos de valorizar e de conhecer, e servindo para justificar tal imposição, que domina as transações da vida cotidiana, conforme explica:

“É em termos de categorias psicológicas populares que experimentamos a nós mesmos e aos outros. É através da psicologia popular que as pessoas antecipam e julgam uma as outras, estabelecem conclusões sobre o valor de suas vidas e assim por diante. Seu poder sobre o funcionamento mental e a vida humana é que ela provê o próprio meio pelo qual a cultura dá forma aos seres humanos segundo suas exigências. A psicologia científica, afinal, faz parte deste mesmo processo cultural e sua posição em relação à psicologia popular tem consequências para a cultura na qual ela existe [...]” (BRUNER, 1997, p. 24)

Esse posicionamento, segundo o autor, não comprometeria a psicologia com um subjetivismo “contaminante”, tão temido pelos comportamentalistas, mas traria instrumentos para abordar a questão subjetiva do humano, a qual é central para a compreensão de seu estar no mundo, uma vez que, é através da construção de significados e interpretações que o homem se relaciona com o outro, com o ambiente a sua volta e consigo. Sintetiza Bruner (1997) que uma psicologia cultural está interessada no estudo das “ações” – comportamentos intencionais – e mais especificamente com a “ação situada em um cenário cultural e nos estados intencionais mutuamente interagentes dos participantes” (p. 27).

A questão da subjetividade é apontada como um fator alarmante para a psicologia científica por tocar em dois tópicos relacionados a questões fundamentadoras desta vertente: o estado explicativo da subjetividade e o tema do relativismo versus o papel dos universais. Respondendo a ambos os pontos Bruner aponta que a desconfiança na alegação do “subjetivismo” dos conceitos explicativos trazidos pela psicologia cultural deve-se a discrepância alegada entre o que as pessoas *dizem* e o que elas *fazem*. No entanto, afirma o autor que:

“Uma psicologia culturalmente orientada nem desconsidera o que as pessoas dizem sobre seus estados mentais, nem trata essas colocações apenas como se elas fossem índices preditivos de um comportamento manifesto. O que toma como central, prioritariamente, é que a relação entre agir e dizer (ou experienciado) é, *na condução ordinária da vida*, interpretável. Adota-se a posição de que existe neste aspecto uma congruência publicamente interpretável entre dizer, fazer, e as circunstâncias nas quais o dito e o feito ocorrem. Ou seja, existe um acordo acerca das relações canônicas entre o significado sobre o que nós

fazemos em dadas circunstâncias, e tal relação governa como nos conduzimos nossas vidas uns com os outros. Existe então um procedimento de negociação, além do mais, para retornar aos padrões habituais quando essas relações canônicas são violadas. Isso é o que faz interpretação e significado centrais para uma psicologia cultural – ou qualquer psicologia ou ciência mental, para essa questão.” (Bruner, 1990, p. 19)<sup>8</sup>

Deste modo, a dinâmica entre o dizer e o fazer é que é o objeto de estudo, inclusive considerando as discrepâncias, pois é este fenômeno em sua completude que revela dados sobre o funcionamento psicológico.

De acordo com Bruner, as pessoas e culturas que as constituem são governadas por significados e valores compartilhados. A questão da relevância do significado e da interpretação para a psicologia torna-se ainda mais clara ao evidenciar as situações em que pessoas dedicam suas vidas a realização daquilo sentem fazer sentido para elas, chegando ao sacrifício para defender suas verdades. O campo religioso, por exemplo, está repleto de situações em que as pessoas se sacrificam para realizar aquilo que entendem como sentido da vida, a exemplo das testemunhas de Jeová que preferem morrer a passar por transfusões de sangue.

Ainda neste ponto, Bruner (1997) citando Charles Taylor, aponta que o comprometimento humano não é uma questão de simples preferência, mas uma crença sobre um modo de vida que merece nossa investida, apesar de ser difícil alcançá-lo.

A cultura é colocada para o ser humano como um fator capaz de superar as limitações biológicas. Assim, sem desconsiderar a realidade do substrato biológico, a cultura é o fator central para a compreensão dos comportamentos. Diante da complexidade das formas sociais, das institucionalizações de significados, Bruner sugere que nossa engenhosidade para construir e reconstruir modos de vida

---

<sup>8</sup> Tradução livre: A culturally oriented psychology neither dismisses what people say about their mental states, not treats their statements only as if they were predictive indices of overt behavior. What it takes as central, rather, is that the relationship between action and saying (or experiencing) is, *in the ordinary conduct of life*, interpretable. It takes the position that there is a publicly interpretable congruence between saying, doing, and the circumstances in which the saying and doing occur. That is to say, there are agreed-upon canonical relationships between the meaning of what we do in given circumstances, and such relationship govern how we conduct our lives with one another. There are a procedures of negotiation, moreover, for getting back on the track when these canonical relation are violated. This is what makes interpretation and meaning central to a cultural psychology – or to any psychology or mental science, for that matter. (Bruner, 1990 p. 19)

comunais é o que deve ser questionado, em lugar de atribuir o fator explicativo a uma suposta “natureza humana”, traduzida em instintos ou “demônios” internos.

Quanto à alegação do relativismo inerente à abordagem cultural, Bruner o diferencia da noção de construtivismo, a qual se baseia no pressuposto de que grande parte das “realidades” humanas é fruto de um processo prolongado construção e negociação na cultura (Bruner, 1990, p. 31). Rompendo com a busca de uma “essência” para a verdade, ou um significado absoluto, o construtivismo busca explorar a prática dos acontecimentos, ao invés de teorias. Nisto busca-se compreender os fundamentos dos significados, questionando suas bases, explicando seus processos de construção e explorando as bases do comprometimento. Investigando as motivações humanas para as ações, passa a ter destaque o debate acerca dos valores.

Apresentando uma abordagem diferente das visões psicológicas tradicionais - descritas como “aparato racionalista” e “romanticamente irracionalista”<sup>9</sup> -, a psicologia cultural considera os valores como “inerentes a compromissos assumidos com “estilos de vida”, em sua complexa interação, constituído em uma cultura” (Bruner, 1990, p. 34). Deste modo, os valores dão suporte aos estilos de vida e, citando Charles Taylor, afirma serem estes apenas levemente abertos a uma reflexão radical. “Eles se incorporam à auto-identidade das pessoas e, o mesmo tempo, a situam em uma cultura” (Bruner, 1990, p. 34), o que, **diante do pluralismo da vida moderna e de sua velocidade, cria conflitos de comprometimento**.

### **2.3. Narrativa: Princípio organizador da experiência humana**

O princípio organizador da psicologia popular é a narrativa e seus constituintes são **“as crenças elementares ou premissas** que entram nas narrativas sobre a condição humana que constituem a psicologia popular” (Bruner, 1990, p.43) (grifo nosso). Deste modo, o pressuposto básico da psicologia popular é que o conhecimento que as pessoas têm do mundo passa a assumir forma de

---

<sup>9</sup> Para Bruner a abordagem racionalista acerca dos valores tem como fundamento a teoria da escolha racional, principalmente dentro da visão da utilidade, ambas derivadas da teoria econômica, em que se busca uma otimização. Esta teoria, no entanto, não explica as anomalias de escolhas que não respondem a esta lógica. Já a visão romanticamente irracionalista, os valores “são uma função de reações viscerais, conflitos psíquicos deslocados, temperamento e coisas similares” (p. 33). Essas abordagens ao considerar a cultura a compreendem como uma fonte de provisão de valores, a partir da qual as escolhas podem ser feitas em função dos impulsos ou conflitos individuais.

crença, a qual será a base de suas ações ou seu planejamento. Para a psicologia popular as pessoas fazem coisas com base em suas crenças, agindo ao longo do tempo para o atendimento das metas, superando obstáculos ou sendo dominadas por eles.

A psicologia popular, insisto, é uma fonte essencial não apenas de **significados pessoais**, mas também de **coesão cultural**, pois é em apoio a seus princípios que criamos as nossas instituições; a psicologia popular muda, por sua vez, em resposta às mudanças institucionais. [...] a psicologia popular não é tanto um conjunto de proposições lógicas quanto um exercício narrativo na arte de “contar histórias”. Ela é apoiada por uma poderosa estrutura da cultura narrativa como histórias, mitos, gêneros literários”. (BRUNER, 1997, p. 115)

A introdução do princípio narrativo é justificada por Bruner partindo do fato de que as pessoas apreendem os fenômenos culturais como um todo, e não evento por evento, assim como, para chegar ao significado de um texto, o leitor não lida com suas sentenças de modo separado. Os eventos, assim como as sentenças, são esquematizados em estruturas maiores as quais fornecem um contexto interpretativo para os fenômenos<sup>10</sup>.

A narrativa apresenta as seguintes propriedades: a) sequencialidade inerente; b) pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história; e c) ela se especializa em forjar ligações entre o excepcional e o comum.

Em relação à sequencialidade, Bruner aponta que os eventos singulares (incluindo os estados mentais) são os componentes da narrativa. No entanto, o significado desses eventos não está neles mesmos, mas sim no lugar que ocupam a partir da configuração do todo. Apreender o sentido de uma narrativa implica, dessa forma, em um ato duplo no qual é necessário capturar o enredo, para então extrair o significado dos eventos, no entanto, o enredo deverá ser extraído da sucessão de eventos.

A narrativa tem um poder como história, seja “real” ou “imaginária”, implicando ter a narrativa uma estrutura interna ao discurso. A significação da história irá derivar de uma sequencialidade singular, a qual é “indispensável para a significância de uma história e para o modo de organização mental em cujos termos

---

<sup>10</sup> Como exemplo desses esquemas, Bruner aponta para aqueles trazidos pela teoria da memória de Bartlett, os “planos” de Schank e Abelson ou nas estruturas propostas por Van Dijk (p. 60).

ela será captada” (Bruner, 1990, p.47) e não da verificação de verdade de suas sentenças.

A terceira característica da narrativa se refere à característica da psicologia popular de gerar “**canonicidade**”, ou seja, ao fato de as pessoas dotarem de legitimidade ou autoridade os eventos usuais ou previsíveis, ou seja, aquilo que é recorrente e generalizado. Os eventos excepcionais, por sua vez, seriam ilegítimos. A narrativa tem o poder de justificar os eventos excepcionais aos canônicos, forjando relações entre eles, e é esta qualidade de negociar e explicar a diferença, tornando-a compreensível que dá a narrativa um grande poder de significação.

Além dessas três características, a narrativa apresenta o “dramatismo”<sup>11</sup> e a paisagem “dual”. O primeiro elemento se refere ao fato de que as histórias devem guardar congruência com a moralidade, relacionar-se ao que é moralmente valorizado, moralmente apropriado ou moralmente incerto. Como conclusão devem explicar moralmente um problema, “Contar uma história é inescapavelmente assumir uma posição moral, mesmo que seja uma posição moral contra as posições morais”.

Por “paisagem dual”, entende-se a situação em que num mesmo momento em que ocorrem ações em um “mundo real”, tidos por verdadeiros, outros eventos mentais ocorrem na consciência do protagonista. Havendo discordância entre os eventos externos e os mentais, haverá motivo para a narrativa.

A psicologia popular, através da narrativa, implica em esquematização e a regulação do afeto. A esquematização se refere a um modo de organizar as experiências, sem a qual as vivências seriam caóticas. As esquematizações são fenômenos ligados tanto a fatores da individualidade como a instituições historicamente arraigadas e apoiadas pela cultura.

Sobre o poder de “esquematização” das instituições: “a experiência do mundo social e a memória que dele temos são poderosamente estruturadas não apenas pelas concepções profundamente interiorizadas e narrativizadas da psicologia popular, **mas também pelas instituições historicamente arraigadas que uma cultura elabora para apoiá-la e coagi-las.**”(Bruner, 1990, p.55). Quanto ao afeto, ele também é associado aos esquemas. As recordações e narrativas surgem para justificar o afeto do evento lembrado.

---

<sup>11</sup> O “dramatismo” no sentido de Burke, focaliza os desvios do canônico que apresentam consequências morais e afastamentos relacionados à legitimidade, ao compromisso moral, aos valores.(p.51)



Em relação à influência das forças históricas, Bruner aponta que:

“Seja qual for a visão que se possa assumir a respeito das forças históricas, elas foram convertidas em significados humanos, em linguagem, em narrativa e encontraram o seu caminho para as mentes de homens e mulheres. Afinal, este foi o processo de conversão que criou a psicologia popular e o mundo experimentado da cultura.(BRUNER, 1997, p. 115)

Desse modo, a psicologia popular aponta que apenas através da interpretação dos eventos, considerando a história, poderá a psicologia dar conta da cultura. (Bruner, 1990, p.115)

Bruner aponta para duas formas de generalidades, no lidar com interpretação e contexto histórico, que são universais que se relacionam com o modo de como o ser humano se orienta em relação à cultura e ao passado: a reflexividade e a capacidade intelectual de “visualizar alternativas e de conceber outros modos de ser, de agir e de engajar-se” (Bruner, 1990, p. 96). Por **reflexividade** entende-se a capacidade humana de se debruçar sobre o passado e alterar o presente em decorrência deste, ou de alterar o passado em decorrência do presente. “Nem passado nem presente permanecem fixos diante da reflexividade” (p.96). Assim, à medida que o passado ou o presente são visitados à luz da reflexão, eles podem ser alterados.

A **capacidade humana de visualizar alternativas** implica para a seguinte dialética: ao mesmo tempo em que somos sujeitos da história, somos também agente autônomos, sendo que a cultura provê as diretrizes e estratégias para encontrar um eixo entre estabilidade e mudança. Desse modo, a cultura está implicada no grau de autonomia que em termos gerais o sujeito pode alcançar.

A narrativa é um meio de utilizar a linguagem. Explorando o excepcional e o comum, a narrativa se utiliza da “subjuntividade”, ou espaço de dúvida, através do qual poderá estender seu sentido normativo, criando as possibilidades de justificativa. Esta linguagem, no entanto, não é traduzível em normas lógicas de verdadeiro ou falso, e sim se coloca por “emblemas” que seriam núcleos de significados sujeitos à interpretação, as quais sempre trazem cargas de ambiguidade.

A compreensão da narrativa dependerá da condição de os interlocutores compartilharem um conjunto de convenções através das quais possam fluir os vários significados.

#### **2.4. Narrando o evento canônico:**

A categoria **psicologia popular** proposta por Bruner (1990), entendida como “um sistema pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm” (Bruner, 1990, p. 41) é proposta como estando na base de qualquer Psicologia Cultural. Nesta organização das experiências, Bruner demonstra como as pessoas, em suas interações, formam uma ideia do canônico ou comum, tomando-o como referência para interpretar aquilo que foge a esta ideia, criando narrativas para justificar o que seria excepcional.

A ênfase dada por Bruner aponta para o uso da narrativa como forma de justificar e, de alguma forma, harmonizar o excepcional ao canônico. A narrativa, então, teria esse importante papel social de criar significados que dessem conta do excepcional na manutenção do canônico. Narrativas seriam estimuladas na presença de eventos que fugissem ao esperado.

No entanto, ao apresentar o caso da criança Emily, Bruner analisa situações de solilóquios narrativos na fase de constituição do canônico. Bruner afirma que uma criança de 4 anos, embora não saiba o que é cultura, já sabe o que é o canônico.

De acordo com o relato, as três primeiras e mais importantes conquistas dos solilóquios narrativos estavam relacionadas a “fixação de suas narrativas mais firmemente na linguagem” (Bruner, 1990, p.80). Esses pontos foram: a) um domínio das formas linguísticas que a possibilitasse obter uma sequência linear do que aconteceu; b) o interesse na aquisição de formas para distinguir o canônico do incomum, além disso, após dominar aquilo que era quantitativamente confiável, ela passou a emitir um juízo de valor (“tem que”) e do uso do tempo presente no sentido atemporal para marcar os eventos canônicos rituais; e c) Emily introduziu um ponto de vista pessoal e uma avaliação de seus relatos narrativos.

O motivo para esse esforço linguístico é atribuído a uma necessidade de “entender direito a história”, ou seja, para Bruner dar significado às experiências

vividas, incluindo aí a própria formação da identidade e do self, é o motivador essencial na busca narrativa e na busca do humano.

Importante destacar, neste exemplo (apesar de a produção narrativa ser mais estimulada na presença de um evento excepcional – e por isso ser a ele associada), a existência de uma **narrativa solitária para a fixação do significado do evento canônico**. No momento da compreensão do que seja a canonicidade (frente à excepcionalidade), o princípio narrativo também aparece como organizador, gerando “o” entendimento da “história” como sendo o “comum”, ou seja como o significante que representa a “forma como as coisas tem que ser”, que fica claro com o aparecimento de uma qualidade deôntica em suas narrativas:

Além disso, uma vez tendo estabelecido e expressado o que era quantitativamente confiável, Emily começou a introduzir uma nota de necessidade deôntica. “*Tem que*” entrou em seu léxico e serviu para marcar os eventos que eram não apenas frequentes, mas, por assim dizer, *comme il faut*, como quando ela anunciou em um solilóquio, após uma viagem aérea com sua avó, que você “tem que ter bagagem” para entrar em um avião. E foi nesse ponto em seu desenvolvimento que ela começou a usar o tempo presente em sentido atemporal, para marcar eventos canônicos rituais. (BRUNER, 1997, p.81)

Fica evidenciada uma sequência cronológica em que a narrativa fixadora da canonicidade aparece em uma fase primeira, mas que, após estabelecido o atributo da “canonicidade” para o evento em questão, a narrativa desaparece, retornando apenas em casos de excepcionalidade que põe em dúvida o significado construído. Ao se tornar canônico um evento servirá como pano de fundo frente ao qual as interpretações dos novos eventos serão comparadas, ou seja, a normatividade e a moralidade relacionados ao evento canônico passam a ser referência para as experiências que virão.

Conclui-se que a narrativa não se encontra vinculada apenas às justificativas dos eventos excepcionais, e sim também para a fixação da canonicidade, cumprindo sua função de princípio organizador das experiências, gerando assim significados.

A ausência da narrativa em situações de canonicidade é trazida por Bruner através dos estudos de Lucariello, que tinham por objetivo identificar as situações que faziam fluir a narrativa na criança. Ao serem questionadas sobre um evento canônico (como apagar velas de aniversário na festa de aniversário) as crianças simplesmente diziam respostas óbvias ou se espantavam com a “inocência do pesquisador”, ou até mesmo nem respondiam, retirando-se do local. Interessante

notar neste relato empírico a ausência de reflexividade<sup>12</sup> quando um evento é significado como canônico pelo sujeito.

Apresentado um estudo sobre família de acordo com a Psicologia Cultural, Bruner apresenta a família como um representante da cultura (Bruner, 1990, p. 111). Para esta família, a divisão entre o mundo casa e o mundo real era fundamental, revelando conceitos de público e privado para o entendimento do grupo. Além disso, foram analisadas as posições deônticas apresentadas pelos sujeitos em relação ao “que deveria ser” como apontado ao que se é obrigado a considerar.

Neste estudo foram considerados diferentes níveis de análise do conteúdos narrados, pois para o autor seus conteúdos são tanto históricos e sociológicos como pessoais. Sem confundir esses níveis de análise, a Psicologia Cultural deve explorar o modo pelo qual cada um serve de contexto para o outro. (Bruner, 1990, p. 112).

## 2.5. Significados e sua dimensão semiótica:

Aprofundando as investigações acerca dos mecanismos psíquicos implicados no processo de construção de significados, a Psicologia Cultural ganha sua vertente semiótica, liderada por Jaan Valsiner. De acordo com esta abordagem, “a ontogenia humana envolve a **construção e o uso de signos** para regular os fenômenos psicológicos emergentes, tanto os interpessoais quanto os intrapessoais” (Valsiner, 2012, p. 55), destacando a importância da interpretação para que a comunicação ocorra.

Dentre os fundamentos desta abordagem está o **Princípio da Irreversibilidade do Tempo**. A partir desta perspectiva, o presente passa a ser compreendido apenas como um limiar entre o tempo passado e o futuro, o tempo que está sempre vindo. Este pressuposto coloca para a psicologia um desafio epistemológico, uma vez que, ao não ser possível a volta do tempo, todos os eventos vividos são únicos e não passíveis de repetição.

Contextualizada na irreversibilidade do tempo, “a existência humana situa-se dentro de uma extensão temporal que é **orientada para o futuro**” (Valsiner, 2012, p.53). Ao lidar com o futuro durante toda a sua vida, as ações humanas têm por

---

<sup>12</sup> Conforme citado anteriormente: os valores dão suporte aos estilos de vida sendo apenas levemente abertos a uma reflexão radical. “Eles se incorporam à auto-identidade das pessoas e, o mesmo tempo, a situam em uma cultura” (p. 34),

meta este tempo, sendo direcionadas a partir do modo como significamos o mundo a nossa volta e a nos mesmos.

Sendo o futuro uma dimensão ainda não conhecida, nele está contida a incerteza, ainda que antecipada através de significações do sujeito para possibilidades criadas a partir de suas vivências. Assim, ao serem criados signos (ao significar as situações e os objetos) é possível minimizar a incerteza do futuro, criando mentalmente um mundo mais estável, com o qual é mais fácil lidar. Deste modo, aponta Valsiner (2012), a cultura pode ser entendida como algo que implica em cultivo, ou seja, um tipo de cultivo orientado para uma meta.

Nesta perspectiva, Valsiner (2012) destaca a centralidade dos signos (mediação semiótica) em relação ao processo de desenvolvimento do humano. Os signos ajudam o indivíduo a se posicionar, pois estes não existem apenas para nomear objetos, sendo uma das funções da mediação semiótica estabelecer a relação entre o passado, presente e o futuro, indicando que “em cada *representação* por um signo está uma *presentação* – uma sugestão para o imediato (e não tão imediato) futuro”<sup>13</sup>(Abbey e Valsiner, 2004, p. 3).

É exatamente a capacidade de criar signos que possibilita aos seres humanos transcender ao aqui-e-agora, lançando mão de significados pessoais subjetivamente construídos, sem, no entanto, se distanciarem do seu contexto imediato. Este **distanciamento psicológico** possibilita ao sujeito considerar outras situações, além da que está inserido, e refletir sobre elas. Como **agente ativo**, o ser humano reflete sobre os contextos existentes e imaginados, sendo este um ato ao mesmo tempo cognitivo e afetivo. Aponta Valsiner, inclusive, para o sentir prospectivo, ou seja, o sentir direcionado para o que virá, revelando a importância dos projetos de futuro, das imaginações, fantasias as quais direcionam a atitude no presente.

Abbey e Valsiner (2004) afirmam que “o dar sentido ao ambiente é tanto perceptual como uma construção de significado<sup>14</sup>” (Abbey e Valsiner, 2004, p. 9). Valsiner acrescenta que:

“A tese central da perspectiva semiótica na psicologia cultural, tal como apresentada neste livro, é simples: a vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza. Nós criamos sentido

---

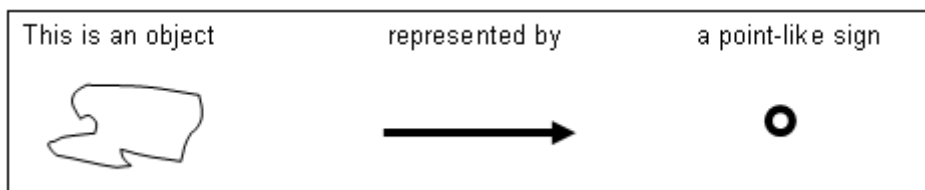
<sup>13</sup> In each *representation* by a sign is a *presentation*—a suggestion for the immediate (and not so immediate) future.

<sup>14</sup> The making sense of the environment is both perceptual and meaning-constructive.

para nossas relações com o mundo, e para o próprio mundo, através de nossos sentimentos que são, eles próprios, culturalmente organizados pela via da criação e uso de signos. O domínio dos sentimentos é central para a construção de culturas pessoais. O lado mental-reflexivo (ou “cognitivo”) é uma ferramenta semiótica emergente para organizar o relacionamento afetivo com o mundo. (VALSINER, 2012, p. 251)

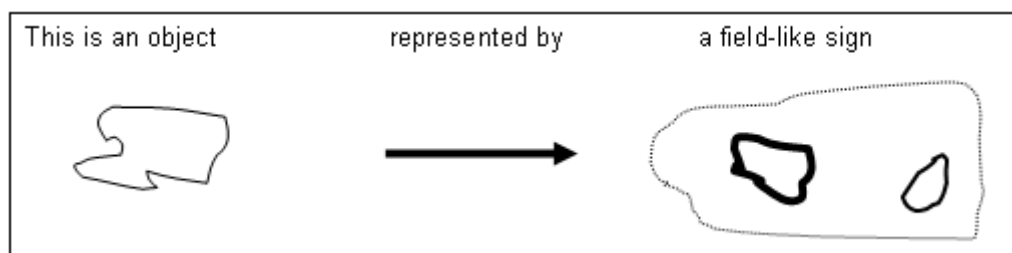
A **semiosfera**, em sua heterogeneidade semiótica, é composta por signos, dentre eles signos que “permeiam nosso pensar e sentir em sua totalidade” (Valsiner, 2012, pg. 67), chamados de signos tipo campo. Em contraste ao signo tipo ponto – entendido como aquele que, apesar das nuances de significados, apresenta o objeto referencia, ex: pássaro = pássaro – o signo tipo campo é uma definição que implica em uma descrição de campo, o qual é internamente estruturado. Os signos ponto não são opostos aos signos campo, bem o contrário, eles integram o campo em uma dinâmica mutuamente inclusiva (Abbey e Valsiner, 2005).

#### Signo tipo ponto



(fonte: Abbey e Valsiner (2005), ilustração 1, pg.3)

#### Signo tipo campo



(fonte: Abbey e Valsiner (2005), ilustração 2, pg.3)

Trazendo como exemplo o papel de mediador semiótico do signo “sociedade” como um signo campo hipergeneralizado, Valsiner aponta que diferentes atores sociais tentam se apropriar do valor simbólico do signo para seus propósitos. Este, no entanto, é um signo que não se define de uma única forma, trazendo em si

diversas interpretações, inclusive antagonismos, mas que, de algum modo sintetiza uma noção de sociedade, a qual servirá de regulador dos indivíduos.

Assim como os signos, que atuam como mediadores e reguladores, os **processos do pensamento** (ou lógicas abstratas de raciocínio) são ferramentas implicadas na construção cultural, e são baseados historicamente nas relações sociais com os outros e com o ambiente. São basicamente três os processos de raciocínio lógico do humano: a lógica dedutiva, indutiva e abdutiva.

De modo simplista, a lógica dedutiva implica no pensamento silogístico, no qual os eventos variados serão enquadrados a partir de uma ideia geral. A lógica indutiva já prioriza a experiência empírica para a formação de uma regra, partindo do contexto da experiência para se chegar a conclusões. No raciocínio abduativo, as duas lógicas se interpenetram, gerando a possibilidade de se verificarem contradições, levando ao conhecimento novo.

O processo de raciocínio dedutivo tende a criar generalizações, desconsiderando as diferenças que não se adéquam às ideias estabelecidas como verdade. De igual modo, o processo indutivo, no momento que gerar um conceito abstrato, passa a funcionar como o raciocínio dedutivo. Assim, as generalizações têm natureza indeterminada, podendo ser construídas de várias formas através do uso da lógica. A possibilidade do raciocínio criativo, capaz de gerar o novo, está em mesclar essas duas lógicas, favorecendo à verificação dos elementos contraditórios através da abertura do sistema semiótico.

As generalizações criadas em um tempo presente são funcionais na preparação dos sujeitos para lidar com a imprevisibilidade do futuro. (Valsiner 2012, p. 238). No entanto, as generalizações, ao alcançarem status de “corretas”, de “verdades”, fazem com que qualquer novidade que emerja seja descartada ou significada como algo errado, excluindo as possibilidades de verificação e a criação do novo.

Considerando um sistema regulatório semiótico<sup>15</sup> as generalizações funcionariam como metassignos em relação aos signos de hierarquia inferior. De acordo com Valsiner, “uma vez estabelecido em uma versão generalizada, um signo se torna um **signo promotor** quando canaliza ações futuras e, sobretudo, quando

---

<sup>15</sup> De acordo com Valsiner (2012, p. 50) “o que podemos encontrar é um crescimento sempre-crescente e sempre-generalizante do sistema semiótico regulatório”. Deste modo, o sistema regulatório se estruturaria de modo hierárquico.

se torna internalizado sob a forma de sentimentos” (Valsiner 2012, p 54). O processo de generalização abstrata de signos “estabelece o sentimento dirigido à ambiência a ser estabelecida” (Valsiner 2012, p.54).

Aproximando o conceito de canonicidade ao processo de generalizações, nota-se que ambos referem-se a uma cristalização de um entendimento ou ideia como certo, operando um bloqueio na ocorrência do novo, ou seja, não permitindo uma “oxigenação semiótica”. No entanto, ao se situar como regulador em um metanível, este cria as fronteiras de estabilidade do signo, que ao serem criadas concomitantemente criam as possibilidades de transpô-las, funcionando o signo como uma unidade de estabilidade e flexibilidade<sup>16</sup>.

Em estudo empírico realizado por Abbey e Valsiner (2005) com jovens sobre a emergência do significado através da ambivalência, os autores demonstram como a percepção humana ocorre para a formação de significado, e como o contexto influencia nesse processo.

A percepção humana é apresentada no estudo como tendo as seguintes qualidades como relevantes ao processo de emergência semiótica: a) o estabelecimento de uma relação sujeito-objeto entre quem percebe e o mundo ao redor, no ato de ‘objetificação’; e b) distanciamento do objeto, tonando-o distinto do eu.

Faz parte também do processo de emergência semiótica o fenômeno da **contextualização projetiva**, entendido como a reinserção de significados previamente estruturados no processo de emergência do senso pessoal sob novas circunstâncias. A contextualização projetiva existe de duas formas – a pessoal e a social. Na contextualização projetiva pessoal, existe uma priorização das ideias do indivíduo em detrimento das ideias sociais; já na contextualização projetiva social, existe a ênfase dos valores sociais sobre as ideias do indivíduo.

O estudo da mediação semiótica revela o estruturante papel da **ambivalência** para o surgimento de signos, os quais têm por função diminuir a incerteza frente ao futuro. A situação de ambivalência se mostra uma forte fonte de criatividade e emergência de signos, sendo a situação de quase-certeza interligada à situação de quase-incerteza a mais produtiva para a emergência de signos. Explicando o

---

16 Esta situação deriva do princípio universal de indeterminação delimitada (Valsiner, 1997)



fenômeno da mediação semiótica decorrente da ambivalência funcional, destacam-se etapas descritas como: 1) condição nula – ausência de signos; 2) ambivalência moderada; 3) forte ambivalência – ponto de bifurcação em que o sujeito pode significar a situação de formas diferentes, implicando em escolhas diferentes; e as condições decorrentes da anterior em que o sujeito pode acabar com a ambivalência por abandoná-la, ao não encontrar resposta satisfatória, podendo retornar à condição nula; ou então, o indivíduo, ao encontrar um signo que o satisfaça, define a situação de acordo com este, eliminando a ambivalência. Nota-se que há uma busca do humano pela superação da incerteza - que a depender da situação pode gerar sérios danos emocionais -, visando alcançar uma segurança acerca do seu posicionamento no mundo.

O **ponto de bifurcação** é a situação crítica no processo de emergência semiótica em situação de ambivalência. Nesta situação o indivíduo está mais vulnerável à influência do “outro social”, ou seja, signos que provêm do ambiente e que influenciam em sua decisão. Importante ressaltar que as intervenções introduzem fortes signos e sugerem que estes signos, e não os da pessoa, sejam utilizados no processo de formação de significados (contextualização projetiva social). A eficácia da intervenção é diretamente relacionada ao aumento da incerteza, levando a necessidade insuportável de superá-la, sendo seu sucesso da intervenção decorrente não só do interventor, mas do sistema que está sofrendo a intervenção. O estudo da superação da ambivalência revela os signos de maior predominância no processo, e a escolha do signo implica em uma definição hermenêutica da situação. Deste modo, o signo terá a relevância no comportamento do sujeito que irá definir sua trajetória a partir daquele significado escolhido para a definição da situação.

Pode-se inferir que o sistema que sofre a intervenção, o sujeito, será mais ou menos influenciado pelos interventores a depender de sua consciência e conhecimento na área em que ocorre a dúvida ou ambivalência. Um sujeito com pouca instrução pode ser mais facilmente convencido por um golpista (exemplo de falsos pastores) do que uma pessoa que tem consciência deste tipo de farsa. Nota-se que, a depender da área da vida que a ambivalência surja, os sujeitos terão vulnerabilidades diferentes a depender de sua formação, por exemplo: um médico

pode ser menos vulnerável a intervenções sociais na área de saúde, mas pode ser muito vulnerável a sugestões religiosas.

## **2.6. Conceito de cultura na Psicologia Cultural:**

Como sua própria denominação apresenta, a relevância da compreensão do que venha a ser cultura e como se dá a dialética entre o ser e o seu ambiente de imersão é um ponto fulcral da Psicologia Cultural. O viver coletivo, entendido como a sociedade, é fator de grande importância, pois é no contato com o outro que se estabelece a comunicação e com ela a emergência do universo semiótico e da cultura.

A busca da compreensão dos processos de significação no humano traz a relação homem-cultura para o centro da atenção. A Psicologia Cultural aborda a questão a partir da **visão intrínseca da cultura**. Por esta perspectiva a cultura é considerada como parte do funcionamento psíquico.

A cultura, como processo do funcionamento psíquico (visão intrínseca) implica que, ao criarem signos, as pessoas utilizam seu repertório semiótico pessoal, mas se mantêm sob a influência de canalizações sociais, às vezes heterogêneas, implicado na influência de outros seres humanos coletivamente orientados “por diferentes instituições sociais, em seu empreendimento de fabricar sentidos” (Valsiner, 2012, p. 65).

Esta “fabricação de sentidos coletivos” em muitos casos traduz uma tentativa de manter o controle social, revelando o uso dos signos ser uma apropriação destes para a manutenção de relações sociais definidas no desenvolver da história. Os significados criados pelo sujeito e o modo como se dão seus afetos, são, então, fenômenos organizados culturalmente, sendo a cultura uma “ferramenta primária para o viver humano” (Valsiner, 2012, p 33).

No entanto, a Psicologia Cultural entende que o sujeito não é passivo em relação às mensagens do ambiente. Sua capacidade reflexiva, de ressignificação e criação do novo, é explicada pela forma como se dá a transmissão da cultura. Apesar das influências sugestivas, elas não implicam numa visão determinística unilinear/unidirecional, mas sim em uma troca de mensagens culturais. Este modelo de compreender a transmissão e geração de novos significados é chamado de

**modelo bidirecional** (ou multidirecional) de transferência ou coconstrução ativa. O fundamento para este modelo é que na transmissão do conhecimento, todos os participantes transformam ativamente as mensagens culturais. Deste modo, este movimento ativo do **sujeito como agente semiótico** faz com que as mensagens culturais estejam em uma modificação dinâmica e constante, podendo gerar, das sínteses entre a cultura pessoal e a cultura coletiva, novidades tanto na codificação como na decodificação das mensagens culturais. Apesar desta dinâmica de gerar novidade, alguns significados relativamente estáveis se mantêm, devido aos mecanismos de sustentação da canonicidade.

## **2.7. Incursões sobre a canonicidade, cultura pessoal e a emergência do significado:**

A cultura pessoal é uma construção eternamente dinâmica, em desenvolvimento. Neste movimento, cada vivência do sujeito pode alterar os significados já estabelecidos, resignificando-os. Importa saber como se processam as resignificações, o que as propicia, assim como o que reforça aquilo que é canônico.

A criação subjetiva de significados não implica em um isolamento do seu contexto social, mas o contrário. Apesar de não ser determinada por processos comunicativos interpessoais, existe uma interdependência entre a construção subjetiva e a esfera social. A multiplicidade de mensagens presentes na cultura coletiva, ou mensagens comunicativas presentes na semiosfera, servem como recursos heterogêneos para a síntese pessoal, sendo o campo social da comunicação repleto de signos diversos que direcionam a forma de sentir e de pensar do sujeito.

Conseqüentemente, há situações em que há concordância frente a certos eventos, por uma grande variedade de sujeito. Estas são as situações identificadas pelas pessoas como “comuns”, ou seja, apesar de criadas socialmente (canalização da cultura coletiva) dentre uma variedade de possibilidade, a partir de sua recorrência ou autoridade passam a ser “naturalizadas”. Neste ponto, chega-se ao **conceito de canônico**, trabalhado por Bruner (1990) na investigação da categoria psicologia popular.

Deste modo, a relação entre a **cultura pessoal** e a **coletiva** aponta para estreita relação do sujeito e o contexto social no qual está inserido. O mecanismo regulatório entre os signos externos e a subjetividade é apresentado como um processo de internalização e externalização, modelo trazido originalmente por Vygotsky e desenvolvido por Valsiner. Entende-se que a internalização cultural opera no sujeito a partir de seus processos afetivos.

O **ambiente semiótico externo** se apresenta como uma textura social, da qual o sistema perceptual humano seleciona informações<sup>17</sup>. Como apontado, este **ambiente social do pensar é intencionalmente sugestivo**, utilizando-se de crenças e valores que orientam a “pessoa em direção a alguns modos de sentir e pensar, afastando-a de outros” (Valsiner, 2012, p. 231).

O **processo regulatório semiótico**, estabelecido em completa interação com o ambiente, recebe os *inputs* culturais e, ao estruturá-los no já presente sistema semiótico interno (cultura pessoal), pode reforçar ou flexibilizar o já canônico. As canonicidades, uma vez que implicam no estabelecimento do “modo como as coisas devem ser”, deixam um grande espaço para as generalizações operarem. Porém, além dos mecanismos de manutenção da canonicidade (significações já estabelecidas para além do alcance da dúvida), o processo regulatório semiótico apresenta a característica de abertura, podendo levar a novas configurações, ressignificando<sup>18</sup> o já estabelecido, ou dando origem a novos sentidos.

**Cultura pessoal e emergência semiótica** apontam para distintas características dos mecanismos psicológicos. Se na cultura pessoal é enfatizada a autonomia do sujeito ao criar significados subjetivos próprios e a unicidade do ser, o processo de mediação semiótica em situação de ambivalência aponta para a vulnerabilidade do indivíduo frente a sugestionamentos sociais (contextualização projetiva social). As situações de incertezas, podem assim propiciar a um comportamento massificado, decorrente de ambivalências sociais coletivas e sugestionamentos coletivos. Inclusive, nada impede que situações de ambivalências sejam estrategicamente criadas a fim de criar manipulações sociais. Como aponta

---

<sup>17</sup> Pode-se sugerir que o sistema perceptual não é sempre ativo no “selecionar informações” sendo também “fiscado” pelas informações ou signos, o que explica os fenômenos de manipulação do sujeito (e das massas). Desse modo, em muitos casos, ao “selecionar” as informações do ambiente o sistema perceptual está sendo “selecionado” por elas.

<sup>18</sup> Este processo de ressignificação tem sido estudado através de mecanismos catalizadores, os quais fogem ao escopo aqui proposto.

Valsiner (2012), ao longo da história as instituições utilizam-se dos signos de modo sugestivo aos seus interesses.

Interessante notar que, apesar de a teoria não tocar diretamente neste item, na emergência ou construção de significado parece haver uma diferença entre “uma escolha de certeza” e “o sentimento de certeza”. Há certas situações em que o indivíduo sente algo como sendo aquilo mesmo – sensação de certeza – e momentos em que apenas acata o significado, sem, no entanto, se identificar emocionalmente com ele, não alcançando a “sensação de verdade”.

Conforme estabelece Bruner (1997), “a **psicologia popular** é investida de canonicidade” (p.49). A canonicidade ao focalizar o previsível e/ou usual na condição humana dota de legitimidade ou autoridade esses dois aspectos. Como a canonicidade implicará em um referencial normativo e deontico, estudar os elementos através dos quais o canônico se estabelece, suas fundamentações assim como as situações que estimulam a reflexão acerca do já estabelecido, torna-se importante para a compreensão dos processos de construção de significado.<sup>19</sup>

Sugere-se que o processo de canonicidade estaria implicado na fundamentação da cultura pessoal do sujeito, enquanto o surgimento de signos em situação de ambivalência implicaria na integração da cultura pessoal às informações novas, de onde surgiriam as novas conclusões ou signos que definissem a situação incerta.

O processo de canonicidade estaria implicado em elementos estruturados, provenientes das experiências do sujeito ao longo do seu desenvolvimento, na dialética processual sujeito-cultura, que gerariam uma “canalização pessoal” do indivíduo, “seu modo pessoal”, frente aos eventos vindouros. A canonicidade faria referência ao lado mais estável da cultura pessoal, estando associadas às generalizações que realiza. Por outro lado, a cultura, enquanto uma construção coletiva de signos e significados traria, em sua semiosfera, canalizações sociais, ou induções, sugestões dos modos de sentir e pensar estabelecidos na coletividade em questão através do tempo, de sua historicidade, das dinâmicas de poder das instituições.

---

<sup>19</sup> Bruner coloca a pergunta do por que o presumível deve ser dotado de valor ou legitimidade. Para isso aponta o trabalho de G.W. Allport Personality: a psychological interpretation (1937) , no qual o autor propõe que os hábitos, uma vez estabelecidos, assumem o papel dos motivos.(p.62)

## CAPÍTULO 3

### ASPECTOS METODOLÓGICOS

A fim de obter uma compreensão profunda dos significados construídos pelos pais acerca do signo “cidade”, este estudo se estrutura a partir do referencial da Psicologia Cultural proposta por Bruner (1990). Deste modo, busca-se investigar a categoria **psicologia popular**, a qual contempla a construção de significados a partir nas narrativas de experiências cotidianas e vivenciadas pelo sujeito de forma total. A narrativa é o princípio organizador destas experiências, através da qual os significados são construídos pelo sujeito.

A partir de então, o signo “cidade” é analisado tendo por base elementos da Psicologia Cultural Semiótica de Valsiner, destacando seu significado enquanto mediador e regulador semiótico da experiência dos pais/mães na relação com seu entorno urbano.

Para a Psicologia Cultural de base semiótica, metodologia é uma estratégia para compreender a generalidade dentro de particulares sempre únicos (Valsiner, 2012, p. 320). Conforme esta vertente:

“a generatividade semiótica dos seres humanos está sempre orientada para a construção de ferramentas culturais – significados e padrões de ação – para enfrentar o sempre indeterminado futuro” (VALSINER, 2012, p. 320)

Tendo por fundamentos a irreversibilidade do tempo e a conseqüente singularidade dos fenômenos humanos, implicando ser o fenômeno semiótico um sistema aberto, a metodologia adotada deve buscar formas para identificar princípios gerais do sistema a partir da realidade da experiência única de cada ser. A esta orientação geral chama-se de ciência idiográfica: “a ciência idiográfica constrói generalizações com base na evidência de casos sistêmicos individuais, e aplica este conhecimento generalizado a casos individuais novos – e sempre únicos” (Valsiner 2012, p. 321).

O foco da Psicologia Cultural de base semiótica é o estudo do funcionamento do sistema regulador semiótico, para o qual o signo é o veículo organizador, sendo através deles que as pessoas fazem a síntese das perspectivas históricas, das novas experiências, a fim de organizar a incerteza inerente ao futuro sempre imediato. O signo então é o elemento básico organizador, funcionado como

mediador e regulador do humano em sua experiência fenomenológica com o ambiente.

Desta forma, a metodologia para uma pesquisa que tenha por paradigma fundante a Psicologia Cultural é necessariamente “sistêmica, idiográfica e qualitativa” (Valsiner 2012).

Buscando uma congruência com esses princípios, realizou-se um estudo de cunho narrativo (Lieblich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998), o qual se caracteriza pela utilização e análise de eventos narrativos como relatos verbais e histórias de experiências vivenciadas pelo sujeito. A forma narrativa permite ao sujeito se expressar frente ao tema de forma mais livre, organizando suas ideias em torno daquilo que se destaca individualmente em cada entrevistado. Assim, a ênfase, a interpretação dos fatos lembrados e forma de selecionar os eventos pelo indivíduo são traduzidas em uma narrativa que transmite significados individuais e culturais. Conforme Lieblich et al. (1998), o estudo das narrativas pode permitir um acesso ao sistema de significado dos indivíduos, assim como à cultura e ao meio social do qual são parte.

O delineamento escolhido para a pesquisa foi o estudo de casos múltiplos (Yin, 2001) visando preservar as características do fenômeno estudado em seu contexto de vida concreta, objetivando uma compreensão em profundidade sobre o problema proposto (Stake, 1994).

### **3.1. Participantes, condomínios e critérios de seleção:**

Para a escolha dos sujeitos dois critérios básicos foram estabelecidos: o tipo de condomínio em que moram e a idade dos filhos.

Foram selecionados dois condomínios que apresentam o mesmo perfil de moradia: verticais, fechados e de alto padrão, apresentando diversos serviços, localizados em um mesmo bairro nobre e central de Salvador, cujo apartamento residencial tem valor de mercado superior a R\$1.200.000,00 (hum milhão e duzentos mil de reais). Nestas pesquisas estes condomínios serão referidos como A e B.

O **condomínio A** foi inaugurado em 2001, totalizando 132 unidades residenciais num terreno de 22.000 m<sup>2</sup>. Suas características principais são:

apartamento de 243 m<sup>2</sup> de área privativa com 4 suítes, varanda gourmet, 4 vagas de garagem, duas quadras de tênis, uma de futebol society e uma de squash, academia, cinema, boate, saunas masculina e feminina, quatro quiosques, parque infantil, uma piscina para adultos e outra infantil, mansão social para eventos, pista de cooper e localizado em uma área com muito verde. Abaixo algumas fotos<sup>20</sup> do condomínio A:

Área comum: piscina.



---

<sup>20</sup>Todas as fotos foram retiradas de sites de divulgação imobiliária na internet.



Área comum: mansão social, salão de eventos e cinema.



Área comum: quadras esportivas com quiosques e parque infantil.





Área privada ( apartamento decorado): salas



O **condomínio B** foi inaugurado em 2012, totalizando 360 unidades residenciais, em um terreno de 37.000 m<sup>2</sup>. Suas principais características são: apartamentos de 206 a 280 m<sup>2</sup> de área privativa, com 3 a 4 suítes, varanda gourmet; hall privativo; 4 a 6 vagas de garagem; quadra poliesportiva, campo de futebol, churrasqueiras, quadra de tênis, pista de Cooper, bar, complexo aquático climatizado: piscinas com raia de 25m indoor, deck molhado, piscina recreativa, piscina infantil, bar aquático, cascatas; academia - sala de pilates, sala de artes marciais, sala de ginástica, sala de spinning, quadra de squash -; SPA - banho romano com cromoterapia, áreas de

descanso, duchas e saunas, salas de massagem -; mansão social para eventos: hall nobre, salão de festas, boite e pista de dança, lounge, salão de Buffet, confraria com bar, capela, piano lounge com fonte, sala de cinema com 45 lugares, salão de jogos, lan house, business Center com salas de reunião, camarim; clube infantil: área para recreação coberta e descoberta, cineminha, atelier / refeitório, brinquedoteca, sala de aula, sala dos bebês, parque infantil, copa, fraldário e sanitários; espaço para adolescentes. Abaixo algumas fotos<sup>21</sup> do condomínio B.

Área comum: praça de lazer com piscina coletiva..



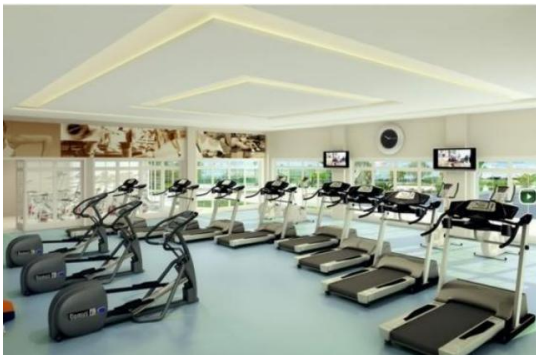
<sup>21</sup> Todas as fotos foram retiradas de sites de divulgação imobiliária na internet



Área comum: quadras esportivas, piscina individual de cada torre, piscina coberta para esportes.



Área comum: mansão social, uma das salas da academia, brinquedoteca



Área privada (apartamento decorado): varanda gourmet, salas.



Quando às famílias residentes nestes condomínios, elas deveriam morar em apartamento próprio, sendo o critério básico foi ter pelo menos um filho na idade entre 5 e 12 anos, justificado o critério da idade por representar uma fase em que o filho é bastante dependente dos cuidados familiares, o que faz com que os pais se encontrem em posição de cuidadores em muitas esferas da vida do filho, tendo que tomar frequentes decisões. Por outro lado, esta é uma fase em que a criança já está mais inserida em um contexto social mais amplo, como escola, amigos e festas, participando mais ativamente de uma vida coletiva, o que gera nos pais uma reflexão mais concreta sobre o futuro dos filhos no contexto de cidade em que vivem.

### **3.2. Caracterização dos participantes e suas famílias:**

Todos os entrevistados e pessoas que foram citadas nas entrevistas, com exceção da pesquisadora, receberam pseudônimos, sendo os demais dados mantidos corretamente.

O contato com os entrevistados se deu por proximidade com a entrevistadora, sendo pessoas conhecidas da mesma, embora entre as quatro famílias entrevistadas apenas duas delas se conhecessem.

Foram entrevistados 5 sujeitos (3 mães e 2 pais), sendo que em apenas um caso o pai e a mãe de mesma família foram entrevistados. Todos os sujeitos entrevistados são casados e vivem com suas famílias no modelo nuclear, tendo mais de um filho. Quanto à moradia, duas mães residem no condomínio A e dois pais e uma mãe no condomínio B.

Os participantes possuem idade que variam entre 34 e 44 anos. Em termos de escolaridade todos os sujeitos têm, ao menos, nível superior, sendo uma das mães doutora. Com relação à ocupação, todos exercem suas profissões formais, sendo duas mães promotoras do Ministério Público Estadual, uma mãe médica, um pai médico e um pai empresário na área de entretenimentos.

As entrevistas foram realizadas no período de 16.08.2012 a 23.09.2012.

**Tabela 01: caracterização dos entrevistados.**

CONDOMÍNIO	NOME	IDADE	FILHOS	PROFISSÃO
A	Andréa	44	Vítor: 06 Patrícia: 08	Promotora MP-Ba
A	Flora	42	Joana:10 João: 12 Alberto: 14	Promotora MP-BA
B	Mariana Esposa de Fernando	40	Ana Júlia: 10 Antônio: 15	Médica
B	Fernando Marido de Mariana	41	Ana Júlia: 10 Antônio: 15	Médico
B	Guilherme	34	Heloísa: 01 Augusto: 06	Administrador /Empresário

### 3.3. Contexto do estudo

O contexto do estudo precisa ser descrito em dois níveis, o contexto macro social de cidade no momento em que as entrevistas foram realizadas, e o contexto micro familiar, que se refere ao momento concreto da entrevista.

Em relação ao contexto macro social, a cidade de Salvador, no momento da entrevista, passava por um período muito difícil. Além dos problemas conjunturais do Brasil e do nordeste, a gestão da cidade se encontrava no fim do segundo mandato de um dos piores prefeitos que a cidade já teve, conforme pesquisa do IBGE realizada em agosto de 2012<sup>22</sup>, sendo sua degradação sentida em todas as partes da cidade. Lixo, violência, trânsito caótico, pobreza, falta de infraestrutura, falta de conservação, manobras ilegais para a exploração imobiliária da cidade, desmatamento ilegal, dentre outros, são problemas diariamente noticiados nos jornais e sentidos por quem vive na cidade.

<sup>22</sup> Pesquisa do IBGE depositada no TSE sob o protocolo BA-00078/2012.



Já no contexto micro familiar, as entrevistas foram realizadas nos condomínios, nas residências dos entrevistados, o que propicia um maior conhecimento da vida familiar.

Em cada uma das residências, a escolha pelo local da entrevista era sugerida pelo entrevistado, sendo que a única ressalva que se fazia era no sentido de garantir o silêncio do ambiente para que não atrapalhasse a gravação. Por se tratar de uma entrevista com tema que não demanda privacidade, muitas vezes esta era interrompida por um filho que buscava a presença do pai/mãe, os quais respondiam sempre de forma bastante solícita.

### **3.4. Sobre as entrevistas e os entrevistados:**

**Mariana e Fernando** são um casal de médicos que moram no condomínio B. Eles se mudaram para lá no ano de 2012, quando os apartamentos foram entregues, mas antes já moravam num condomínio de alto padrão desde 2003. São casados há 15 anos, e têm dois filhos de 10 e 15 anos, sendo pais atenciosos e cuidadosos.

Ambos foram bastante atenciosos e disponíveis concordando de imediato em participar da pesquisa.

Com **Mariana** fiz a minha primeira entrevista (16.08.12), em um dia de semana à noite, a qual rendeu algo como duas horas. Mariana achou o tema interessante, mas se mostrou desacreditada frente a uma melhoria da cidade possa mudar. Foram muitas as reflexões, de modo que a entrevista fluiu de forma bastante tranquila.

**Fernando** foi meu terceiro entrevistado (27.08.12). Realizamos a entrevista à noite, no meio da semana, sendo muito bem recebida. A entrevista durou cerca de uma hora e Fernando foi muito paciente e tranquilo em suas reflexões.

**Flora** foi minha última entrevistada (23.09.2012). Ela é promotora do MP-BA, nasceu em uma cidade do interior e veio para Salvador para cursar faculdade e foi aqui em Salvador que constituiu sua família. Flora é casada há 15 anos, tem 3 filhos e sonha em ter mais.

Eu não tinha muita aproximação com Flora, embora frequentasse alguns eventos comuns, conhecendo pessoas em comum. Numa festa em que ela estava falei do meu estudo e perguntei se ela aceitaria ser entrevistada. Imediatamente ela concordou, dizendo que estava muito atarefada no trabalho pois estava substituindo uma colega em férias, mas que encontraria um tempo para mim. Passado alguns dias entramos em contato e ela me recebeu em sua casa numa manhã de domingo, deixando de acompanhar o marido e os filhos para colaborar comigo, com uma generosidade que me impressionou. Flora gostou muito do tema da pesquisa e disse que concordou porque, além de simpatizar comigo, considerou a pesquisa muito importante e tratando de questões que precisam de fato ser trabalhadas.

**Guilherme** foi o quarto entrevistado (29.08.2012). Ele é administrador e trabalha com entretenimentos. É casado e tem dois filhos, um de seis e outro de um ano. Guilherme foi muito atencioso, me recebeu em sua casa à noite durante a semana. Já conhecia Guilherme anteriormente, sendo uma amizade recente. A entrevista com Guilherme foi muito dinâmica, com respostas assertivas e reflexões criativas e profundas.

A entrevista durou uma hora exata. Após a entrevista Guilherme falou que o tema era muito interessante e que de vez em quando é bom parar para refletir sobre essas coisas sobre as quais nunca se pensa, só se vive...

**Andréa** foi minha segunda entrevistada (23.08.2012). Ela também é promotora do MP-BA, é casada há 10 anos, tendo dois filhos de 8 e 6 anos. Conheço Andrea pessoalmente há alguns anos e é sempre uma pessoa muito agradável e cuidadosa com seus filhos, sua família e amigos.

Andréa concordou de imediato em participar da pesquisa, encontrando para a entrevista um horário à noite, após o trabalho.

Cheguei à casa de Andréa por volta das 19hs, era uma quinta-feira. Andrea e os filhos estavam na cozinha preparando um bolo. As crianças a ajudavam ativamente e ela tinha muito carinho com aquela equipe. Pediu desculpas por ainda não estar pronta para a entrevista, mas que o bolinho de banana que estava preparando era para a gente lanchar mais tarde. Andréa é sempre muito atenciosa. Falou que a casa estava em reforma, o que era visível.

Quando as crianças saíram da cozinha disse que sua filha, Patrícia de 8 anos, estava muito apreensiva naquele dia, pois uma amiguinha da escola, de cinco anos, havia sido sequestrada no dia anterior, quando se deslocava a pé para a escola, sendo retirada das mãos da babá pelos sequestradores. Assim, todos estavam numa expectativa muito grande sobre o desfecho do sequestro. Disse que apesar de a menina ser mais jovem era muito amiga de Patrícia, pois esta brincava muito com a menininha na escola devido a trabalhos que a escola realizava integrando grupos de idades diferentes. Patrícia estava realmente ansiosa, e a todo momento perguntava à mãe sobre o que ia ser da amiguinha dela. Andréa disse que iria acabar bem e que todos estavam rezando muito por ela.

Logo depois fomos para o quarto do filho e começamos a entrevista. Patrícia vinha a todo momento falar com a mãe, pois dizia que não estava conseguindo fazer nada só pensando em como estaria a amiguinha...

O filho pequeno, Vitor, também vinha falar com a mãe e esta pacientemente pedia para que eles a deixassem conversar comigo, pois eu estava fazendo algo muito importante para minha “escola”. Quando seu marido Paulo chegou, veio falar conosco muito atencioso, e ela pediu para ele ficar com as crianças. Havia uma babá que auxiliava para preparar as crianças para dormir e jantar.

O efeito do sequestro estava muito forte na família, afetando a todos nós, pois ninguém sabia o que podia acontecer àquela menina em posse dos sequestradores<sup>23</sup>.

### **3.5. Instrumentos e técnicas de coleta de dados**

Para a investigação da construção de significado de cidade pelos sujeitos foi utilizada a técnica de entrevista narrativa na qual foram feitos questionamentos abertos e amplos, propiciando a reflexão e elaboração do sujeito, assim como mantendo a liberdade para este trazer os assuntos conforme sua vontade.

Não foi feito um questionamento direto sobre o significado de cidade, mas sim levantadas questões que tratassem do tema da cidade e da vida familiar, assim como da vivência da cidade na vida do entrevistado antes da constituição de sua família. A partir dos conteúdos acessados através das narrativas é que se

---

<sup>23</sup> O sequestro finalizou naquela mesma noite. A criança foi devolvida aos pais, sem aparência de maus tratos, em troca de resgate cujo valor não foi divulgado.

integraram os elementos considerados relevantes para o signo cidade pelo olhar dos pais e mães.

No início da entrevista era entregue ao entrevistado o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, no qual constava o objetivo geral da pesquisa. Após a leitura do termo pelo sujeito, era explicado verbalmente que objetivo era compreender a experiência de ter uma família em Salvador – em que a cidade impactava na família - considerando que aquela família morava em um condomínio fechado que já oferecia muitos serviços que antes eram vivenciados na esfera pública da cidade, destacando que o foco era entender o que era a cidade para eles. Os entrevistados se interessavam pelo tema, e neste momento era explicado que a vivência do tornar-se pai/mãe deveria ser o local de partida da reflexão, sendo introduzido o primeiro questionamento que tratava da transição do surgimento de um filho: **como foi, pra você, a experiência de tornar-se pai/mãe?**

A partir desta questão, os pais espontaneamente falavam de suas experiências com o nascimento dos filhos. Após este momento era iniciada a segunda parte da pesquisa que focava nas reflexões sobre a cidade: **Como é ter uma família em Salvador?** As narrativas já se iniciavam a partir de uma perspectiva de cuidado e proteção, trazendo uma forte carga afetiva para a entrevista.

Muito dos tópicos alvo da entrevista eram trazidos espontaneamente pelos entrevistados, não seguindo uma ordem estática e sim dinâmica.

Os outros pontos levantados na entrevista eram os seguintes:

- Como é morar no condomínio?
- Como a família circula na cidade?
- Condomínio, infância e cidade: como foi sua infância e como é a do seu filho?
- Qual seu desejo de cidade?
- O que você acha do artigo 227 da Constituição Federal?<sup>24</sup>
- Como pensa no futuro próximo dos filhos na cidade?

---

<sup>24</sup> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. ([Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010](#))

- Há algo a ser resgatado na esfera da cidade?

Já nos momentos finais, foi estimulada a reflexividade através da participação direta da pesquisadora, a qual, de forma deliberada, passava a intervir na entrevista contrapondo alguns elementos já narrados anteriormente, assim como seu ponto de vista próprio frente ao que havia sido trazido pelo entrevistado, criando elementos objetivos de contextualização projetiva em que novos dados são introduzidos no processo de construção de significado do sujeito, aumentando assim as ambivalências e conseqüente geração de significados. Conforme Gillespie & Zittoun (2010, p.19) “o uso reflexivo de um recurso – seja um instrumento ou um signo – possibilita o distanciamento do recurso e de seu uso”. Neste momento o diálogo era instaurado e novas opiniões surgiam, assim como ideias anteriores passavam por ressignificações. Embora fosse apenas um pequeno momento da entrevista, pode-se notar como a entrada dos novos questionamentos gerava uma abundância de novas reflexões sobre o tema.

Foi feita a gravação das entrevistas, que foram posteriormente transcritas *verbatim*.

### **3.6. Análise dos dados: Etapas e procedimentos**

Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998), apresentam modelos para a classificação e organização da análise do material narrativo, apontando no entanto que nem sempre é possível fazer as distinções propostas diante do material narrativo. Dentre os modelos apresentados, buscou-se a consideração holística da entrevista, destacando seu conteúdo para fins de análise. A proposta foi a de considerar o material narrativo dos sujeitos de modo individual, identificando as convergências, divergências ou ambivalências surgidas nas diversas narrativas sobre um mesmo tema tratado. Assim, tentou-se uma aproximação entre o modelo holístico baseado em conteúdo e o modelo de conteúdo (ou análise de conteúdo). Conforme as autoras, o modelo holístico baseado em conteúdo se utiliza da completa história de vida narrada do sujeito e foca no conteúdo apresentado por ele.

Partindo da perspectiva holística da entrevista, estas foram analisadas em termos de **produto** – as opiniões e elementos referentes ao conceito de cidade - e **processo** – os mecanismos através dos quais se deu a formação destes conceitos.

Referente à identificação dos processos de construção de significado, buscou-se identificar nas narrativas os processos desenvolvidos pelos sujeitos ao construir os significados de cidade. Após esta etapa, foi feita uma comparação entre os processos de significação que se estavam presentes em todas as narrativas, chegando-se a elaboração de um modelo para a análise do signo cidade a partir de três dimensões: a dimensão territorial, a social e a política.

Para a análise dos dados narrativos foi adotado o seguinte procedimento:

As narrativas foram divididas em dois momentos: 1. investigação sobre o significado do tornar-se pai e mãe; 2. Investigação sobre a construção do signo cidade a partir do questionamento de se ter uma família em Salvador.

1. Categorização temática:

- 1.1. Cada entrevista foi lida repetidas vezes e a cada leitura eram destacados trechos e feitas observações sobre conteúdos surgidos que se mostravam relevantes para a pesquisadora frente ao objetivo do estudo;
- 1.2. Foram separados os trechos narrativos em dois grupos: a. sobre a significação do tornar-se pai e mãe; b) os trechos que se referiam à experiência de cidade;
- 1.3. Os conteúdos relevantes foram agrupados a partir de temas comuns, dentro dos dois grupos, considerando-se as opiniões divergentes e as convergentes sobre acerca dos temas selecionados.
- 1.4. Em cada entrevista buscou-se identificar as tensões existentes, conflitos ou ambivalências nas falas dos entrevistados e as significações decorrentes, desde que fossem relevantes para este estudo;
- 1.5. Foi feita a interpretação das narrativas acerca do significado do tornar-se pai e mãe, finalizando a etapa deste grupo, e em relação à significação da cidade, foi dado início às etapas abaixo descritas.

2. Definição dos elementos básicos da cidade e a criação de suas dimensões de análise:
  - 2.1. Após a seleção dos temas, foram realizadas novas leituras a fim de identificar elementos básicos implicados nas experiências de cidade, que ajudassem a compreender como se estruturava o signo “campo” cidade;
  - 2.2. O signo cidade foi decomposto em três elementos básicos: território, pessoas e ordem política;
  - 2.3. A partir da identificação destes elementos básicos, foi construído um modelo para o signo cidade, composto de três dimensões dinâmicas:
    - a) Dimensão territorial: referente a aspectos físicos, tanto naturais (praias, clima) como os físico-espaciais construídos pelo homem;
    - b) Dimensão social: referente ao aspecto humano da cidade, sua população;
    - c) Dimensão política: considerada aqui apenas aspecto político formal, os gestores e governantes.
  - 2.4. As dimensões de análise foram aplicadas às experiências narradas, revelando algumas dinâmicas relacionadas à construção do significado do signo cidade;
  - 2.5. A compreensão da dinâmica entre as dimensões possibilitou aprofundar o conhecimento sobre o processo de construção de significado do signo.
  
3. Análise das temporalidades:
  - 3.1. Buscou-se identificar como se expressa a construção do significado da cidade dentro do tempo irreversível;
  - 3.2. Paralelo à análise da dinâmica das dimensões do signo cidade, foi considerada a significação da cidade a partir do tempo implicado na reflexão: presente, passado ou futuro;
  - 3.3. Nas reflexões sobre o futuro da cidade foi identificado um protagonismo da dimensão política em relação às outras dimensões;
  - 3.4. Foi feita uma releitura de todas as narrativas que tinham por dimensão temporal o futuro;

- 3.5. Buscou-se identificar os mecanismos semióticos associados ao protagonismo da dimensão política;
- 3.6. Foi investigado como se dava a dinâmica da dimensão política com as outras dimensões na construção do significado da cidade em relação ao tempo futuro;
- 3.7. Dentro da reflexão sobre o futuro, empreendeu-se a análise da atuação do signo cidade enquanto signo promotor e buscando identificar os processos semióticos regulatórios implicados nesta atuação.
- 3.8. Objetivou-se identificar a emergência da canonicidade ou generalizações na construção do signo cidade, assim como o surgimento de elementos novos no decorrer da reflexão sobre o tema.



## CAPÍTULO 4

### TENDO UM FILHO: O NASCIMENTO DOS PAIS

Quando Philippe Ariès (1981a) apresenta o fenômeno da individuação da família<sup>25</sup>, ele fala de um grupo que busca se retrair de uma esfera pública, buscando uma proteção daquele ambiente sem privacidade e com muitos riscos, haja vista o alto índice de óbito infantil na Idade Média. Esta retração se faz acompanhada de uma mudança na forma de vivenciar o afeto, onde a família passa a ser o seu destinatário, sendo a criança o centro da família. Ao adquirir esta relevância, os cuidados com a criança aumentam para protegê-la dos perigos. Neste processo, Ariès aponta para a ressignificação do lugar da criança na sociedade, demonstrando que a passagem da idade média para a idade moderna é marcada pela centralidade da criança na família.

Na atualidade, como aponta Roussel (1995), a família dispõe de métodos de controle de natalidade, sendo possível escolher ter ou não a criança, o que deixa evidente o desejo dos adultos ao optar por ter um filho. Os filhos desejados, por outro lado, são em menor número fazendo com que cada um seja individualmente importante. Foge ao nosso escopo aprofundar esta questão, no entanto é deste lugar de desejo dos pais, gerando uma grande importância na figura individualizada do filho, que surge o forte senso de proteção e cuidado.

Na nossa sociedade, a constituição da família e o nascimento do filho se apresentam como eventos com muitas significações. Os estudos sobre o curso de vida, na vertente da Psicologia Cultural, o compreende como uma trajetória em desenvolvimento repleta de transições, as quais são diferenciadas como tipos de mudanças. Conforme aponta Zittoun (2012), as mudanças mais suaves, implicadas num ciclo de atividades como o comer e a digestão, a leitura e o aprendizado, são classificadas como transitivas, pois em certo sentido implicam na possibilidade de uma aproximação ao estado anterior. Já as rupturas irreversíveis, aquelas que trazem uma situação nova sem possibilidade de retorno, são chamadas de intransitivas. Estas mudanças intransitivas demandam uma reelaboração do sujeito em relação a sua compreensão das formas de ação ou de sua relação com o

---

<sup>25</sup> Ver capítulo 1- Revisão de Literatura, acima.

ambiente e consigo. Segundo Zittoun (2012), as mudanças transitivas não implicam em uma inovação radical, enquanto que as mudanças intransitivas sim.

À luz desta compreensão, o nascimento de um filho realiza uma mudança intransitiva, não podendo ser revertida ao seu estado anterior em que este ser não existia. Este evento natural pode ser significado de formas variadas tanto por grupos como por indivíduos. Importa a esta pesquisa como os sujeitos entrevistados perceberam este evento em suas vidas e como criaram significados para esta ruptura. A partir deste marcador, o nascimento do filho, o qual gera também o nascimento dos pais, é que será investigado o significado da cidade. Esta etapa da entrevista teve como objetivo uma maior compreensão das significações atribuídas a esta ruptura do tornar-se pai/mãe pelo sujeito, assim como gerar no sujeito uma reflexão sobre a experiência da cidade e sua consequente significação, a partir deste lugar de pai/mãe.

Observa-se que as trajetórias de vida e as experiências vividas são muito diferentes, embora para todos os pais o nascimento do filho implique em grande transformação diante do intenso afeto e das demandas geradas por ele. Apesar de todos se encontrarem em um momento de semelhante: estarem casados, com filhos entre 5 e 12 anos e morarem em condomínios verticais de luxo em Salvador; as trajetórias individuais se destacam por suas diferenças.

#### **4.1. “Como foi para você a experiência de tornar-se pai/ mãe?”**

##### **(A ruptura do tornar-se pai/mãe)**

Na narrativa de Andrea seu desejo de ter um filho aparece de forma marcante. Ela relata que teve dificuldade para engravidar pela primeira vez, mas seu desejo de ter um filho fez com que se submetesse a tratamento e repouso durante a gravidez. O nascimento do filho é marcado pelas dificuldades que passou desde a gravidez até o lidar com o bebê, situação para qual não se sentia preparada a enfrentar sozinha.

*Andréa: Não foi suave. Eu tive muita dificuldade em engravidar e fiz o tratamento. Aí eu tive que ficar quase seis meses deitada, tive ameaça de aborto, descolamento e quase Pat não ia existir. E uma vez ela nascendo, começaram as dificuldades no hospital, porque para mim **um bebê era um óvni!** Eu não tinha noção do que se*

*tratava ser mãe, por mais que ensinem, que se faça curso, que vá para aquele centro de aleitamento materno, tudo é muito teórico.*

O espanto de Andréa, diante do bebê, mostra o afastamento de um dos processos naturais da vida, a reprodução. É interessante quando ela aponta a diferença entre a vida real, o lidar com o bebê, e os cursos preparatórios para a maternidade.

Andréa também narra dificuldades quanto ao suporte no cuidado com os filhos, pois não tinha o apoio de sua família. Em sua fala ela deixa claro importância do apoio familiar e acolhimento da mãe neste momento de tornar-se mãe, revelando ser o suporte da família e de amigos insubstituível por relações meramente profissionais baseado em trocas financeiras:

*Andréa: Logo no hospital a enfermeira que ia ficar comigo, a auxiliar de enfermagem, porque eu era muito insegura e não quis nenhuma babá, e também não achei uma pessoa qualificada; como eu não tinha parente, eu tinha que ter alguém muito qualificado que fosse pago, um funcionário, porque, a partir do momento em que você tem parente, uma tia, uma comadre, uma irmã, **que venha te apoiar na íntegra**, você pode ter uma babá simplesmente para lavar fralda, não tem o menor problema, mas eu não tinha ninguém. [...]*

*Não tive depressão, mas ficava muito nervosa e muito insegura, às vezes eu chorava muito, tinha uma fragilidade assim por me achar e me sentir impotente e incapaz de cuidar de minha filha, porque eu não tinha é ...ajuda de ninguém, minha mãe era muito omissa pela idade e pelo temperamento dela, e **eu sentia falta do acolhimento de minha mãe.***

Sem a ajuda da família, Andrea conseguiu alguma tranquilidade através da solidariedade de uma amiga:

*Andréa: Então os primeiros dias foram muito difíceis, eu não sabia como cortar unha, não sabia dar banho, chorava muito, foi uma amiga minha que foi me visitar e ficou com muita pena de mim quando eu tava no segundo dia de parida, acabou dormindo lá em casa, e mandou o marido para casa com a filhinha, pra poder dar banho, cortar a unha e botar para dormir para que eu pudesse... E aí eu ficava telefonando para várias auxiliares de enfermagem porque eu tinha uma relação e pagando assim*

*fortunas do que me pediam com diária, para me auxiliar. Então foi muito duro, muito duro mesmo.*

Aos poucos Andréa foi tendo o apoio do marido, fator que causou nela muito mais conforto com a situação:

*Andréa: ...e as babás cada vez mais botando banca e se sentindo donas do pedaço, porque viam minha necessidade, minha fragilidade, porque viam que eu não tinha ajuda de parente, e aí queriam se utilizar disso para poder me extorquir, algumas, nem todas, e fazer exigências na minha vida, de me explorar de certa forma e sempre foi muito difícil, agora, **eu tinha ajuda de Paulo, o meu marido, porque ele me ajudava muito, principalmente à noite, ele me ajudava muito e me amparava muito emocionalmente.***

A narrativa de Andréa mostra o lado da fragilidade humana apesar do poder econômico e social. Uma vulnerabilidade integrante da condição humana que apresenta momentos como o adoecer, o envelhecer, o parir, o morrer. Momentos em que a autonomia do sujeito é minimizada e ele precisa do outro que lhe dê suporte material e emocional para superar estes momentos. Nestes momentos de fragilidade, o amparo necessário parece não poder ser alcançado por trocas financeiras, o desejo é do acolhimento e suporte integral da família ou de amigos que de fato tenham o cuidado com a existência da pessoa, a partir de uma relação de importância recíproca.

Em contraste à narrativa de Andréa, a ruptura do tornar-se mãe é narrada por Flora e Mariana com total naturalidade. Elas atribuem esta tranquilidade por pertencerem a famílias com muitas crianças, tendo a vivência do cuidado com bebês e também o apoio familiar.

Flora vem de uma experiência familiar em que as mulheres têm muitos filhos. Além da maternidade ser extremamente valorizada, ela não é significada como colidindo com questões profissionais, uma vez que na tradição de sua família, as mulheres são profissionais e independentes financeiramente, com carreira de juízas, acomodando a isto muitos filhos. Para Flora, ser mãe era uma condição que considerada determinante para o sentido de sua vida, sem no entanto ser limitada

ao aspecto biológico. Em sua narrativa explica que, mesmo que não pudesse parir, seu plano era adotar filhos:

*Flora: Ser mãe era a minha aspiração principal de vida. E aí vem de quê ó? Eu venho de uma família que... que... as mulheres mesmo de épocas mais passadas, assim, estudavam e tinham maternidade sempre como prioridade. Exemplo assim, minha mãe hoje tem... vai fazer oitenta anos. Minha mãe em cinquenta e oito formou em Direito pela Federal, mas teve cinco filhos. Então eu ouvi a vida toda dizer que era a coisa melhor do mundo parir, que era ótimo. A irmã dela que é... quinze anos mais velha que ela... é... ou seja, hoje tá com noventa, então... noventa e cinco já, mais ou menos, e... naquela época... isso foi quinze anos antes, que minha mãe foi temporão, era juíza de Direito, foi... é juíza aposentada, só saiu da profissão na compulsória, e teve treze filhos.*

[...}

*...aí eu casei, e aí logo logo...(risos)...eu fiz filho. Perdi a primeira gestação, aí depois eu fiz três seguidas. Pra você ter uma ideia como isso era tão claro na minha cabeça, em quatro anos eu... em cinco anos eu fiz quatro barrigas, que era meu projeto, entendeu? [...] Então maternidade era a única coisa certa que eu... e outra coisa, se não pudesse gestar... **se eu não pudesse conceber naturalmente também já tinha claro na minha ideia, eu ia ter três no mínimo, de qualquer jeito, eu iria adotar com tranquilidade.***

Em paralelo a este desejo e motivação para a maternidade, Flora se mostra muito pragmática, planejando todos os seus passos em termos de realização profissional e financeira para poder ter independência para constituir sua família:

*Flora: [...] Então assim... eu ouvi a vida toda aquela história de que ser mãe é a melhor coisa do mundo, eu vim pra isso, **eu sinto que eu vim pro mundo pra parir**, eu fico até ressentida de só ter tido três porque o meu projeto era muito mais. Então, Marluze, eu fiz minha vida toda assim... pautada na maternidade. Pra você ter uma ideia eu pensava em formar e ter filho logo. Então eu estudei pra isso, eu... e assim, sempre me considerei uma pessoa objetiva, pragmática. Então assim, eu sabia o que eu queria. Meu pai dizia: “Olhe, minha filha, segredo da mulher é a independência, funcional, moral, financeira, porque em cima disso você constrói tudo, principalmente a família que é a base de qualquer vida.”, ele sempre me disse isso. Então na minha cabeça matemática eu pensava assim; eu vou estudar, vou formar, vou ter meus filhos*

*logo e criar a família, a vida toda foi assim. Então a maternidade pra mim é a prioridade. E aí eu pautava as outras coisas em cima disso.*

Este pragmatismo é expresso também nos planejamentos novos que surgem a partir dos filhos:

*Flora: Quando eles começaram a nascer, e a gente muda a vida, porque quando a gente que é só... não tem filho é um foco, quando passa a ter o foco muda e você tem que... que criar algumas estruturas que sejam viáveis pra as fases de vidas deles.*

Para Flora, a maternidade implica em participar ativamente da vida dos filhos, atividade que ela faz questão de realizar:

*Flora: Mas só que nessa carreira de vida que a gente tem hoje né, profissional, mãe, e eu lhe digo viu Marluze, eu participo efetivamente da vida de meus filhos diuturnamente, de dar o remédio de manhã, até olhar mochila, fazer tarefa junto e sempre na escola, uma vez por semana eu passo lá na escola, seja pra poder ver os professores, principalmente do menorzinho, que ainda tá no primário, e aí é o mais fácil porque hoje é tudo mais organizado, dá pra você falar com o professor, tem que marcar horário e eu respeito realmente as regras, mas eu ando lá, eu sou assim, considerada na escola uma mãe parceira. Todos os projetos, praticamente... Acaba que os professores me chamam, e coordenadores, porque eu sempre estou lá, vivinha, participando.*

Apesar de Flora e Mariana terem vivido a maternidade em si de forma tranquila, enquanto Flora planejou sua gravidez, a de Mariana se deu sem programação, numa época em que ainda não era casada e fazia faculdade, tendo representado um susto para ela e para Fernando, à época seu namorado:

*Mariana: Bom, é... Eu fiquei grávida quando eu estava fazendo o meu primeiro ano de residência, então pra mim foi um baque muito grande, porque eu não esperava jamais ficar grávida. Mas eu sempre tive uma facilidade muito grande de lidar com criança, de cuidar. Porque eu vim de uma família grande, e era eu e minhas duas irmãs mais velhas, e depois de seis, sete anos vieram uma "renca" de primozinhos pequenos e como nós éramos as mais velhas nós tínhamos que cuidar deles, assim,*

*cuidava mesmo. Então eu sempre tive esse contato com a criança, com o bebê, tudo mais.*

A gravidez inesperada de Mariana representou uma mudança radical na vida de Fernando, em termos de responsabilidade e maturidade:

*Fernando: Eu me tornei pai, eu não lhe digo relativamente cedo, mas de forma um tanto precoce no sentido de que... quando nós nos casamos, na primeira gravidez de Mariana, minha esposa, **não havia programação**. Nós éramos dois namorados, ainda começando a vida profissional e de repente surgiu. **E ali a vida mudou radicalmente**. No momento em que Mariana me disse que estava grávida, o meu comportamento mudou radicalmente. **Eu era um jovem que ainda pensava em curtir a vida, ainda tava em fase de estudo, iniciando trabalho. E a responsabilidade de colocar uma pessoa, de colocar um filho, muda a cabeça de qualquer pessoa que realmente tem algum sentimento, alguma coisa dentro, alguma maturidade. E aquilo ali mudou a minha vida completamente. Eu era um Fernando antes de Mariana me dizer que estava grávida, e no momento em que ela me disse que ela estava grávida, eu passei a ser outro. Tanto que o casamento foi proposta minha.***

Para Mariana, além do medo do filho dificultar seu progresso profissional, o que mais impactou no tornar-se mãe foram as responsabilidades domésticas. Para ela o cuidado com a criança era algo muito tranquilo, mas as exigências da casa a deixaram muito sobrecarregada:

*Mariana: **Então o que me assustou, foi o meu momento profissional**. Lógico né, o fato de eu ser solteira, apesar de eu confiar muito no meu namorado na época, que hoje é meu marido, e, é... a **ruptura súbita**, porque realmente me pegou de surpresa. Não a gravidez em si, nem ter um filho, porque pra mim aquilo era muito tranquilo, eu encarei aquilo com muita tranquilidade, minha gravidez foi muito tranqüila, foi tudo muito tranqüilo. Mas no início do casamento, como Fernando, assim, me cobra até hoje, e me cobrava muito mais naquela época, **teve dias de eu chorar “Meu Deus, eu quero voltar pra minha casa. Eu quero minha mãe.”**. O que é que é isso? Tem que providenciar café da manhã, almoço e jantar. Não é? Então assim... é muito punk isso. Você precisa estar preparada... Tem toda essa preparação pra um casamento que... na verdade eu não passei por isso, isso foi imposto, apesar de eu ser apaixonada por ele, por tá amando, tá grávida e ter um bebê, mas tem*

***uma responsabilidade que vem por trás que é um baque né, pra você ser... foi uma coisa imposta.***

Para Mariana, apesar das demandas o filho era fonte de realização, tendo um significado maior e mais relevante do que as outras atividades que fazia:

***Mariana: E depois o filho, assim... toma parte de você como um todo né? Uma esponja, “diz que” 100% de sucção, que as vezes eu falava com as minhas outras amigas que eram todas... ninguém tinha neném, então eu... eu fui a primeira das minhas amigas mais próximas. Gente, eu não me lembro como era a minha vida de solteiro antes. Porque tu esquece mesmo né, é uma coisa impressionante, eu não me lembro como era a minha vida sem ter filho, pô, eu saía de manhã pra trabalhar, saía de manhã, chegava de noite... o que é que me preenchia nesse... né? O que é que preenchia a gente quando a gente era solteira e vivia sozinha? É tão diferente isso, é tão louco, é impressionante. Então aquilo me... realizava, realmente me realizava.***

Para Fernando, o filho também adquiriu centralidade em sua vida, passando a ser medida para sua felicidade:

***Fernando: Eu acho que no momento que a gente tem um filho a gente para de viver pra gente e passa a viver pra eles, e a gente é feliz na felicidade deles, e a gente é seguro na segurança deles, então eu vou saber se tudo isso valeu a pena, se tudo isso deu certo lá na frente, quando eu olhar para eles e disser: “olha eles estão ali oh, saudáveis, felizes, com suas famílias”, entendeu, fazendo e produzindo do jeito que eles querem, do jeito que eles sonham, entendeu, mas chegaram lá, eu dei os instrumentos pra que eles façam a história deles do jeito que eles quiserem.***

A partir da constituição de sua família, o objetivo de Fernando passou a ser o crescimento profissional a fim de proporcionar uma boa qualidade de vida para sua família:

***Fernando: Só que quando a gente começa uma vida dessa forma, sem programar, sem casa, sem dinheiro, recém-formado, empregado, mas com um emprego que não, que garantia a minha renda como solteiro, não era suficiente como uma renda pra***



*família. Então é... ali eu resolvi fazer a minha residência, ali, eu resolvi é... planejar um futuro melhor. Até ali, eu queria viver, queria curtir, tava me preparando, mas não com aquela vontade ou com aquela consciência de que a gente realmente precisava crescer.*

A narrativa de Guilherme em relação à ruptura do tornar-se pai, também é marcada por um grande afeto. A gravidez foi desejada e planejada, sendo os filhos a realização de um grande desejo e um marco de ruptura feliz na sua vida.

*Guilherme: É, é. É uma questão inexplicável assim porque muda totalmente a nossa forma de pensar, de dar prioridade, né? Porque no momento que você não é pai, você dá muito prioridade a você e a momentos que você vai ter.. junto com a sua esposa. Sua vida social é uma vida muito mais ativa, (risos), sua vida de viagem, sua vida do dia a dia, você se torna refém de você e apenas de sua esposa. Eu posso chegar em casa 10 horas da noite, e aí ligar pra esposa: "Oh". Mas, por exemplo, se tiver um filho, uma prioridade de levar um filho no judô, você vai ter que dar prioridade. Então, muda completamente.*

O amor sentido pelo filho é vivenciado como algo diferente de qualquer outra experiência, passando a ser central em sua vida:

*Guilherme: É uma questão, é inexplicável. Porque você sente um amor incondicional, é uma coisa fora de, fora do comum porque você tem. Você tem o amor de mulher, você tem amor de mãe, amor de pai, amor de irmão, mas o amor de filho é uma coisa. Tá no sangue, tá no olhar, tá no cheiro, tá no tudo. Então, é prioridade 100%, né. Então, foi uma experiência pra mim formidável.*

Conforme o exposto, as narrativas acerca do tornar-se pai e mãe mostram a diversidade das trajetórias apontando para as peculiaridades individuais de cada caso. No entanto, apesar dessa notória variabilidade, o nascimento do filho e o ter um filho é narrado por todos como um fato de extrema centralidade na vida desses pais e mães, ocupando um lugar de grande afeto em suas vidas.

De acordo com as narrativas, os filhos são seres preciosos que geraram uma total modificação na vida dos pais, implicando em um novo sentido para a vida, em novas responsabilidades e uma nova visão de mundo. Sendo uma mudança

intransitiva com tamanha carga de afeto, o tornar-se pai/mãe implica em tornar-se cuidador e responsável pela vida desses seres que lhes são tão centrais.

A partir desta perspectiva, foram feitos os questionamentos sobre a família na cidade, sendo os filhos o foco de preocupação dos pais.

## CAPÍTULO 5

### A CIDADE E SEU SIGNIFICADO: O SIGNO E SUAS DIMENSÕES

A Psicologia Cultural, na investigação sobre a forma como os seres humanos constroem significados, utiliza como dados tanto o **produto** do processo de construção do significado – o significado em si, a opinião do sujeito – como o **processo** através do qual este significado foi gerado (Valsiner 2012b).

Neste capítulo, a análise do material empírico teve por objetivo identificar como a cidade é significada ao longo da reflexão da vida familiar na cidade. Para isto buscou-se compreender como a cidade é percebida no tempo, na comparação com outras cidades, considerando-a também a partir do desejo dos pais em viver uma cidade para famílias. As escolhas de lazer dos pais foi um tema de destaque, pois no momento em que não existe a obrigação de circular na cidade, as escolhas dos pais podem indicar como o signo cidade, em sua função promotora, está aproximando ou afastando a família da própria cidade, e qual a dinâmica subjacente a este processo de escolha. No próximo capítulo serão abordados os aspectos dinâmicos subjacentes às significações.

A dimensão temporal aqui abordada privilegia as reflexões sobre a cidade do presente e do passado, deixando o tempo futuro para o capítulo a seguir.

A reflexão sobre a cidade aqui trazida parte da posição específica de ser pai/mãe, de ter uma família à qual se está afetivamente vinculado e de morar em um condomínio vertical fechado de alto padrão, o qual oferece serviços para a vida familiar e dos indivíduos que antes só se podia ter acesso através da cidade.

#### 5.1. Sob o signo “cidade”

A cidade como signo, antes de tudo, é a nomeação de um fenômeno social, podendo ser interpretada à luz do desenvolver dos modos do convívio humano. O ato de nomear implica na representação simbólica de algo e em sua consequente operação semiótica de distanciamento psicológico do objeto, a qual permite reflexão sobre o mesmo (Abbey & Valsiner, 2005). Cidade, a princípio, implica um ambiente no qual um agrupamento de pessoas se fixou, sendo um espaço concreto, físico e

social, compartilhado pelos que nele vivem ou o frequentam, assim como um ambiente abstrato que corresponde a conceitos, normas e imaginações.

Aponta Kharlamov (2012) que a definição do termo cidade é uma tarefa monumental, mas sem grande valia para a compreensão da experiência humana de cidade. Assim como os termos “sociedade”, “família”, “mente”, “poder”, dentre outros, “cidade” é um termo que pertence à classe dos conceitos fundantes<sup>26</sup>, os quais permeiam a ciência e a história humana sem, no entanto, alcançarem uma definição sólida. Ao mesmo tempo, apresentam uma noção óbvia de seu significado, permitindo sua identificação imediata pelos sujeitos. Trata-se então de uma noção ostensiva sobre a identificação do que é a “cidade”.

Esta noção ostensiva inerente à noção de cidade se mescla com a polissemia atribuída ao signo ao longo da história, deixando evidente sua qualidade de dinâmica social que implica transformações culturais e a renovação de seus habitantes - mantendo-se embora toda esta variabilidade sob o mesmo signo “cidade”.

Os estudos sobre cidade apontam para tentativas de classificações das mesmas ao longo do tempo, desde as primeiras cidades mesopotâmicas surgidas há 5000 anos (Rolnik, 1988), passando pela “polis” grega ou cidade-Estado, a Civita romana, a cidade medieval, moderna, industrial, pós-industrial, até a cidade pós-moderna (Amendola, 2000) descrita nos tempos atuais. No entanto, as cidades, enquanto fato concreto, não obedecem rigidamente a uma evolução temporal, convivendo na contemporaneidade diversos “tipos” de cidade, apontando para a pluralidade dos modos de viver coletivo, embora cada vez mais influenciados pela globalização – mercado e tecnologia. Isto vem a causar em cada uma delas “novidades” específicas decorrente do encontro do global e do local, mais uma vez apontando para o operar da irreversibilidade do tempo na experiência humana, a irrepetibilidade de suas experiências, sendo que aqui traduzidas em uma expressão coletiva de cidade.

Implicando sempre em coletividade humana e sua fixação em um território, as cidades se caracterizam por uma dimensão de convivência de indivíduos em um mesmo espaço (sedentarismo), a qual, com o aumento do seu número de habitantes, necessita cada vez mais mecanismos de organização capazes de dar

---

<sup>26</sup> *Fundacional concepts* (Kharlamov, p.278).

conta de imensas demandas do viver, das famílias, da complexidade do existir humano. E, em sendo coletividade que busca a realização de fins comuns, a cidade é “política”<sup>27</sup>.

Quanto à organização política das cidades, inicialmente eram unidades autônomas, como a polis grega, encontrando-se o poder da gestão pública na própria cidade. No entanto, a história é marcada por guerras de conquistas territoriais e conseqüente dominação entre os povos, situação em que a autonomia política dos grupos é submetida ao domínio de outros. Atualmente, as cidades se encontram envolvidas em um conjunto político maior chamado de Estado<sup>28</sup>, o qual representa um modelo político originado ainda no século XVII, com a conhecida Paz de Westfália<sup>29</sup>. Embora a ideia de Estado implique em fronteiras, o Estado é uma criação simbólica, sendo a cidade o significante que representa a dimensão concreta onde a vida da família ocorre.

As cidades brasileiras, hodiernamente, se encontram submetidas ao ordenamento político do Estado Brasileiro, atualmente regido pela Constituição Federal promulgada em 1988. Mas, como todas as cidades, também as brasileiras carregam o peso de sua historicidade.

Declara a Constituição Federal de 1988, em seu artigo primeiro, ser o Brasil uma República Federativa, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal e constituindo-se em um Estado Democrático de Direito. Ou seja, ao ser uma união indissolúvel isto implica que todo o território

---

<sup>27</sup> O termo política se origina da palavra “polis” que significa cidade e tudo que a ela se refere. De *polis* surge o *politikos*. “Pólis: 1. cidade-Estado na Grécia antiga; 2. um Estado ou sociedade, esp. quando caracterizado por um senso de comunidade. ETIM. gr. Pólis,eôs ‘cidade’ (Houaiss, 2001); “A dimensão da atuação política é exatamente aquela em que se projeta o encontro entre as formas de se conceber o espaço de decisão sobre o que é comum. O solo da política é o solo da necessidade e da inevitabilidade do convívio. É como decorrência da condição humana que provém esta análise da imprescindibilidade do *estar-em-comum*, ou se for preferível da necessidade do ego e do alter se encontrarem através da complementaridade do agir. [...] A mútua afetação dos comportamentos sociais é um *dado* que só pode ser colhido na experiência da avaliação da própria condição humana, e é daí que brota a inescapabilidade da própria politicidade do convívio humano” (Bittar, 2008, p. 24)

<sup>28</sup> “A denominação de Estado (do latim status=estar firme), significando situação permanente de convivência e ligada à sociedade política, aparece pela primeira vez em “O Príncipe” de Maquiavel, escrito em 1513[...] É certo que o nome Estado, indicando uma sociedade política, só aparece no século XVI[...]” (Dallari, 1995, p. 43). Dallari aponta que, mais importante do que limitar-se ao uso específico do termo que aparece em determinado momento, a essência do Estado refere-se, embora com nomes diversos, “a todas as sociedades políticas que, com autoridade superior, fixaram as regras de convivência de seus membros” (Dallari, 1995, p. 43).

<sup>29</sup> Paz de Westfália: acordo que pôs fim à Guerra de Trinta anos na Europa em 1648, instituindo uma nova ordem política internacional baseada na soberania dos Estados Modernos.

compreendido pelo Estado, englobando aí todas as cidades, se encontram política e juridicamente vinculados sem a permissão de desvinculação. Deste modo todas as famílias e indivíduos estão implicados em uma submissão ao ordenamento e poder do Estado, não podendo se afastar de sua gestão política, embora possa modificá-la através da atividade e participação política, uma vez que a Constituição declara ser o Brasil uma Democracia. Assim, todos os cidadãos, enquanto viger o ordenamento jurídico presente, estão permanentemente vinculados ao Estado.

Sendo o espaço concreto onde a vida da família acontece, a cidade corporifica o lócus onde a experiência do humano, no contato com seu ambiente externo imediato, se desenvolve. É na cidade que o sujeito e a família concretamente vivem<sup>30</sup>. É sob o signo cidade que acontecem suas experiências sensoriais, que os filhos nascem, crescem, se movimentam, desenvolvem suas atividades. É na cidade que se dá o contato com o ambiente físico, com as ruas, edificações e com a natureza. Nela está a história de uma coletividade plural, seus marcos e monumentos, suas sínteses e aberturas simbólicas, reveladora de um passado constante no sutil limite do presente em um eterno futuro. Lá se dá o contato com o outro concreto, a ida para a escola, o trabalho, a praça, o trânsito. Enfim, é na cidade que ocorrem as infinitas sensações decorrentes da experiência fenomenológica do viver na irreversibilidade do tempo, das quais muitas se traduzirão em signos.

Esta dimensão existencial da cidade, a qual é investigada deste trabalho, tem sido foco de interesse da sociologia e da psicologia urbana, conforme apresenta Kharlamov (2012).

Neste contexto, entram em cena na cidade de Salvador os novos projetos imobiliários residenciais de luxo, representando uma novidade no modo de vida das famílias que lá moram, e na cidade como um todo, por serem um novo elemento urbano. Abrangendo terrenos de grande dimensão dentro de seus muros, os condomínios abrigam um grande número de famílias e oferecem serviços que há muito pouco tempo só poderiam ser usufruídos na esfera pública da cidade; representam uma novidade a qual é um produto de nossa cultura atual.

---

<sup>30</sup> É considerada aqui apenas a análise situação do homem que vive no contexto urbano metropolitano/característico da grande cidade.

## 5.2. O Modelo Dinâmico das Três Dimensões Básicas do Signo Cidade:

Para a análise do signo cidade, a cidade será considerada a partir de seus três elementos básicos<sup>31</sup>: o território, as pessoas e a ordem política. Embora isto não abarque os outros elementos de cidade considerados essenciais, tais como a modificação do ambiente pelo homem, ou o fato de ter a característica da oferta de serviços em oposição a atividades agrícolas, serão apenas estes os três elementos considerados. Afinal, é a partir deles que surge a complexidade da vida urbana com as características de seu tempo. O ser humano então, em contexto de cidade, vai desenvolvendo suas experiências inerentes ao viver.

Partindo desses elementos, propõe-se para a análise do signo cidade o **Modelo Dinâmico das Três Dimensões Básicas** do signo cidade que compreende as dimensões a seguir: a dimensão territorial, a dimensão social e a dimensão política. Apesar desta divisão, importa ressaltar que a relação entre elas é abordada a partir da noção de separação inclusiva proposta por Valsiner (2012), na qual, apesar da delimitação em partes, estas partes têm conexão entre si, formando o contexto maior do qual são constituintes.

A **dimensão territorial**, ou física-espacial, se refere aos atributos da cidade tanto naturais, como praias, clima, como aqueles construídos pelo homem como infraestrutura, edificações, ruas e praças. A **dimensão social** aborda o fator humano; já a **dimensão política** implica na relação com o Estado, na relação com os políticos e nas formas de gestão da cidade, se referindo apenas ao aspecto formal da política.

A categoria da **Psicologia Popular** indica que a experiência humana ocorre como um todo, logo, a investigação sobre a experiência de cidade não se propõe a fragmentar esta totalidade, mas sim apontar para a dinâmica entre estas dimensões.

Neste estudo, como já esclarecido, a investigação da experiência urbana parte de um recorte específico: pais que moram em condomínios fechados e refletem sobre a significação da cidade para a vida familiar, ancorados em uma perspectiva de cuidado com os filhos. Desta reflexão surgem suas opiniões sobre a

---

<sup>31</sup> De acordo com Bonavides (2010, p.70) estes também são os elementos que a teoria política ordinariamente reconhece como Estado, em sentido geral, entendido como uma coletividade tendo sido conceitualmente proposto por Duguit

cidade revelando, através dessas narrativas, as dinâmicas da vida familiar no contexto urbano.

A fim de trazer para a investigação empírica a construção do signo cidade à luz deste advento - os condomínios - serão apresentados e discutidos abaixo extratos selecionados das narrativas dos pais, que se mostraram relevantes ao objeto em questão.

Tais extratos foram selecionados com base em três categorias de análise, compostas de subcategorias, assim nomeadas:

A cidade e a família: impactos de um novo contexto de cidade

A cidade atual: suas transformações e perdas.

Cidade, família e lazer: circulando na cidade.

Território e sociedade: condições do lazer.

A crescente privatização do lazer.

Morando no condomínio e o desejo de cidade:

O condomínio.

O desejo de cidade.

### **Como é ter uma família em Salvador?**

Ao serem confrontados com o questionamento acima, os entrevistados, que acabavam de refletir sobre a transição para a paternidade, trouxeram esse posicionamento enquanto pais para sua reflexão quanto à relação família-cidade.

#### **5.3. A cidade e a família: impactos de um novo contexto de cidade.**

Este tópico traz o relato dos entrevistados sobre o significado amplo de ter uma família em Salvador, destacando como os entrevistados vivenciam o impacto da cidade na sua vida familiar. Através da recordação e narrativa desta vivência, busca-se delinear noções acerca do significado da cidade. Foi destacada a investigação



sobre as atividades destas famílias nos momentos de lazer, uma vez que a ausência de obrigações pré-estabelecidas permite identificar as escolhas dos pais diante de uma abertura de opções (ambivalências). Estas escolhas são consideradas indicativo de como a cidade é significada e sua decorrente influência na promoção da relação da família com a própria cidade.

### 5.3.1. A cidade atual: suas transformações e perdas

Desde o primeiro momento da entrevista, as narrativas trazem a cidade como um contexto que exerce grande impacto na família. Relacionada ao tempo presente, a cidade é significada como um espaço de perigos, implicando em uma experiência aversiva. Segurança e mobilidade são narrados como os maiores problemas de Salvador. Além da "violência absurda", criminalidade e o "trânsito infernal", termos surgidos nas entrevistas, é citado o lixo que se acumula em de suas ruas, a ausência de manutenção, enfim, Salvador aparece como uma cidade descuidada.

*Guilherme: Então, você tem uma insegurança muito grande. Muito lixo demais na cidade, que voltou a ter muito lixo na cidade, demais. Você tem hoje um trânsito infernal.*

Os entrevistados apontam para uma mudança muito marcante na cidade: a prevalência dos carros e a impossibilidade de circular a pé pela cidade:

*Andréa: É outra cidade. A gente só anda de carro agora. Já era uma cidade propícia a andar de carros há vinte anos atrás, imagina agora que todo mundo só anda de carro.*

A violência e o trânsito apareceram nas narrativas juntos, dentro de um mesmo campo afetivo negativo de insatisfação, de repulsa. O trânsito, dentre outros, implica em "perda de tempo", reduzindo o tempo para estar como sua família. As narrativas de Flora e Fernando, abaixo, apontam para esta relação entre a violência, o trânsito e um tempo que é cada vez mais escasso:

*Flora: [...] aquela coisa de você morar hoje num lugar onde a violência tá crescida, onde o trânsito é complicado, pra você sair de casa hoje pra levar... ir em algum lugar, você gasta num sei quanto tempo, se é que você chega. Como hoje tudo é muito corrido e tudo muito, muito programado eu acho que reflete demais na vida das pessoas.*

*Fernando: Viver em Salvador já foi muito tranquilo. Hoje em dia, eu acho que a gente vive um momento terrível. A questão do trânsito, da mobilidade da cidade... é um caos. Eu acho que.... é... o tempo que se gasta pra se movimentar de um lado pro outro, praticamente inviabiliza o que eu fazia no passado.*

O automóvel aparece relacionado a momentos de grande vulnerabilidade da família no contato com a cidade. Associado ao engarrafamento que é narrado como fonte de estresse, perda de tempo e sensação de aprisionamento, estar em um carro parado, seja no trânsito, ou nos momentos de entrada e saída do automóvel, a família se sente alvo de sequestradores e assaltantes.

*Fernando: [...] O principal problema de Salvador hoje é a mobilidade e a segurança. Dentro dessa dificuldade de mobilidade, até no trânsito a gente tem medo de ser assaltado nas sinaleiras.*

O medo relacionado à criminalidade nas ruas tem consequências na restrição de circulação na cidade seja pelos pais ou pelos filhos. Guilherme narra que devido ao medo de que seu filho fosse sequestrado enquanto estivesse no carro parado, eles decidiram retirar a criança da aula de judô e aguardar a entrega do condomínio, onde lá poderia frequentar o judô com tranquilidade.

*Guilherme: Antes daqui (do condomínio), a gente estava num prédio normal, ele (filho de 5 anos) tinha o judô aqui no Rio Vermelho, e a gente ficava muito receoso, onde o motorista ia parar o carro. Aí, o menino tira o cinto, aí desce devagarzinho, o filho. Pra saltar **ali no Rio Vermelho, 10 horas da manhã, o menino... A visibilidade que se tem hoje, o medo de um sequestro, o medo de um assalto do carro e levar o filho, é muito grande.** Então, isso se tornou até engraçado, assim. Engraçado num lado porque, nos últimos meses, ficou tão intenso na nossa cabeça que a gente cortou o judô dele. Como já tava pra entregar aqui o condomínio, a gente já tava tão*

preocupado com isso... “Deixa uns dois meses”, a gente falava assim: “Isso já está tanto na nossa cabeça. Daqui a pouco acontece e a gente fala: ‘Porque eu não tomei atitude antes’. Então, o que é que a gente fez? Nós cortamos o judô dele. **Imagine, ele não pode ir pro judô porque a gente tava naquele período que tava muito sequestro, muita coisa na cidade, muita...**

A realidade do sequestro se fez presente durante esta pesquisa. No dia anterior à entrevista com Andréa, havia sido sequestrada uma menininha de 5 anos que estudava na mesma escola que seus filhos e era amiga de sua filha Patrícia:

*Andréa: E hoje inclusive...eu tive a notícia de um sequestro de uma criança da escola dos meus filhos, que vinha da... de casa, muito próximo, a poucos metros do edifício onde ela mora do... da escola dos meus filhos, e ela foi sequestrada quando estava se deslocando com a babá. E a gente fica pensando “Meu Deus, será que a babá tinha uma implicação...”, porque dois amigos meus já tiveram filhos sob ameaça de sequestros que estavam sendo arquitetados por babá.*

Entrar e a sair automóvel em local público se tornou um momento em que os pais ensinam os filhos uma característica da cidade: que existe sempre um ladrão que pode chegar e por isso é preciso ser rápido e saindo logo do carro.

*Guilherme: [...] se você sai hoje, Amanda fica falando... vai pro shopping e “**Sai do carro! Correndo! Bora, entra logo! Logo, oh o ladrão**”, então, se você também não passar isso, eles ficam dentro do carro, jogando, fazendo uma coisa, outra, e você acaba perdendo 5, 10 minutos dentro do carro, e é o tempo que uma pessoa pode vir. Isso inclusive é até uma instrução de pessoas técnicas em segurança que você procure o mais rápido possível, saia do carro. Não fique muito tempo exposta ao perigo, né? Então, você vive nesse mundo que eles vão viver cada dia mais porque só vai piorar.*

Esta realidade da violência foi relatada por Mariana ao narrar o assalto que sofreu no carro, quando estava com seus filhos, voltando do pediatra. Este evento causou um grande impacto nela e nos filhos, que passaram a ter muito medo de circular na cidade, contribuindo para que hoje seja considerada uma “cidade

horrível”. Ao ser questionada sobre “ter uma família em Salvador” esta é a primeira narrativa que expressa:

*Mariana: Oh Luze... eu acho que Salvador está passando por um momento “puhff”, né? Então, eu **hoje acho a nossa cidade horrível**. E assim, eu falo isso aqui pra você porque... eu nem falo isso pra Antônio e pra Juli porque **eles acham Salvador horrível**, entendeu? Eles, assim, **a gente já foi assaltada no carro na rua, a gente voltando do pediatra, assim... os dois no carro, roubaram... “coisaram” o vidro, levaram bolsa, aquele pânico dentro do carro**. Então assim... na verdade foi o momento mais violento, graças a Deus... , que eu já vivi, e **você tem que segurar a onda porque você tá com os meninos se você desabar e se desestruturar aí que vira realmente uma coisa...** Então assim, eu segurei minha onda. Meu coração parecia que ia sair pela boca, mas eu vi: “Não, estamos todos bem. Passou. Vamos ver o que é que a gente vai fazer”.*

Além da realidade vivenciada na rua, dentro das casas o noticiário é considerado um elemento intensificador do medo da cidade:

*Mariana: Ana Júlia, o ano passado, não podia ver o noticiário, ficou meio com pânico mesmo porque, era vendo televisão e... assim, ela tinha medo de ir no Shopping, ela não queria sair pra jantar de noite, porque ela sempre tinha medo que acontecesse alguma coisa. Então de uns três anos pra cá... Se bem que nessa época foi quando eu fui assaltada, foi 2004, ou 2005, e já tava havendo essa onda de assalto, de engarrafamento, a cidade já tava bem loucamente engarrafada. Então assim, a nossa cidade tá muito violenta. Muito violenta.*

O clima de estresse e tensão é destacado por Andréa como impactando na relação emocional entre pais e filhos, fazendo com que os pais estejam constantemente tensos e preocupados com um perigo sempre iminente, tendo reflexo nos momentos de lazer da família:

*Andréa: [...] essa criminalidade, esse clima de tensão, de temor, de estresse em estado latente, **interfere diretamente nas nossas vidas, no nosso lazer, na nossa vida cultural, nas relações emocionais que você trava com seu filho**, porque você*

*já vem estressado da rua, com medo, preocupado, aí ele já entra no carro, você também tem medo, está preocupado, e aí “bota o cinto” e já vai arrastando o carro.*

A criminalidade é também relatada como sendo um fator que influencia na educação que os pais dão aos filhos. Para Andréa, este contexto faz com que os pais tenham que falar com os filhos sobre temas que não seriam próprios à idade destes:

*Andréa: Uma das questões que eu acho assim extremamente difícil de se lidar falando dessa questão de orientação, de limite, tem sido a liberdade que você pode dar aos filhos hoje por conta da criminalidade que existe na nossa cidade. [...] Muitas vezes você tem que falar com seus filhos de assuntos que não seriam próprios para a idade deles, mas que infelizmente, na realidade que a gente vive a gente é obrigado a falar. Minha filha tem 8 anos, vai fazer 9, e eu já dou alguns toques a ela sobre pedofilia sem falar de relacionamento sexual, sem falar de estupro, sem falar de atos libidinosos, porque eu não posso falar disso pra ela porque ela ainda não me perguntou e ela ainda não tem amadurecimento para ouvir.*

Transformado em um momento de medo, o simples ato de andar nas ruas passa a ser evitado:

*Mariana: Aqui você não faz nada andando. Quando eu vou com Juli de um lugar pro outro... esse... assim. Fui com ela pro balé... “Vamo andando do balé até a academia... até o shopping Pituba Sol pra comprar um presente”, **ela fica em pânico**. Agarra a minha mão, eu falo: “Juli, aqui tá tranquilo minha filha, não vai acontecer nada.”*

Comparando aos hábitos de sua juventude, Fernando aponta para a diferença entre a forma como ele circulava livremente na cidade e como hoje isto é inviável para seus filhos:

*Fernando: Meus filhos têm medo. Antônio tem 15 anos, e apesar dos 15 anos, Antônio ainda ter medo de andar sozinho, de andar solto na rua. É, quando a gente fala que, naquele tempo, com a idade que ele tem 14, 15 anos a gente voltava do colégio, ia pro colégio de ônibus, terminava a prova, não precisava que ninguém fosse*

*pegar, porque a gente ia andando pro Campo Grande, pegava o ônibus e voltava pra casa, parece absurdo, mas hoje é inviável.*

A restrição em poder andar com segurança na cidade é apontada pelos entrevistados como um fator muito negativo na vida de todos, em especial para o desenvolvimento humano dos filhos. Há uma sensação de aprisionamento, de não poder explorar a cidade, levando a uma perda de experiências que ajudariam a desenvolver a autonomia do jovem no contato com a coletividade, além da perda em estabelecer um contato com a diversidade social da cidade.

Para além da criminalidade, é destacada a falta de educação da população acerca dos sinais de trânsito, o que contribui para que as ruas sejam uma ameaça aos pedestres. Comparando à sua época de juventude, a narrativa de Andréa traz a relevância do andar pela cidade no processo de criação e crescimento dos filhos:

*Andrea: Acho que isso é uma perda (não poder circular na cidade), **a perda de conhecer, explorar a cidade mais, a perda de a criança ter mais autonomia**, porque se não fosse essa violência, essa falta de educação tão grande, essa exclusão social, os nossos filhos poderiam andar de ônibus quando estivessem um pouquinho mais velhos, como eu andei pela primeira vez com onze anos, e depois já andava só, **poderiam atravessar mais a rua se houvesse mais respeito aos sinais de trânsito, poderiam se tornar mais autônomos, mais um ser integral, assim né... como é importante.***

A dimensão social trazida por Andréa compreende uma série de fatores negativos que impactam na família, da qual a criminalidade e a falta de educação são as consequências. Já no início de sua entrevista o tema social foi destaque em suas narrativas. Ao desenvolver este tema, Andréa não atribui estas características como algo inerente às pessoas, fazendo-se, ao invés, uma associação direta entre a dimensão social da cidade e a dimensão política. Através de uma perspectiva histórica, a forma de gestão política da cidade, assim como a do Brasil como um todo, é identificada como a causa primeira dos problemas da sociedade hoje presentes. Em suas palavras, este contexto total da cidade, em sua dimensão social, faz com que os filhos vivam “enjaulados”:

Andréa: O que impacta na cidade para mim e creio com certeza para as pessoas que têm educação, a educação doméstica e a educação formal, é **o nível social e cultural da cidade, da população da sua grande maioria**. Por conta dessa colonização nossa, [...] embora deixassem de viver na condição de escravos, **o governo não investiu em nada em educação para essas pessoas**, elas ficaram completamente marginalizadas, [...] e a própria **mentalidade do povo brasileiro** que não investiu em educação, e não investe até hoje como deveria ser, e essa população se proliferando, se proliferando, tendo filhos de forma desregrada, com ausência total de controle de natalidade, e filhos da pobreza cada vez mais pobres, cada vez mais pobre, e o que é que isso gera? Gera **criminalidade**, e quando não gera criminalidade em algumas pessoas, isso gera uma **falta de educação muito grande**, então é muito difícil conviver com isso, porque você educa seu filho que não deve falar palavrão, que é feio isso, isso e isso, e chega nas filas dos shoppings, dos cinemas, você ouve, ouve dos próprios funcionários do fast food, ouve na fila do caixa, do porteiro do seu prédio, então é **muito difícil criar filhos com uma população tão desigual**. [...] O que assim pra mim sobeja mais, a que mais é... aberra é a falta de educação da população. A **falta de seriedade dos gestores públicos**, mormente o último aí, **esse prefeito que está aí** gerenciando a cidade há alguns anos que a cidade está um caos, a falta de seriedade, o cara é um moleque, abandonou a cidade completamente, ele não tem pulso, não tem voz ativa, então se ele não está roubando, ele está deixando que várias pessoas estejam cometendo aí atrocidades, atos de improbidade, desvio de verbas.

Ao falar sobre a família na cidade, Flora apresenta a cidade atual como consequência de uma época em que os comportamentos e os valores mudaram. Para Flora, a mudança de hábitos foi um elemento muito relevante no início de sua reflexão e no decorrer da entrevista, embora sua ideia inicial em relação à cidade tenha se modificado, dando mais relevo à dimensão política como influência direta na cidade:

Flora: Na verdade não é você morar em Salvador, nem morar no interior, o que eu digo... o que eu percebo hoje é que as pessoas não tem muito limite. Não sei se essa sangria desatada que a gente passa hoje correndo atrás, é... as famílias hoje, pra mim, estão mais desestruturadas. Seja na atenção... e como isso é a base de tudo acaba refletindo em todos os outros pontos da vida. E eu percebo isso também porque meu trabalho tem uma correlação direta. [...] E eu percebo que... que hoje tá tudo

*muito banalizado, então eu faço um estudo, quando eu fico parada e penso, o que eu sinto é que... não é que você mora hoje na capital, porque no interior também, quando eu converso tem os mesmos problemas, o índice de criminalidade sobe, sabe? A falta de respeito ao próximo, que é o que motiva esse outro ponto sobe, a falta de tempo das pessoas hoje é muito gritante. Então o que é que eu percebo? Se a gente quiser hoje, como mãe, a gente entra e sai de casa sem ver filho. Então o que eu penso nitidamente, eu tenho isso claro, é que a gente não pode esquecer o outro lado, de que onde quer que você esteja, qualquer espaço... físico que seja, interior, capital, você tem que tá ligado nesses aspectos fundamentais é... que refletem diretamente nas vidas dos nossos filhos, que é você tá próximo, você saber o que se passa com eles, você dar amor, você dar limite, que falta pra caramba, é você falar de Deus...*

A narrativa de Guilherme introduz novos elementos para a compreensão da experiência de cidade: a identidade pessoal e coletiva tendo por base a cidade e sua vinculação afetiva.

*Guilherme: Aí, a gente antigamente, chegava numa cidade: “Baiano”, e a gente batia no peito assim: “Pô, as pessoas olham gente como sendo aquela cerejinha do bolo do Brasil”, “Porra, aquele cara ali é baiano”, quando chegava... e **a gente se sentia orgulhoso com isso**. Hoje, a gente olha assim: “Porra, a gente é baiano... infelizmente, a gente é baiano”, porque morar numa cidade dessa hoje em dia, do jeito que tá, então a gente perdeu o que é mais importante que é você... é como você entrar numa loja e ter um bom vendedor: “olhe, que sapato mais lindo, não sei o que...”.*

Em sua fala, fica claro que a vivência da cidade não se refere apenas a circular em seu espaço, sendo algo externo ao sujeito e circunstancial. A cidade é narrada como integrando o próprio eu da pessoa, a tal ponto que se a cidade está bem, é sinal de orgulho pessoal, e se está em condições ruins, sente-se envergonhado. Assim, a experiência de cidade, ao ser estabelecido um vínculo de pertencimento, implica em um sentimento em relação à cidade que tem reflexos na própria relação com o eu.

A experiência total da cidade é trazida por Guilherme ao expressar que tudo está entrelaçado, sendo a cidade uma conjuntura de fatores que o sujeito vivencia e



significa. O afeto, como parte de todo processo de vivência do humano é traduzido pelo amor e pela perda de amor à cidade:

*Guilherme: Ontem, engraçado, falando, eu fui no Barradão, na rua, e o cara no rádio: “oh, acabou de ligar aqui, o cara acabou de ser assaltado aqui na minha frente no engarrafamento aqui na Luís Eduardo Magalhães”. Então, você, tudo é... **tudo tá entrelaçado**, né? A mobilidade urbana, segurança, saúde, então tudo tá... Eu consigo enxergar que... melhorias. Eu acho que as pessoas é... **tomara que a nossa cidade volte a ser a Salvador que a gente tanto ama, porque hoje a gente perdeu até o sentimento de amar a cidade de Salvador.***

Essa perda do amor pela cidade é identificada em outras narrativas, apontando ser a situação negativa da cidade atual uma circunstância, algo que se refere ao momento da cidade, uma vez que, viver em Salvador já foi considerado muito agradável. Ao recordarem os atributos positivos da cidade, dimensão territorial ganha destaque. Principalmente em aspectos relacionados à sua natureza urbana, Salvador é significada como uma cidade bonita, agradável, com opções para uma boa qualidade de vida familiar, elementos que foram vivenciados pelos pais em sua infância e juventude e que tornam-se critério de comparação entre a vida familiar que a cidade oferece hoje e a que tem potencial a oferecer.

Ao trazer a dimensão territorial, o campo afetivo de aversão à cidade começa a ser mesclado com afetos positivos, trazendo uma cidade bonita, agradável e que com muitas opções para as famílias.

*Mariana: É a **família é realmente o que me prende aqui**, porque dizer que... **que eu adoro o mar**, eu adoro... eu morei... eu morava em Piatã, aí eu casei com “Nando”, tudo, e ano passado a gente tava morando na casa de minha mãe de novo, esperando o apartamento ficar pronto. E eu sempre fazia questão de vir andando pela praia, a gente ia pro Vieira, pro Garcia, pela Paralela, pela Bonocô... “Não, vamo pela praia”, sempre fiz questão de andar pela praia com os meninos, todo dia de manhã eu dizia “Olha que mar lindo, olha que dia lindo”, assim sabe, pra... **porque realmente eu amo a praia**. Mas assim, você não vai na praia. Ano passado eu não fui na praia um dia. Porque você não tem condição de ir na praia. Porque é engarrafamento, porque é cheio, porque é isso, porque é aquilo. Então a gente poderia aproveitar mais o que a cidade tem pra oferecer pra a gente se tivesse segurança, se tivesse transporte*

*público, porque eu acho que Salvador é uma cidade bem gostosa, bem interessante, é bonita, tem coisas lindas, tem lugares agradáveis, mas não dá pra viver tranquilo em Salvador mais. Não dá.*

A retração em relação à cidade devido a suas características atuais é identificada em todas as narrativas. A circulação na cidade passa a ser sentido como uma necessidade que não se pode evitar:

*Mariana: O mundo lá fora é o mundo cão, né? É um mundo “cãozaço”, então, é... infelizmente a gente não pode se entocar aqui, e tem que viver mesmo a vida.*

Depreende-se destas narrativas que o signo cidade se refere a uma coletividade que compartilha um espaço público específico, implicando em uma história no tempo com suas consequências no presente. A cidade é um espaço em relação ao qual pode-se estabelecer um vínculo afetivo de pertencimento tão significativo que passa a integrar a própria identidade do sujeito, afetando-a a depender do estado da cidade. A mudança do sentimento em relação a cidade de Salvador, ou à frustração em não poder usufruir de elementos perenes da cidade, como o mar, mostram uma vivência de “perda de cidade”, a qual, embora desejada, é significada como aversiva, impossibilitando uma vida familiar tranquila.

#### 5.4. Cidade, família e lazer: circulando na cidade.

Após a significação ampla da experiência do viver familiar na cidade atual, tópico tratado no item anterior (1.1), aqui serão analisadas as narrativas dos pais que apontam para significações da cidade enquanto espaço de vivência do lazer da família. Embora houvesse concordância dos sujeitos quanto às escolhas de lazer e à forma como a cidade se apresenta para estas famílias, foi identificada uma diversidade de postura dos pais em relação a uma busca por maior reclusão ou por participação e integração dos filhos na vida urbana.

#### 5.4.1. Território e sociedade: condições do lazer.

A dinâmica entre as dimensões territorial, social e política mais uma vez revela a experiência da cidade como uma vivência complexa. A dimensão social é a mais destacada nas narrativas como o fator que se interpõe entre as famílias e as opções de lazer, uma vez que é no contato com o outro que a violência e as experiências vivenciadas entre as pessoas, e sentidas como negativas, acontecem. A dimensão social é significada como impossibilitando o desfrute de prazeres simples como caminhar com o filho ou ter a tranquilidade para levá-lo a uma praça pública. Deste modo, ambas as dimensões, a territorial e a social, se colocam com condições para que exista o lazer.

Na ausência de condições de circulação na cidade, o lazer se torna uma experiência vivenciada cada vez mais em locais privados:

*Andréa: (você se sente) é... **um peixe fora d'água na sua cidade**, se sente é... um ser diferente, entendeu? É como se a gente não fizesse parte. Quando eu vou no supermercado que eu ouço tanto palavrão, começa a tocar o pagode, não digo no Extra, não digo... basta ser um mercado assim, num lugar... um mercado mais simples que você já vê que você é que tá de mais ali, porque passa na frente daqueles... desses "baresinhos" aí, tudo quanto é bi... biboca e boteco que tão abrindo, no meio de rua, até ali na Tancredo Neves, naquela parte de dentro, cheio daquelas barraquinhas que puxa "gato" da rua, aqueles de cachorro quente que bota banquinho e mesa, e barzinho e boteco, que povo abre o fundo do carro e começa a tocar o pagode, o pagodão, e a música... o samba "comendo no centro", você vê... você se sente parte daquilo ali? [...] **Você diz "Meu Deus..."**, eu sou diferente dessas pessoas, essas pessoas...*

Acrescida à dimensão social, a dimensão territorial se apresenta dentro de uma dinâmica ambivalente de atração e aversão. Ao mesmo tempo em que atrair para o lazer, com suas praias, esta opção é evitada devido à falta de infraestrutura da cidade para o lazer familiar. A consequência é o fortalecimento cada vez maior das escolhas por programas familiares privados:

Fernando: Olha, apesar de a gente gostar de praia, não é muito o forte da gente pela dificuldade de estacionamento, principalmente. O trânsito pra chegar na praia, estacionar... e agora, que acabaram com as barracas de praia, você tem que levar a sua cadeirinha ou alugar uma cadeirinha lá, eu não. Não é muito a minha cara ir pra uma praia, sentar numa toalha de praia e ficar ali curtindo o sol e... Eu prefiro ficar aqui na piscina ou ir pra casa de algum amigo que tenha piscina pelo **conforto** mesmo de chegar e estacionar, ter onde sentar, ter comida, ter bebida fácil, mas a gente gosta. Não vamos com quase frequência nenhuma. A gente vai ao clube, na Associação Atlética que tenha essas facilidades todas também e tenho muitos amigos associados. A gente gosta muito de ir pro shopping, a gente vai muito ao shopping, principalmente o Shopping Salvador agora. É... **a gente enche muito a casa**, a verdade é essa. Aqui em casa, toda semana tem que fazer alguma coisinha. Se passo 15 dias sem fazer alguma coisa, a turma pergunta: “O que é que aconteceu? Cadê?”.

Sendo uma cidade litorânea, a derrubada das barracas de praia sem um projeto alternativo causou impacto nas opções de lazer da cidade. O significado da ausência de infraestrutura diante de uma população cada vez mais numerosa é trazido por Andréa na narrativa a seguir. Para ela, o prazer de frequentar uma praia com a família, gozando de coisas simples como tomar uma água de coco e brincar com o filho em uma “pocinha” foi completamente retirado:

*Andréa: A retirada das barracas de praia da forma que foi, sem ter ordenado de novo, sem ter regularizado, porque se existissem aquelas barracas como tem em Aracaju, no Rio de Janeiro, a gente teria acesso a uma boa praia, porque quem mora de frente para o mar, quem tem uma casa de praia [...] como é meu caso, pode ir lá tomar um banho de mar e voltar. Mas eu falo aqui em Salvador, você ficar numa barraca, tomar uma água de coco, olhar seu filho de uma barraca em uma “pocinha”, brincar naquela “pocinha”, construir um castelinho, isso não existe, primeiro porque as praia são lotadas de pessoas que não tem nível, nível cultural, de educação, não tem cidadania, não respeita o direito do próximo. Em qualquer lugar que você está você ouve palavra de baixo calão, mulheres com trajes sumários descendo na boquinha da garrafa, o próprio gosto musical da cidade já tende para isso, pois já tende ao erotismo, as músicas de pagode na sua grande maioria tem uma letra extremamente atentatória a moral feminina e à família. Então a praia já está eliminada por conta das barracas e da frequência.*

Ao distinguir a dimensão social da dimensão estrutural da cidade, é constatada a carência de espaços públicos na cidade, principalmente ao ar livre, no contato com a natureza, como ciclovias e praças:

*Flora: [...] a gente vive realmente atravancado, seja porque... você tem aí uma via de bicicleta segura e legal pra você andar? Não tem. Então você como mãe, você deixa o seu filho ir pra rua de bicicleta? Não deixa. Não é isso? Então assim...*

*Guilherme: São duas praças hoje em Salvador que está tendo: a praça Ana Lúcia e a praça do Grupo Fator, que as pessoas frequentam. Outro dia, encontrei com gente lá da Cidade Baixa, que são uns amigos meus, eles trouxeram gente da cidade baixa pra vir pra cá pra poder brincar. Então, você tem hoje em Salvador duas, três praças pra você curtir. Você não tem um calçadão de uma orla como você tem em Fortaleza, em Aracaju pra você? Você não tem. Você pega ali, da Boca do Rio até Itapoã, é um deserto, **é um negócio que você não vai andar ali nunca!***

Ainda referente a cidade enquanto local de lazer, a experiência de Flora acompanhando seu filho em um campeonato esportivo na Espanha e em Portugal destaca a importância do esporte para a vida urbana. Em sua narrativa, a ausência de um centro esportivo público, priva a população de uma vida mais saudável, ao não poder desfrutar de estruturas oferecidas pela cidade:

*Flora: Em junho é... teve um campeonato na Espanha e em Portugal, eu fiquei abismada, com as cidades da Espanha, cidades minúsculas, com pouquíssimos habitantes, com dois três centros de treinamentos imensos, assim... **totalmente voltados pro esporte**, você vê a... a... a cidade girando em torno daquilo, campeonatos maravilhosos onde os jogos eram em cidades com doze mil habitantes. Doze mil. Aí eu falo aqui de dois milhões... e aí você vai nas cidades que tem, entendeu?*

Ao comparar a relevância dada ao esporte nas cidades que visitou à dada em Salvador, Flora traz a dimensão política para a análise da situação atual da cidade. Em sua narrativa, Salvador é significada como uma cidade cuja gestão não valoriza o elemento social, na qual não há uma preocupação dos gestores em oferecer à população estruturas que proporcionassem uma vida mais saudável para a

população, como centros esportivos. Principalmente as famílias mais vulneráveis, por falta de alternativas sociais são as mais prejudicadas, facilitando inclusive a cooptação dos jovens pelo tráfico, especialmente nesta época de difusão do crack.

*Flora: Então assim, você vê Salvador, você não tem um centro de treinamento, você vê Bahia, Vitória, mas mesmo assim é aquela política fechada que não é o cunho de você dizer assim... é isso que eu acho que falta na cidade. Aí você vê aí as plataformas políticas todas “Vamos... Vamos focar pra dar o esporte pra quem não tem acesso... tátátá... educação pra quem não tem acesso.”, e... e eu não vejo, entendeu? Não... não sinto... é... quer dizer, era uma cidade totalmente propícia a isso, com clima legal, né? Então você hoje vê... o que eu vejo de diferente é... é meninos novos sendo cooptados pela criminalidade. Eu via... eu... eu na vara de tóxicos via as várias narrativas de saber que... que... que ali perto da casa aonde aquele menor, que não tinha nem dez anos, morava tinha um ponto de... de... de droga, e mais dia ou menos dia... a mãe tem que sair pra trabalhar, então não tem condição... aí você vai punir a mãe que sai pra trabalhar porque deixa o filho com o vizinho, ou com alguém olhando. Enfim, é um problema social então, que eu acho que poderia melhorar muito na cidade.[...] me dói profundamente você vê que as pessoas acabam não podendo ter uma vida mais saudável por força da... da, sei lá, da... da falta de opção que existe na cidade, e eu vejo isso.*

#### 5.4.2. A crescente privatização do lazer.

Com a privatização cada vez maior das opções de lazer, assim como as praias cedem lugar às piscinas privadas, as praças públicas dão lugar aos shoppings. Vivendo em uma cidade significada como carente de espaço público, apenas os shoppings são citados como uma opção de lazer no qual é possível um certo convívio urbano.

No entanto, a “preferência” pelo shopping é trazida na narrativa dos pais como resultado de uma dinâmica ambivalente entre a busca por locais de diversão e as possíveis experiências que os locais da cidade podem oferecer. Assim, a escolha pela ida ao shopping não se revela como uma escolha entre opções com o mesmo grau de segurança para a família. O shopping, na verdade, é significado como a única alternativa frente ao risco que os outros locais públicos representam.

A narrativa de Andréa exemplifica como a condição de ausência de opções da cidade levam à frequência de sua família ao shopping, um lugar avaliado negativamente e que não substitui o seu desejo, enquanto mãe, por espaços abertos onde seus filhos pudessem ter contato com a natureza. Ela expressa que a vivência de uma pracinha ao ar livre seria preferível e não é passível de substituição pela experiência de shopping, a qual entende como muito negativa:

*Andréa: O fato da cidade não ter entretenimento direcionado para criança, a não ser **Shopping Center**, que inclusive é **um lugar péssimo** também no sentido... primeiro que o ambiente não é bom, um ar-condicionado que fica ali circulando, disseminando viroses e mais viroses, surtos de doenças, se tiver havendo, e **você não tem contato com a natureza**, você fica ali naquele concreto, com luz e ar-condicionado, pode ter o sol que for do lado de fora, então a **falta de entretenimento direcionada para a família e para as crianças impactam diretamente na minha vida familiar**.*

Além dos shoppings, os condomínios fechados - locais de distanciamento da vida urbana, seja geograficamente ou apenas subjetivamente -, e os locais mais afastados, se tornam destinatários das escolhas familiares:

*Fernando: O lazer fica um pouco mais restrito pela insegurança que você não se propõe mais a levar os meninos para o lazer na rua como a gente fazia antigamente, **isso prende um pouco a gente dentro do condomínio na hora do lazer**. Eu ainda corro na rua. Eu vou pra academia na Pituba, deixo o carro lá e saio correndo, Vou, volto, não tenho isso. Mas como eu tava lhe falando. Fernando sozinho se comporta de um jeito, Fernando com a família, tem um cuidado bem...*

Questionados sobre a circulação na cidade nos momentos de lazer, a narrativa de Guilherme deixa clara a forma como a vida pública da cidade está cada vez mais afastada das escolhas da família:

*Guilherme: (a família vai para) outro condomínio (risos), condomínio em Guarajuba, um condomínio excelente que nós temos casa lá perto da praia, dos meus pais, com meu irmão. Então, praticamente, a gente vai pra lá, praticamente, ou, quando férias, é pegar o avião e.... .Ou eu vou esquiar com os amigos, ou eu vou com a minha esposa para os Estados Unidos, vou pra Europa, a gente vai pra Argentina, um exemplo, e vai*

*sair do país pra poder... eu, graças a Deus, que eu mexo com entretenimento, então, eu já conheço boa parte do Brasil, quase todas as capitais e as grandes cidades assim, eu conheço. E... a gente circula nisso. Talvez dentro de um shopping porque você tem um cinema, você tem um parquinho, você tem as coisas pra levar os filhos e Guarajuba. Ou então, aqui no Condomínio. O lazer é isso, entendeu? Eu também tenho uma lancha. Então, eu pego a lanchinha e vou pro mar. Pra outro lado lá, numa praia que não tenha muita gente e você tenha uma privacidade maior. Porque você passar um domingo numa praia dessa em Salvador, onde você não tenha barraca nem de praia pra você consumir, ir no banheiro, né? Então, Salvador tá vivendo um momento muito difícil, né? Você não tem entretenimento nenhum, entendeu? Fico com pena dos turistas que vem pra cá, entendeu?*

A narrativa de Guilherme aponta como a cidade está distante em suas escolhas, deixando claro os motivos pelo qual a cidade promove o seu afastamento e o de sua família. Além disto, sua narrativa acima mostra uma preocupação primeira com o turista e não com a pessoa que nela vive. De certa forma, esta narrativa implica em um maior distanciamento do significado da cidade enquanto um local destinado aos que nela vivem, passando a ter um significado preponderante como um local a ser vivenciado pelo turista, pelo visitante. A cidade da aparência, a cidade enquanto mercadoria, torna-se mais significativa do que a cidade como local para uma vida cotidiana, do dia a dia da existência familiar.

Pude constatar esse distanciamento no momento da entrevista, quando foi realizada a intervenção abaixo, a qual trouxe um novo ângulo de reflexão:

*M: Antes dos turistas, eu tenho pena de quem está morando aqui.*

*Guilherme: É de quem tá morando. É verdade, é verdade.*

*M: Porque o turista vem, fala mal.*

*Guilherme: Eu digo os turistas é porque o turista, ele trás o dinheiro, entendeu?*

*M: O turista vem fala mal e se manda. E a gente que fica aqui.*

*Guilherme: É verdade, isso é verdade. Mas pra economia, pra economia da gente é onde a gente. A gente não tem indústria na cidade, muitas. O que é que a gente vende hoje em Salvador? Serviços, turismo, serviços. Então, o cara vem de fora e trás o dinheiro pra cá. Seja no taxi, no hotel, no restaurante. Eu digo turista porque, se um dia acabar o turismo, a cidade vai ficar cada vez mais pobre ainda e mais feia, porque onde você não tem dinheiro, você não tem beleza.*



Apesar de discordar no momento, esta intervenção gera em Guilherme outra reflexão acerca da relação pessoas e cidade. Em momento posterior, Guilherme traz um episódio de turistas recebidos por seus pais e cabia a eles mostrar a cidade. Diante da situação aversiva da cidade, a opção foi mostrá-la de longe, apenas em sua imagem, através de um passeio de lancha na Baía de Todos os Santos.

Ao falar da cidade enquanto um local turístico, a Salvador do passado foi revivida em sua beleza, em seus monumentos históricos, na vivência de uma rua prazerosa com um povo que tinha amor pela cidade. O trecho abaixo traz esta passagem na qual o foco de Guilherme sai da relevância da experiência urbana transitória do turista para se focar nas pessoas que aqui moram, incluindo-se neste rol e demonstrando vinculação afetiva com a cidade:

*Guilherme: Fizemos um passeio de lancha. O cara saiu daqui, foi um dia só, o cara ficou deslumbrado, dizendo que a Bahia é linda. E realmente. Quando passa pela Baía de Todos os Santos, é, poucas no mundo com a beleza. Nós perdemos isso. Nós não vendemos mais a cidade como a gente vendia, **o amor que a gente tinha**. A gente mesmo, como você falou. **Antes de tudo, não tenho nem pena dos turistas, tenho pena da gente**, você mesmo falou isso, (essa perda) tá nos nossos rostos, na nossa linguagem, em tudo.*

Esse sentimento de tristeza revela a perda de algo importante: a perda da “vida de cidade” em que era possível uma experiência concreta da cidade, andando em suas ruas, tendo contato com o outro, com a diversidade. Se afastar da cidade ao mesmo tempo em que se sente privado de uma vida de cidade, auxilia na compreensão dos mecanismos dinâmicos subjacentes a esta escolha de afastamento. O se afastar da cidade não implica necessariamente em uma perda de valor da “vida de cidade”, mas sim na constatação da “ausência da vida da cidade” na própria cidade em que se vive.

Guilherme aponta para o prazer de viver a rua, local diverso e divertido, que esteve presente na Salvador de alguns anos atrás. Hoje, a perda deste prazer, tão fundamental para a vida urbana da família, tornou o morar na cidade apenas em uma obrigação:

Guilherme: (hoje) Você não tem umas barraquinhas de artesanato, um centro comunitário, um centro cultural de alguma, não tem. **Perdemos isso, porque antigamente tinha muito essa coisa de rua. As pessoas andavam na rua.** Perdeu, sabe? Perdeu a coisa de tá... a liberdade em si de poder fazer o que quer, o que gosta de fazer, entendeu? Fazia muito isso e perdeu. E isso tudo é um contexto de vários fatores. Da segurança, da limpeza, do hoje você não tem mais barraca, tudo. A cidade ta ficando uma cidade escura, mal... Eu fico triste porque a gente perdeu isso.

M: Isso seria, pelo seu sentimento, isso seria um elemento relevante na vida de uma família?

Guilherme: **Relevante, total, na vida de uma família, lógico.**

M: Pra vida do indivíduo, da criança.

Guilherme: Especial, você curtir, entretenimento. Você levar com segurança pra escola, voltar. Tudo isso você se sente, você tem prazer. **Hoje, aí, não tem mais prazer de morar na cidade, é obrigação.**

Embora a privatização do lazer seja um dado presente em todas as narrativas, foram encontrados diferenças individuais na forma de lidar com a cidade, em relação a uma busca de integração à ela ou de reforçar a reclusão. Andréa e Mariana apontam para um falta de incentivo delas próprias em levar os filhos aos lugares ainda agradáveis na cidade, como alguns museus ou teatros. Por outro lado, Flora em sua narrativa tem por ideal a integração do filhos na vida da cidade, desde levá-los a lugares públicos a estimular a amizade com crianças de classe social diferentes:

Flora: *Todo canto eu vou com eles, todo canto. Agora mesmo os meninos tão jogando no Barradão, então Joana foi, Dudu foi, Hilton... Dudu tá jogando, Joana que foi com o pai, é... já fui pra shows no Parque da Cidade, agora, tenho receio? Tenho. Principalmente pela minha profissão, mas só que se eu viver nessa vida de... de redoma pra eles... todo mundo me pergunta “Você não tem medo não? Porra, você mexe com isso, os meninos aí...”, mas a questão é que eu tenho tanta fé, é isso que eu me sinto é... forte, porque eu tenho fé, fé, muita fé, então eu faço essa tríade, família, religião, e... e socialização, então eu vou vivendo porque eu... eu... eu vou vivendo porque eu acho que eles não podem ficar... ficar... é... alheios ao que tá acontecendo. Então no que eu posso eu insiro no contexto. Se... as vezes tenho receio? Tenho.*

*Flora: Mas eu podia tá numa situação cômoda, “Pô, já que eles tão assim...”, vamos dizer... numa... entre aspas, “blindados” de algumas outras coisas, mas eu procuro botar eles no meio da realidade o máximo que eu posso, por exemplo, se a gente fosse pensar bem, com tanta situação que tem de instabilidade e insegurança hoje, você não saia. No entanto, não, a vida social deles não... não... não são sei... não é ceifada de jeito nenhum, eu procuro tá ali participando.*

A busca da vida da rua e sua diversidade também é valorizada por Flora no cotidiano:

*Flora: ...eu gosto de passar na banca, por exemplo, tem o... a banca perto da escola que... que... que o... o jornaleiro era amigo dele já, meu amigo, então adoro isso de você passar e eles falarem, eu acho que isso é essencial. Então quando chega na escola que o pipoqueiro tá lá, Seu Ernesto adora os meninos, eu adoro Seu Ernesto, é aí... a... o homem da pipoca, o homem do picolé, eu acho isso o máximo...*

Seu acolhimento em relação ao outro é também vivenciado em sua casa. Flora estimula que colegas de seus filhos da escolinha de futebol, pertencente a classes bem distintas, durmam lá, fazendo com que as realidades diferentes sejam partilhadas e os vínculos afetivos se fortaleçam:

*Flora: Por exemplo, os meninos jogam (na escolinha de futebol), quem fica responsável pela escola é um educador pode-se dizer, já foi, já jogou, já foi jogador profissional e... e gosta dessa parte assim educativa, e **tem meninos de todos os cantos, então por várias vezes tem menino de todo canto que dorme aqui**, sabe? De vários bairros assim, que eu sei que não tem o mesmo acesso que os meus, e que eu penso assim, “Poxa, será que é ruim?”, mas eu penso assim “Poxa, a gente tá... tá sociabilizando com tanto amor...”, então é aquilo que eu lhe disse, é a energia que você tá lançando ali, entendeu? Mas os meus não tem dificuldade de relacionamento com ninguém. Aí eu fico pensando nisso, o que a gente passa nessa história mesmo de você ver a cidade de um ponto, e no outro ponto ter tudo que gira em torno, porque na verdade há uma segmentação, ninguém vai ser utópico de dizer que não...*

A participação na cidade é também trazida por Fernando como importante para sua vida. No entanto, em sua narrativa distingue a forma como vivencia a cidade quando está sozinho ou em companhia da família:

*Fernando: ...o comportamento é diferente. Fernando sozinho, não digo moleque, é quase um moleque de Salvador. Eu gosto de andar pela Vasco da Gama onde Sérgio, meu amigo, tem comércio. Por ali, eu ando de chinelo, de sandália, e 50% dos funcionários daquelas agências todas ali, me conhecem, me chamam pelo nome, me chamam de doutor porque sabem que eu sou médico, mas sabem da minha amizade. Quando chega final de semana, tem jogo, antigamente, na Fonte Nova, hoje, Pituaçu. Eu vou de táxi, eu vou a pé, ou eu pego carona, circulo no meio do povo e adoro estar no meio do povo. Quando tem Carnaval, que Mariana não quer ir, às vezes, eu vou sozinho encontrar com os amigos, sem medo nenhum. [...] sozinho Fernando foi preparado pra essa cidade. Fernando com a família é diferente, Fernando tem medo de expor a família a essas coisas, e eu acho que eles ainda estão muito longe de estar preparados pra isso. E essa pra mim é a minha maior missão. Preparar eles pra vida, preparar eles pra o que vem depois aí.*

A família e a cidade são então narradas como cada vez mais distantes na vivência do lazer. Esta separação é trazida dentro de um campo afetivo que revela a perda de algo valioso: a liberdade de poder vivenciar uma cidade. Neste ponto Guilherme traz a reflexão sobre este viver de cidade em Salvador, considerado como perdido por seus pares, mas que em outras classes sociais se mostra presente, ainda que em condições precárias:

*Guilherme: **Talvez, as pessoas com a classe mais inferior tão curtindo um pouco mais a cidade do que a gente. Porque elas vão viver a cidade de uma forma mais precária, mas vive!** [...]. Pode ter certeza disso. Pode ser a pracinha, ali acabada, mas o menino lá vai tá jogando bola na rua. [...] “Meu Deus, a galera descendo do “busu” em peso, aquelas ruazinhas pra ir pra praia, entupida de gente. A praia, você olhava de um lado, entupida de gente”. E, assim, como eu tô te falando, as pessoas estão curtindo. [...] Agora, assim, o ônibus entupido, uma higiene... A vigilância sanitária zero. Tá tudo...àgua poluída, tá tudo... Agora, vá vê lá dentro, **há liberdade, nas ruazinhas, tá rolando o baba na rua, tá rolando empinar arraia, a bicicleta tá rolando por dentro do bairro.**[...] E a gente, que tem uma instrução, tudo, tem um*

*medo muito maior dessa... aquele pânico que a gente tem de gente, de confusão, de coisa. A gente procura viver em uma coisa mais social, mais requintado, vamos dizer assim.*

#### 5.5. Morando no condomínio e o desejo de cidade.

O condomínio em estudo, entendido como um elemento novo na cidade, traz consigo elementos que ajudam a compreender como esta cidade está sendo significada pelos que escolhem este tipo de residência. Localizando-se em uma área urbana central, geograficamente se encontram inseridos na cidade, mas, no entanto, seus muros, o grande número de famílias e a fartura de serviços oferecidos colocam para a cidade um desafio: será que resta à cidade algo de seu que seja desejado por quem habita estes espaços? Como construção cultural simbólica, o significado do condomínio e da cidade parece comungar elementos básicos. A fim de aprofundar a dinâmica das famílias que transitam nestas duas esferas foi realizada a análise das narrativas aqui presentes ampliando a compreensão do signo cidade.

##### 5.5.1. O condomínio:

O condomínio é visto como uma alternativa para uma melhor qualidade de vida frente aos atributos aversivos da cidade. O condomínio é significado como um local residencial que oferece segurança, tranquilidade, contato com a natureza, possibilidade de concentrar as atividades da família em um único local, evitando a perda de tempo com o deslocamento no trânsito e exposição à violência urbana.

*Andréa: A vontade de ter vindo foi justamente essa de **conciliar várias coisas num lugar só**. Ter um parque, um clube, uma academia, um jardim, um bosque, e um cineminha pra que a gente pudesse fazer tudo aqui.*

*Guilherme: Graças a Deus, eu fico muito feliz de dar a oportunidade de ele viver em um condomínio, assim, mais fechado onde a gente consegue dar isso. [...]E essa qualidade de vida melhor é colocando eles num ambiente onde se tenha **mais segurança**, onde se tenha uma... Onde se consiga **perder menos tempo no trânsito** pra se poder levar o filho no futebol ou levar o filho para o judô ou levar o filho para a natação [...] ele dá 20 passos, ele tá na natação, ele tá no campo, ele tem aula de*

*futebol, ele tem aula de judô. Entendeu? Então, assim, **ele vive hoje num ambiente onde as pessoas também tem um padrão de vida bacana. Onde isso facilita um convívio de ideias, de brincadeiras, de pensamentos, de jogos muito parecidos. Então, isso ajuda.***

Seu aspecto humano é destacado nas narrativas, nas quais o condomínio aparece como um contexto que estimula a colaboração entre as famílias na realização de suas tarefas com os filhos, a solidariedade e uma vivência mais coletiva e partilhada.

Mariana: O fato de a gente ter amigos muito próximos, o melhor amigo de Fernando, de infância, tá morando aqui também. “Então, a gente viajou duas vezes, pô Mateo, leve Antônio na escola sábado de manhã”, não tinha quem levasse. Mateo, com todo prazer, leva Antônio na escola. O pai de Mateo, que tá morando aqui, ele compra o pão na padaria, ele nem bate na porta da casa de Mateo, ele bota o saco pendurado na maçaneta da porta e vai embora, sabia? Daqui uns dias ele tá botando aqui, é só seduzir ele um pouquinho que ele bota o pão na minha também! (risos). **Isso é bom demais, é bom demais, você poder contar com o outro, ajudar e ser ajudado, então eu acho que não tem coisa melhor. E isso a gente tá conseguindo... tem essa coisa aqui [...] tem muita gente conhecida, a gente tá podendo fazer isso... ajudando mutuamente, uma família ajudando a outra. Então, assim, precisa haver essa sensação de realmente... de troca.**

Os laços de amizade se mostram mais intensos com uma proximidade maior entre as famílias. Por outro lado, a proximidade de pessoas em um mesmo espaço é trazida na fala de Fernando como também trazendo atritos, diante do fato que as pessoas são diferentes e que tantas famílias juntas implica também em divergências e reclamações dos vizinhos.

*Fernando: (a convivência) é muito boa, é muito boa. Mas **vizinho é um bicho chato danado**. Se eu pudesse viver em casa, eu acho que eu ainda ia pra uma casa porque vizinho reclama de tudo. É vizinho em cima, vizinho em baixo, vizinho do lado. Você sabe que a estrutura de um condomínio inicialmente é muito difícil porque é onde se criam as regras, né? [...] Mas é complicado conviver, às vezes, nesse sentido aí porque tem... mesmo*

*dentro de um condomínio de alto padrão como esse daqui existem grandes diversidades na educação, no jeito de ser de cada um, né? Então, é complicado.*

A segurança oferecida pelo condomínio é flexibilizada na fala de Andréa, quando aponta para o fato de que no condomínio circulam muitas pessoas, levando a possíveis riscos para os filhos. Deste modo, a dimensão social em sua desigualdade penetra seus muros nas pessoas de seus funcionários e prestadores de serviço.

*Andréa: [...] Embora, o fato de você morar também em um condomínio assim grande, não exima você da obrigatoriedade de estar olhando os filhos com uma certa frequência. Porque esses condomínios grandes de Salvador também circulam muitos funcionários, muitas pessoas que vêm prestar serviços nos apartamentos que são muitos, que são pessoas que têm as características dessa classe social que eu estou me referindo de pessoas que não tem educação, pessoas é que, meu Deus, eu não quero necessariamente, é, não, não, eu não quero, é, eu não quero ter uma postura preconceituosa, mas é uma constatação. Grande parte dessas pessoas que vem de uma classe muito baixa, a maioria delas por conta da miséria da exclusão social sofreu impactos no seu emocional, não quer dizer que quem tenha um nível econômico bom não tenha problemas familiares também.*

Apesar de o condomínio oferecer comodidade, conforto e segurança, um ponto destacado em relação à reflexão sobre ‘o que o condômino não supre a cidade’, foi o contato com a diversidade que a cidade oferece. A “vida da rua” foi significada neste momento como o espaço da diversidade, da amplitude cultural, do contato com o outro.

*Guilherme: Eu acho que ele (o filho) não vai ter é... nosso protecionismo, por causa dessa insegurança e essa facilidade do, do, do bem-estar, né, né, de, de conviver num, num, num condomínio desse, é... **isso permite com que ele não tenha... o prazer de, de, de ter determinadas brincadeiras e exercício e dia a dia que ele não vai ter hoje aqui.** Um exemplo, na minha infância eu jogava muita bola na rua, eu empinei muita arraia (risos), andei demais de bicicleta na rua, na rua, andei demais, não existia nada assim... eu queria tomar um sorvete, eu pegava a minha bicicleta e ia. Então, se ele quiser tomar um sorvete hoje, eu vou ter que pegar o carro e levar até*

*ele na sorveteria. Então, assim, ele perde um pouco o convívio da rua (ênfase), daquela coisa, vamos dizer assim, mais interior né? É aquela coisa de você ter mais relacionamento com gente, você passar e falar e todo mundo lhe conhece, todo mundo, cê ter o convívio mais com as pessoas. Aqui, você... conhece o pessoal do condomínio (riso), uns coleguinhas daqui... então, assim, o lado ruim é isso porque você perde um pouco essa essência da vida, não é da vida, do... da, do não é nem da vida, da rua, do dia a dia mesmo, do... eu acho que isso é importante a criança ter isso porque aqui ele não vai ter. Ele vai ter tudo que é necessário que é natação, é judô, é futebol, mas uma coisa muito restrita, muito preservada, muito ele, mais 4, 5, mais 6. Então, eu acho que isso permite que ele viva mais, cada vez mais no seu mundo... pequeno, num mundo que ele não consiga interagir, ele só vai conseguir interagir com poucas pessoas, entendeu? Como, eu não, eu jogava bola, um time era do Jardim Armação, o outro time era da Boca do Rio. O time lá passava de sei lá... [...] A gente tinha um, eu tinha lá, chegava uns cara na rua: “Posso jogar aí?”. “Pode jogar aí. Venha!”. Você nem sabia, o cara podia ser o que for. O cara podia não ser nada. Às vezes, era uma criança como a gente, que não tinha o poder aquisitivo da gente. Era muito pobre, mas jogava bola com a gente. E aquilo era massa (ênfase), entendeu?*

Os pais narraram ser através da rua que se “amplia o mundo”, que se vê o diferente, que se tem contato com a realidade diversa do mundo do condomínio. Essas experiências são narradas como uma condição importante para a formação humana dos filhos, inclusive para flexibilizar um modelo de mundo material presente no condomínio. Essa rua plural é significada como um atributo da cidade, não podendo ser suprida pelo condomínio.

Nota-se aqui uma ambivalência em relação ao quesito diversidade. Ao mesmo tempo em que a homogeneidade do condomínio traz tranquilidade para os pais, a ausência de heterogeneidade é vista como um fator limitador da subjetividade dos filhos e de sua formação enquanto ser humano.

*Andréa: (o condomínio) Não supre a... o... a vivência cultural, a... você tem que firmar relações socioafetivas com as pessoas, inclusive é importante que se conviva com pessoas de níveis diferentes de educação... de educação não digo tanto, mas de nível socioeconômico, pra a gente também enxergar a realidade. Se não fosse essa*



violência toda seria ótimo haver um intercâmbio entre escolas particulares e públicas, pra que essa convivência muito salutar, pra que as crianças filhas de famílias... pais... abastadas, possam entender também como é a realidade, isso serve pra a formação moral do cidadão, daquele ser humano enquanto indivíduo né? Na sua totalidade. **Ele precisa enxergar essa diversidade, até pra valorizar coisas mínimas e não se tornar uma pessoa só... materialista e achar que o mundo se resume ao condomínio que ele mora e aos lugares que ele frequenta de forma segregada. Seria muito importante então... eu acho que isso que tá acontecendo na cidade propicia essa perda enquanto ser humano, esse crescimento das relações socioafetivas que você deixa de travar com pessoas que são pessoas de baixa renda, [...] seria muito gratificante o convívio com essas pessoas, as... muitas vezes são pessoas de bom coração, de boa índole, mas que por, pela educação ser tão rasteira se torna inviável o convívio d'agente, ou a gente proporcionar um convívio dos nossos filhos com eles, mas não quer dizer que não sejam pessoas de boa cepa no que se reporta aos sentimentos, a... a índole mesmo né, ao caráter. **Então eu acho que isso é uma perda, é a perda dessa troca.****

A proteção do condomínio, e a ausência do contato com a rua desperta a preocupação dos pais em relação ao preparo de seus filhos para lidar com a cidade.

*Fernando: Mariana (esposa) tem muito mais medo do que eu de expô-los, à.... cidade mesmo, aos riscos da cidade, a violência atual, que não é pequena. Quando eu fico, eu, eu, **eu tenho muito medo até de superproteger aqui dentro, nesse “feudo fechado”, e não preparar eles pra conviver com a população lá fora.** Afinal de contas, lá na frente a gente vai ter que... a gente vê pessoas que têm medo de sair na rua, de dirigir, de ir pra qualquer lugar sozinho, né? Então, aqui a gente se sente seguro, mas eu tenho muito medo dessa super proteção não preparar os meninos pra conviver com a população lá fora.*

#### 5.5.2. O desejo de cidade:

Para além dos muros do condomínio está uma cidade que se mostra no presente, com suas características atuais, mas que tem sua origem em lembranças passadas, em comparações com outras vivências urbanas e em um desejo de se viver uma cidade ideal para a família.

O passado trás a recordação da vivência da cidade diretamente em seus espaços. São trazidas prazerosas recordações da natureza, numa época em que as pessoas se encontravam espontaneamente para ver o do pôr do sol no Farol , iam aos barzinhos, tomavam banho de mar na Praia do Porto da Barra, jogavam frescobol e podiam encontrar Caetano Veloso. É recordado o vivenciar dos pontos turísticos da cidade, o acarajé em Itapuã, o Elevador Lacerda, o Pelourinho e o Mercado Modelo. Na cidade se andava a pé, se caminhava, se tomava ônibus.

*Fernando: Quando eu era pequeno, nós fomos morar numa apartamento pequeno também, dois quartos ali no Chame-Chame, e do outro lado da rua, tinha uma casa onde moravam, moravam duas primas. Na verdade, no prédio vizinho tinha meu tio Ernesto com a família dele, irmão de meu pai, e do outro lado da rua, em frente, tinha uma casa onde morava minha tia Alda, irmã da minha mãe com as filhas, com as meninas. Nós atravessávamos a rua, estávamos na casa de um, atravessávamos pro outro lado de volta, estávamos na casa do outro. Naquele tempo, tinha é... Kombi da sorveteria Primavera que passava... **A gente descia solto, não tinha portão no prédio praticamente, entrava e saia, apesar de ali ser do lado da Roça da Sabina...e vivíamos aquela rua, curtíamos ali, ficávamos mais ou menos soltos.** Depois, eu fui pra Pituba. Quando a gente foi pra Pituba, devíamos ter uns cinco prédios além do condomínio, do Júlio César. E o prédio também, praticamente não tinha muro, era uma cerca, uma grade pequenininha que nós mesmos, ainda na infância, pulávamos com a maior facilidade, quanto mais, pensar em segurança. **E vivíamos soltos ali pela Pituba correndo. Muito diferente de hoje em dia.***

Deste modo, na infância a cidade marcou pela vivência nas ruas, os prédios com muros baixos que as crianças pulavam, o andar de bicicleta, o empinar pipa, os times de futebol que se faziam na hora, diante de um pedido de alguma criança para participar do jogo. A Cidade Baixa, para a visita dos avós, tornou-se a cidade do interior na narrativa de Mariana, com suas casas, suas ruas, seu cheiro, com a proximidade entre as pessoas, suas praias... Havia a preocupação das mães, dos pais, mas nada que fosse comparado ao que sentem hoje como pais e mães.

Como jovens, as praias, as festas de clube, os shows na Concha Acústica, os carnavais e as festas de rua estavam presentes no repertório de lazer. Havia mais liberdade, havia mais mistura, havia mais prazer.

Enquanto pais, a infância dos seus filhos é relatada como tendo tudo, mas não tendo a experiência da rua, da liberdade, da diversidade, do prazer da liberdade. Os pais narram uma infância onde o medo e o estresse estão presentes, correlatos a uma sensação de ausência de liberdade, enclausuramento e mundo pequeno, apesar da presença de um mundo virtual que a tecnologia traz ao alcance.

*Mariana: Eles ficam mais dentro de casa, na casa do outro, jogando vídeo game pela internet, se a gente tem um vídeo game que tá conectado na internet ele tá jogando com o colega dele que tá na casa dele pela internet, os dois, cada um com um fone de ouvido, eles conversam entre si, e jogam o mesmo jogo, cada um na sua casa. Então, né, cada vez mais reclusos dentro de casa, eles não tem essa coisa muito de sair. Saem, lógico, mas não vivem livres, como a gente... não tinha essa interação de praia de... uma coisa mais de povo. **A gente vivia mais com o povão assim, né? Eles não. Eles não tem esse contato.***

No mundo da tecnologia e da competição, o consumismo se confunde com uma preparação dos filhos para o futuro:

*Mariana: E aí a gente falando de filhos (com uma amiga), teve uma vez que ela fez um tratamento e não sei o que lá, e ela falou uma coisa pra mim que, assim, é totalmente verdade, apesar de ela não ter filhos, mas assim, ela teve uma visão de que eu nunca tinha pensado, de que o mundo está tão competitivo, e as crianças, eu falando das demandas né, que eles querem tudo, eles querem telefone celular, internet, vídeo game, “blablabla”, querem tudo... mas assim, ela falando “mas sabe, eles querem tudo e a gente tem que dar... porque **o mundo tá tão competitivo com tantas influências que a gente precisa dar as ferramentas pros nossos filhos. Você não tá fazendo a vontade material não, mas assim, você tem que oferecer as ferramentas que no futuro próximo eles vão precisar.**”, eu chego até a me arrepiar... porque é a verdade, né? Assim, você precisa... porque tem... em que meio que ele vai viver, né? Qual é o meio social, que escola vai frequentar, qual faculdade vai estudar, com quem que vai andar, então se você não preparar seu filho pra tudo, e com as demandas realmente que tem hoje em dia, mesmo as materiais, eles não vão tá preparados num futuro próximo pra enfrentar realmente é... as coisas do mundo, realmente, a competitividade... [...] Mas... é muito complicada, a vida hoje é muito complicada. É muito difícil. E você tem que dar, e você tem que saber impor limite, né?*

*Se seguro muito, ai meu Deus do céu, será que vai traumatizar o que você vai deixar de dar?*

Diante das rupturas sentidas, se elabora uma cidade em que se gostaria de viver, resgatando e integrando vivências passadas, sejam da infância, sejam da experiência em outras cidades, mas que traduzem um desejo de cidade para as famílias.

Nesta cidade, como já citado anteriormente, está o desejo de andar, de “poder respirar”, de circular nas ruas, ir à padaria, explorar a cidade. Poder levar o filho para escolinha com tranquilidade, ir a um mercado, andar de bolsa na rua. Poder fazer as coisas a pé, sem precisar de carro, sem precisar ligar o ar condicionado que não deixa nem sentir o vento da cidade. Nesta cidade as pessoas seriam mais próximas, se poderia andar de bicicleta, andar na beira da praia. Haveria uma vida cultural, mais lazer e entretenimento, mais respeito ao próximo e menos engarrafamento. Nesta cidade, haveria centros esportivos populares para que todos pudessem desfrutar de uma vida saudável sem precisar pagar mais por isto. Nesta cidade não haveria tanta desigualdade, com suas misérias e perda da dignidade humana, seria uma cidade mais voltada para pessoas, mais igualitária e com menos sofrimento social:

*Guilherme: Eu fui no Mc Donalds recentemente com o meu filho e parei o carro ali, e dois menininhos pequenininhos, da idade dele. Aí, pediu: “Não tenho dinheiro”. Aí, meu filho falou: “Pai, então vamos comprar um sanduíche pra ele”. Aí, fomos lá dentro, aí compramos. Aí, compramos um sanduichezinho pro menino, tal. Então, você vai, mas sabe? **A igualdade... é mais humano. Aqui é muito desumano.** É uma diferença de pobreza. Se a gente vive... eu falo isso muito e a gente tem que agradecer muito a Deus que a gente vive em 5% da população, em 10% da população. 90% da população é pobre, vive em favela onde não tem saneamento básico, o transporte urbano é péssimo. A gente tem carro bom, com ar condicionado, trava elétrica, tem tudo, entendeu? **Então, eu queria que fosse num local que a gente pudesse ter, que todas as pessoas fossem mais humanas, mais iguais, né?** Que a gente passa aqui na orla, aí, você vê, você olha pro bairro, uma favela enorme (ênfase) onde as pessoas estão vivendo de uma forma bem precária, sem esgoto, sem água, entendeu?[...] Eu acho que o Brasil não tem prioridade pra isso, entendeu? Não tem prioridade, a gente paga tanto imposto, mas não tem prioridade.*

*[...] Mas as pessoas hoje com... eu não consigo entender o salário mínimo de 600 e poucos reais. Como é que a pessoa consegue viver uma vida justa, assim, digna com saneamento, educação, segurança, tudo com 630 e poucos reais, eu não consigo entender (ênfase), eu não consigo achar a fórmula deles. Então, ou seja, não tem fórmula, né? Vai viver em barraco, vai viver, é...*

**Flora: eu penso que um dia a gente vai ter uma cidade mais justa, tem que ter, mais... mais igualitária, mais justa, pra que os muros se diminuam, entendeu?**

### **5.6. Considerações sobre a construção do significado de cidade:**

A construção do significado de cidade aqui apresentada deriva da análise dos momentos das entrevistas, quando, em um processo de distanciamento psicológico, os sujeitos refletiam sobre a cidade, acessando suas lembranças assim como projetando o futuro.

O signo cidade surge como abarcando muitos tipos de experiência relacionados a seus elementos básicos: com suas praias, suas edificações (elemento físico-espacial); presença de amigos, pessoas conhecidas, assaltantes (elemento humano); assim como a consciência trazida acerca da atuação da gestão política da cidade e do país (elemento político). Essas narrativas trouxeram inúmeras informações, assim como a presença de um campo afetivo a elas relacionadas.

Na entrevista de Andrea, já no momento inicial, ao relatar a criação de seus filhos através da experiência social da cidade, foi trazida a cidade em sua historicidade. O viver na cidade, com suas experiências num tempo presente, foi significado levando-se em conta não apenas o espaço de vida do entrevistado, mas um conhecimento trazido através do tempo, com signos que passavam a compor seu entendimento do viver imediato, buscando explicações para a condição atual de cidade. Teve destaque o tema da escravidão e da gestão política à época, que não cuidou dos aspectos sociais para que, com o fim deste período, a cidade pudesse se organizar socialmente de uma forma mais adequada. É possível ver a relação feita entre o governo político durante o fim da escravidão com o prefeito atual da cidade, por este ser considerado um grande causador da degradação da cidade nos últimos anos.

Deste modo, a cidade passa a significar um conjunto – territorial, humano e político -, no qual seus elementos do presente foram percebidos em uma conexão com o passado. A cidade então apresenta um aspecto de **coletividade no tempo**.

Desta coletividade no tempo, ou historicidade, Guilherme traz para sua narrativa a identidade do “ser baiano”, vinculação afetiva entre o eu do sujeito e o contexto da cidade. Desse modo, a cidade também pode significar um elemento de identidade do sujeito, vinculando-o a uma coletividade.

As vivências narradas compuseram um signo tipo campo de cidade, relacionado a diversos outros signos campos como: o significado da infância na rua, o significado da rua atualmente, o significado das pessoas na cidade, dentre outros.

A configuração do signo ia se modificando a depender do período recordado nas entrevistas. Iniciada com a pergunta sobre o tempo presente “como é ter uma família em Salvador”, as narrativas trazidas tinham como afeto subjacente o medo, a aversividade. Estas narrativas se davam da perspectiva de cuidado com os filhos, o que traziam mais um fator de preocupação com a condição da cidade.

Neste ponto a cidade se configura como uma esfera de relações sociais violentas, com muita criminalidade, droga, “baixaria”. A infraestrutura da cidade é tida como insatisfatória, descuidada, e os lugares de lazer, como praias, também se tornaram aversivos diante da falta de estrutura e da frequência. A cidade se tornou engarrafada, estressante, sem condições para andar tranquilamente em suas ruas.

Nota-se que o afeto que regula as narrativas é o medo, agindo como um metassigno<sup>32</sup>, regulando os relatos sobre a vivência na cidade.

Ao serem acessadas recordações de outros períodos, como as da infância, a cidade passou a ser significada como espaço de liberdade, vida na rua, diversidade, maior contato com as pessoas, vivência da natureza, festa de clube, mais “mistura”. Nestas recordações os sujeitos não estavam investidos da responsabilidade de ser pai ou mãe, sendo a vivência da cidade algo que não trazia uma preocupação adicional como a vida do filho. Havia uma liberdade em experienciar a cidade, a partir da relação direta do sujeito com seu ambiente. A cidade então era vista de uma forma positiva, flexibilizando um pouco o afeto aversivo inicial.

Perguntados sobre o que o condomínio não supria em relação a cidade, foi possível identificar características atribuídas ao signo cidade, pelos sujeitos, de

---

<sup>32</sup> Metassigno: representações sociais de nível superior que guiam o sabor afetivo do discurso. (Valsiner, 2012, p. 104).

modo atemporal. É atributo exclusivo da cidade a “vida na rua”, a vida da diversidade, dos encontros, do caminhar. O signo “vida da rua” revela um sentido de liberdade, de autonomia, vividos dentro de uma coletividade diversificada. Assim a **coletividade** com o atributo da **diversidade**, acrescido à sensação de **liberdade e prazer**, são elementos narrados como próprios da cidade, para esses sujeitos. A experiência da “vida na rua” é trazida pelos pais como um fator importante na formação dos filhos enquanto pessoa, pois é a forma de desenvolver a consciência de realidades diversas da vivida no condomínio.

A situação atual da cidade é significada como impeditiva da realização da “vida na rua” tal qual citado acima. A cidade atual não oferece uma “vida na rua” e sim uma rua em que a vida parece não ser mais possível. Uma rua que se transforma em ameaça e obrigação, em trânsito, em estresse, em sujeira. Deste modo, se coloca a questão: será que a cidade continua sendo uma cidade, no momento em que está desprovida de seu atributo essencial? Afinal, que tipo de “rua” é esta que a cidade hoje oferece aos que nela vivem ou frequentam?

Quando perguntados sobre o circular na cidade nos momentos de lazer, em alguns momentos (Andrea e Mariana) relataram que falta, na educação que dão aos filhos, uma vivência maior de cidade, pois na verdade elas também não têm buscado mostrar o que a cidade tem de bom. Nota-se aí uma generalização da aversividade em relação à vida pública na cidade atual, fazendo desaparecer os também seus elementos positivos, citados pelas próprias entrevistadas, reforçando o processo de privatização do lazer.

## CAPÍTULO 6

### O SIGNO CIDADE E O FUTURO: A PREVALÊNCIA DA DIMENSÃO POLÍTICA

O objetivo neste capítulo é identificar como a cidade é significada na perspectiva do futuro através das narrativas, destacando algumas dinâmicas relacionadas ao processo de formação semiótica do signo cidade e sua função reguladora na relação dos pais com a cidade.

A fim de lançar luz sobre a dinâmica de significação da cidade em um tempo futuro, buscou-se identificar a existência de opostos ou ambivalências nas narrativas dos pais e a emergência da novidade no desenvolver da significação. Dentre os processos semióticos regulatórios, serão destacados aqui o surgimento das generalizações, os campos afetivos surgidos nos momentos narrativos e a função promotora dos signos.

Este capítulo é composto dos seguintes tópicos:

A cidade no futuro das famílias.

A Dimensão Política e a Dimensão Social: desvendando as narrativas únicas

Diversificando a narrativa única: a oxigenação semiótica.

Da cidade mimética à cidade com (alguma) autonomia

Da cidade mercadoria à cidade casa

Da Cidade com o “povo” sem educação à Cidade completamente analfabeta política

Promovendo a ação a partir do signo cidade: a função promotora

Algumas considerações sobre a cidade e o futuro:

( *ou, sobre as andorinhas....* )

#### 6.1. A cidade no futuro das famílias:

A cidade de Salvador no presente, tal como analisada nas narrativas, sugere uma significação de “não-cidade”, no momento que lhe falta o elemento básico que se busca em uma vida de cidade: a “vida da rua”. Desta ambivalência de uma cidade



“não-cidade” surge a novidade do condomínio “simulacro de cidade” (Ivo 2012), encontrando o espaço propício para seu surgimento e sendo um sucesso imobiliário.

As análises das narrativas apontam para a “vida na cidade” como um signo de grande relevância para os pais, como demonstrado no capítulo anterior, apesar da contradição aparente representada pela escolha da moradia, local que estabelece fronteiras muradas com a cidade, implicando em um mediador semiótico regulatório de grande imponência.

Com a contradição, “querer uma cidade e se afastar da cidade em que se vive”, surge a alternativa de buscar “outra cidade”. Assim, a relevância da “vida da cidade” se mostra um fator tão desejado que não se limita a uma cidade específica, podendo “esta cidade desejada” estar em qualquer lugar, desde que satisfaça o “desejo de cidade”. Apesar dos possíveis vínculos afetivos com o local em que a história pessoal ocorreu, até mesmo gerando uma identidade coletiva de cidade, os sujeitos demonstram que estes vínculos podem ser desfeitos a partir de novas experiências aversivas, o que, em todo caso deixa a marca da perda.

Ao refletir sobre o futuro e a condição atual da cidade, Mariana externaliza o desejo de mandar o filho para estudar fora, a fim de que conheça outro tipo de vivência urbana, para que, se for o caso, opte por construir seu futuro em um lugar melhor:

*Mariana: **Eu tô interessada em mandar Antônio passar um mês nos Estados Unidos, agora nas férias do final de ano. Aí conversei com Fernando a respeito. Na verdade porque é que eu quero.... Primeiro que eu quero que ele saia. [...] Mas assim, ele passaria um mês agora pra depois passar uns seis meses. E aí quando eu conversei com Fernando ele falou assim “Você sabe que esse é o primeiro passo para que ele saia de casa ... tá apresentando uma coisa pra ele que ele pode se encantar e pode querer de novo e realmente montar a vida dele longe daqui, né?” E... e assim, se isso tiver que acontecer, se for pra eles viverem numa cidade... num lugar melhor do que aqui, com certeza eu vou apoiar.***

Neste caso, dar ao filho a oportunidade de viver melhor em uma boa cidade se mostra mais relevante do que manter os filhos próximos da família em uma “não-cidade”, ainda que em um “simulacro de cidade”, implicação que denota ainda mais o valor de se viver em uma “boa cidade”.

Apesar do direcionamento de alguns em buscar outras cidades, foi constatada uma diversidade de intenções em relação ao futuro da família. Nesta variação esteve presente a certeza da permanência na cidade, sem o desejo de mudança, como no caso de Flora e Fernando. Além disto, foi identificada a alternativa da permanência circunstancial, determinada pelo trabalho ou família, como no caso de Guilherme e Mariana.

Andréa, por sua vez, planeja saída de toda a família de Salvador em um futuro próximo e para isto já planeja direcionar os filhos para estudarem em outra cidade:

*Andréa: (Sobre o futuro dos filhos na cidade) Eu fico muito apreensiva. **Quando a ideia me vem à cabeça eu procuro não pensar.** Na verdade **eu quero direcionar meus filhos pra fazerem faculdade fora de Salvador**, pelo fato de eu poder ter uma aposentadoria, e vou induzir Paulo (o marido) a montar alguma coisa em outro lugar, e **estimular meus filhos a fazerem faculdade fora de Salvador, em outra cidade do Brasil, em outra capital, ou fora do país, e aí eu penso em ir embora.** Se continuar assim... [...] Salvador continuar do jeito que tá eu não pretendo continuar vivendo aqui não. **E no grupo da gente tem uma série de pessoas que pensam dessa forma.***

Diante da revelação da importância de uma cidade para a família, foi colocada uma situação de reflexão e de tomada de decisão ao se perguntar sobre o que poderia ser feito para recuperar a situação da cidade atual. Apesar de diagnosticar o problema da cidade como sendo de cunho coletivo, as soluções apresentadas tinham cunho individual. As alternativas idealizadas variavam entre a ação solidária individual, ajudando ao próximo, ou simplesmente esperar dos gestores e políticos que tivessem a intenção e a capacidade administrativa de resgatar a cidade. O poder para a solução coletiva caberia aos políticos.

*Mariana: A gente tem muito o quê fazer. Primeiro pra fazer bem ao próximo, segundo pra dar exemplo de bom comportamento e de... de cidadania mesmo, pros nossos filhos, eu acho que a gente tem que dar o exemplo de ser um bom cidadão. Mas o quê fazer compete a todo mundo, **mas eu acho que compete muito mais aos nossos políticos, aos nossos gestores,** entendeu?*

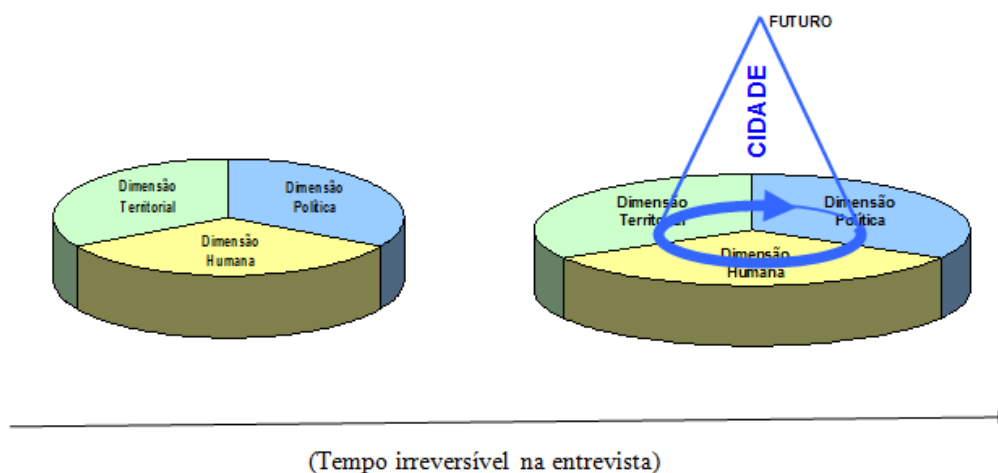
*Andréa: Eu acho que tá quase... tá muito difícil, tem que haver uma mudança muito grande na forma de gerir a cidade, **tem que haver muita boa vontade política,** tem*

que haver muita criação de políticas públicas direcionadas pra a minoração desses problemas, porque a solução, a essa altura do campeonato, eu acho praticamente impossível.

Embora durante toda a entrevista a dimensão política da cidade surgisse integrando o contexto da cidade e seu significado, é em relação ao futuro que sua força promotora se torna evidente nas intenções de aproximação ou distanciamento da família com a própria cidade.

Diante do futuro, aos gestores é dada grande importância, uma vez que estes são significados como os únicos agentes capazes de gerar modificações na cidade. O predomínio da dimensão política, enquanto agente modelador, faz com que a cidade seja significada como um produto desta dimensão. A Figura 1, a seguir, representa a ideia de que, na reflexão acerca do futuro, a dimensão política adquire uma predominância de significação, passando o signo cidade a ser um produto desta dimensão.

Figura 1. Prevalência da dimensão política na significação da cidade no tempo futuro.



A importância atribuída à dimensão política em relação ao futuro da cidade passa a revelar um forte pessimismo diante da forma como os políticos e gestores são significados:

*Mariana: Só tem que eu acho que esse objetivo (de melhorar a cidade para os filhos viverem) a longo prazo é muito difícil de ser alcançado, entendeu? **Não por nós... mas pelos nossos gestores, administradores, políticos... não dá pra confiar***

*neles, entendeu? É muito dinheiro que rola, e as **pessoas são corrompidas pelo dinheiro**. Pelas possibilidades, pelo dinheiro fácil, né? É a ambição, e elas se corrompem mesmo. Então, acho que é muito difícil, é frustrante, porque eu acho que não vai ser esse o caminho. O caminho é a gente dar educação pra as pessoas, pra que todos possam vislumbrar uma vida melhor no futuro. Nem que tenha que sair pra fora daqui, né. Nem que esse futuro não esteja aqui dentro da nossa cidade.*

A forma como a dimensão política é significada, de modo amplo, se tornou muito evidente a partir da leitura do artigo 227 da Constituição Federal de 1988<sup>33</sup>. Este artigo foi introduzido na entrevista como estímulo a uma reflexão que integrasse família, sociedade e Estado numa perspectiva de cuidado com a criança e o jovem, ou seja, a figura do filho. A reação ao artigo foi tão intensa que este foi significado como “utopia”, “sonho”, “surrealismo jurídico” e “letra rasgada”, devido a uma percepção do não cumprimento pelo Estado de seu papel constitucional.

*Flora: ...a gente tá aí com a lei maior que é a Constituição, só que na prática a gente vê que é um artigo... tá aí, **é lei, mas é uma utopia**. Utopia que chega a ser quase um **surrealismo jurídico, porque a gente vê que na prática não acontece. É justamente por isso que existe esse muro** aí que a gente delimita, e que... ou... que delimita não, **que fica delimitado claramente onde a maior parte de população fica à margem, e quem tem mais acesso consegue viver uma vida melhor, vírgula, porque é... eu não vivo feliz com as desigualdades, com... é difícil de educar meu filho... meus filhos, vendo que tem é... tanta segmentação, entendeu?***

*Mariana: (o Estado) Não cuida, né, Luze, não cuida nada. **Não há o menor cuidado, a menor consideração conosco**, não há. Sabe, eu acho que é o fim da picada. A pessoa fazer de sua profissão, de sua carreira a política. [... ] **É um país muito rico. Não é justo a gente viver do jeito que a gente vive hoje**. Sem educação, tudo bem que o índice de pobreza melhorou, né, não existe mais tantos miseráveis, mas pra mim é miserável você continuar sendo ignorante, as pessoas, as crianças que dizem alfabetizadas não conseguem ler um texto e compreender um texto, que é chamado o*

---

<sup>33</sup> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

***analfabetismo funcional parece, então isso eu acho a maior sacanagem com o ser humano. Então eu acho que o Estado não está nem aí pra a gente. Não tá nem aí pra a gente. Eu sou funcionária pública em todos os escalões, federal, municipal, estadual, e você só vê miséria. A vida da gente não tem valor nenhum. Não tem. Porque se morre por tão pouco. Morreu acabou. Ninguém tá nem aí nem tá chegando Luze, não tá. Não tá porque você tem meios de mudar isso e não se muda. Por quê que não se muda?***

Na prática, diante da constatação da ausência de um Estado que não oferece bons recursos sociais, as famílias são obrigadas a suprir, através de seus meios materiais próprios, todas as demandas, passando a família a ser significadas como “Estado”:

***Guilherme: O Estado não faz a parte dele, a sociedade está a mercê das ações governamentais, né? Porque é uma sociedade que se diz democrática, mas não somos democráticos. A verdade... é isso.***

***A gente é... a gente tem uma cultura muito comodista, né? A gente vê as coisas muito acontecendo e a gente não reage, a gente não vai, não vai pra rua gritar pelos nossos direitos. Porque isso daí era uma das coisas básicas de a gente está gritando. Porque hoje se você não vive hoje, se você não tem plano de saúde, você vai levar seu filho pra onde 4 horas amanhã, se ele tiver com uma febre de 40°? Então, assim, o Estado não faz a parte dele. Então, aí, se torna a mercê de poucas pessoas que tem um poder aquisitivo melhor pra dar qualidade de vida melhor para os seus filhos. Então, como eu to te falando, se você tem hoje uma qualidade de vida melhor, você acaba fazendo a sua parte, como você falou de dignidade, de educação, de tudo. Porque você é obrigada a fazer por você, por seus filhos, por sua família e pelo Estado. Então, a gente acaba naturalmente e obrigatoriamente exercendo a função de Estado.***

Através desta narrativa que comporta a ambivalência de um Estado ausente e uma família “Estado”, a autonomia privada da família, proporcionada por sua boa condição material, torna-se o fator relevante para a qualidade de vida da família. A consciência de vulnerabilidade das famílias sem condição material reforça ainda mais a certeza de que, para proporcionar uma boa qualidade de vida para suas famílias, só resta a estratégia de soluções individuais.

*Flora: Aí quando a gente pensa... aí você falando dessa situação de como você projeta a cidade, o que é que faltaria, por exemplo, eu sei tanto que falta... a gente comprou é... um terreno e construiu em Guarajuba por conta, no condomínio lá também, por conta quê os meninos ainda ficam mais soltos do que aqui, e lá estão todas as bicicletas e eles andam, eles saem, mesmo que saiam dentro das ruas é... de dentro de um condomínio pra outro, tá ali, mas é **tudo feito pela gente, nada oferecido pela... pela... pela via constitucional como deveria ser, não é?** Então assim, o que a gente vê é que se a gente não faz, na verdade deixa de acontecer a vivência do que é necessário ou pelo menos o que a gente pode fazer pra que eles passem pela infância da forma mais saudável é... salutar, e gostosa, porque meu Deus do céu, cair de bicicleta e se ralar todinho...*

O pagamento de impostos foi um tema que surgiu em todas as narrativas, visto como uma grande parcela que é dada para o Estado, mas que não é retribuído por ele.

*Flora: [...] a gente paga imposto pra caramba, do meu contracheque todo mês vinte e sete e meio vem descontado, se eu compro produto tem imposto, se eu importo produto tem imposto, ou seja, você a ma... a... a... a margem de dinheiro que vai pra o município por os repasses legais que existem são enormes, pro estado, e a gente não vê revertido, [...] Mas ninguém se preocupa, por quê? Porque os interesses que pairam em torno disso tudo são maiores,[...] Eu busquei, mas eu tive acesso. Eu tive uma boa escola a vida toda, então isso vem de antes. Se eu dependesse da educação pública eu teria tido o mesmo acesso? Entendeu? E quem depende? Então isso me choca e me dói muito...*

Além de não voltada para o social, a dimensão política é significada de modo generalizado como corrupta. A experiência da corrupção dos gestores deixou na cidade um ícone urbano: o seu inacabável metrô.

*Guilherme: Eu sou uma pessoa muito otimista. Eu espero que os novos governantes, assim, sejam pessoas mais bem capacitadas e com visão mais global, assim, pra poder enxergar que nossa cidade tem uma riqueza de, é uma beleza, em todos os aspectos, de povo, de tudo. Agora, é muito mal administrada. Nós sofremos muito com*

a **corrupção** aqui. Chega aí. A gente fala tudo e um dos grandes quesitos disso é a mobilidade urbana e **a cidade é a terceira maior capital do país hoje, com 3 milhões de habitantes, nós não temos metrô**. Então, assim, **a gente se sente envergonhado** porque as pessoas, hoje... é... eu tava até pensando isso hoje. Eu falei: “Oh, meu Deus, as pessoas, outro dia, o metrô tava passando em cima de um caminhão, dizendo que ia inaugurar em 6 meses. **Tem treze anos, doze anos que o metrô não sai, gente**”, então, **é cinco vezes o valor maior que já foi feito**. Então, você não tem mobilidade urbana, você não tem, você dificulta mais o trânsito.

Guilherme, em sua vivência de empresário na cidade, traz a corrupção como uma prática infiltrada em todos os setores sociais:

*Guilherme: o modelo de política tá errado. Culturalmente, a corrupção hoje no país acaba qualquer vontade de fazer. [...] As pessoas querem patrocinar muita mídia, querem ganhar o seu percentual porque a corrupção está dentro. Eu vivo no meio que onde se... sabe? (respira fundo) **É assustador o negócio (ênfase), se você não pagar, você toma porrada!** E é na sua cara mesmo e se você tá achando ruim, vá fazer o que você quiser, o que você achar o que é direito. Então, você vai pra onde? Pra Justiça? Então, assim, onde você poderia estar corrigindo os grandes erros? Porque se você tem uma saída, vai a alguma direção, né? Ali, aquela mão ali está dizendo que a saída é ali, saída A. Você pega a saída da Justiça. (pausa) **Um dos grandes fatores de corrupção é a justiça. Se você não der um bom dinheiro para o advogado que conhece o juiz, que não sei o quê, pra conseguir uma liminar, um negócio. Se você depender realmente da justiça hoje, tem que dar sorte. A palavra mais certa é essa. Sorte de cair no juiz que.... Porque senão o seu processo vai ficar lá, ó...***

A experiência concreta com a corrupção e a vivência da ausência de reação da população estabelece uma relação entre a dimensão política e a dimensão social de corrupção-passividade que, ao ser generalizada, traz a certeza de que **todos** são passivos, comodistas assim como **todos** os políticos são corruptos. Fernando inclusive, externaliza a consciência acerca do problema decorrente desta generalização:

*Fernando: Hoje em dia, a política como é feita, qualquer homem de bem que toma a iniciativa de se meter na política, corre o risco, corre o risco não, praticamente sempre, é inicialmente tido como mais um querendo se aproveitar do sistema. E isso é um preconceito, isso é um problema.*

Além da passividade, a população é vista como sem educação, o que causaria o não saber realizar boas escolhas políticas:

*Mariana: É uma coisa patética gente. É o que eu falo, a gente tá a anos-luz de distância do primeiro mundo, é uma coisa impressionante. A distância é assim, daqui à Plutão e não chega. **A gente não vai alcançar, por mais que o governo ache que vai... não vai. Não vai. Precisa... Precisa mudar a cultura do povo, precisa educar as pessoas. As pessoas não tem educação. Sem educação não vai pra lugar nenhum.***

Partilhado do mesmo significado atribuído à dimensão política, também a dimensão social é significada como corrupta:

*Guilherme: A única esperança que a gente tem é na verdade que haja mudança de comportamento dos governantes assim em busca.*

*M: E como eles mudariam?*

*Guilherme: Com, com... na verdade, assim, é uma questão de gestão. Vontade, muitas vezes, porque a gente sabe que dentro do governo, [...] a gente sabe que tem dinheiro. Hoje tem um PAC da mobilidade que é não sei quantos. O dinheiro não é o problema, graças a Deus, que era antigamente para o país. Não é dinheiro que está faltando no país, mas como empregar esse dinheiro. É como fazer, mas o que a gente mais sofre, que eu acho que assim... **Eu sou uma pessoa muito otimista, mas assim por esse lado, vamos dizer assim.... desde as nossas, sabe? do início, assim, culturalmente, nós todos somos corruptos, sabe? Quando eu digo nós todos é generalizando mesmo!***

Estabelecida a lógica de que os políticos são eleitos pela maioria dos votos e que quem vota é a população, uma vez que a dimensão social da cidade é qualificada como sem educação, passiva e corrupta, ocorre um processo de retroalimentação semiótica entre estas dimensões:



Melhorar a cidade - Cabe aos políticos - os políticos são eleitos pela população - a população é ignorante e não sabe eleger bons políticos - logo, continuam sendo eleitos políticos ruins e corruptos - logo a cidade só irá piorar!

Guilherme expressa este sentimento de impotência ao falar da “bola de neve de incapacidade administrativa”. Em sua visão, essa é uma questão “cultural” e que só tende a piorar:

*Guilherme: **A gente está vivendo uma bola de neve de incapacidade administrativa, de gestão, de corrupção, com tudo. Isso se chama igual, sabe o quê? Cultural.** Isso tá vindo desde a época de lá e só faz piorar. Que as pessoas estão ensinando a outras pessoas a fazer o errado. O problema é esse. Talvez, o pai agora está ensinando: “Meu filho, ali ó, vai lá, pegue ali R\$ 1.000 rapaz. Você é otário?”. De uma forma que está piorando tanto... **alguém está ensinando às pessoas a errar, que aprender, ninguém está aprendendo.** Você não tem, você fala assim: “Eu pago o meu imposto”. Não, mas eu tenho educação no país...*

Apropriando-se da vinculação entre as esferas políticas (município, estado e União), Fernando liga a situação da cidade à do país, demonstrando quão ampla é a dinâmica de retroalimentação entre a dimensão social e a política:

*Fernando: Aqui, não digo só em Salvador, mas no Brasil, **nós temos os políticos mais caros do mundo e os piores também. Isso é um grande problema.** E a gente vê, a gente tem consciência de que isso é fruto da ignorância do nosso povo, da falta de educação do nosso povo. Por quê? **Não sabem eleger, não sabem escolher, e pior, não sabem cobrar de quem elege.** Então, é... complicado. **Eles não fazem nada, não são cobrados e as coisas só pioram.** Os índices de corrupção e de... **Corrupção, principalmente, entre os políticos brasileiros deve ser entre os piores do mundo.** E, não existem... hoje, a gente não... hoje, a gente vota pensando quem é o menos pior. **Não que a gente acredite em ninguém, ao contrário, eu digo que, isso é uma opinião pessoal minha, 90% dos políticos são corruptos e mal intencionados. E é difícil você saber quem são esses 10% aí,** porque quando entra pra política a gente já imagina que esse camarada, ou essa mulher ou esse homem estão querendo se fazer em cima da política e não trabalhar*

*pro Estado, trabalhar pro povo como deveria ser. Então, isso deixa a gente muito pessimista com relação à evolução da cidade.*

## 6.2. A Dimensão Política e a Dimensão Social: desvendando as narrativas únicas.

Neste tópico, tenta-se desvendar as narrativas únicas, lançando alguma luz sobre a compreensão do processo de significação realizado pelo sujeito. Entendendo ser a cultura uma ferramenta psíquica na formação do significado, de acordo com a abordagem integradora da cultura ao psiquismo humano, os significados surgidos ao longo das narrativas foram fruto do encontro da cultura coletiva com a cultura pessoal.

Integrando o conceito de Bruner de canonicidade ao de Valsiner de cultura pessoal, sugere-se que a canonicidade seria a parte mais estável da cultura pessoal, aquelas crenças de que “é assim que o mundo é ou tem que ser”. A formação da narrativa canônica parte do sentido dado às experiências, considerando aquilo que é repetido, o qual passa a receber o atributo da legitimidade. Perceber o mundo sem refletir sobre o porquê das coisas estimula a formação de narrativas canônicas as quais, por fim, serão um espelho do que se passa no nosso ambiente.

Se a ação é algo que se dá a partir da forma como significamos o nosso mundo, ao desenvolver narrativas canônicas, que por sua vez são espelhos do ambiente em que vivemos, estaremos perpetuando um modo de vida já estabelecido. A este “cultivo” comportamental, algumas abordagens chamam de cultura, dando a equivocada impressão que esta estaria fora do sujeito.

A cultura por sua vez, além de se mostrar em comportamentos aparentes, está em um estabelecer de sentidos condensados em signos, os quais povoam a semiosfera. Aponta Valsiner que a semiosfera é cheia de sentidos contraditórios, sendo heterogênea.

Tendo como princípio organizador do psiquismo a narrativa, conforme Bruner, o ser humano passa a criar histórias de significações, conectando de alguma forma as experiências contraditórias que vive, tentando emprestar a elas uma fluidez e homogeneidade que o ajudem a lidar com o futuro sempre incerto.

A pergunta que se coloca é: por que as significações se dão de uma forma x e não y? por que a forma x tem uma frequência muito maior do que a y? ou então, por que eles não conseguem perceber a forma z de significar as coisas?

Sem a pretensão da resposta, compreender alguns mecanismos semióticos ajudam neste desafio.

Algumas relações sociais estabelecidas tornam-se na semiosfera canalizações culturais que integram a cultura coletiva. São através destas canalizações que a pressão grupal opera, o controle social, ou a busca da simples perpetuação do conhecido. Assim, canalizações culturais e o estabelecer de canonizações são mecanismos de estabilidade cultural.

Esta estabilidade porém não se confunde com determinismo cultural, pois assim como o mecanismo psíquico humano é capaz de perpetuar o já estabelecido, ele também é capaz de gerar a novidade.

A díade cultura pessoal e cultura coletiva, tendo por base o modelo bidirecional da transferência de cultura, aponta como os signos provenientes do ambiente externo do sujeito passam a ter contato com um já estabelecido sistema interno de significações, criando aí ou a novidade ou a perpetuação da canonicidade. Descobre-se que a condição propícia para o surgimento da novidade é o encontro com a ambivalência, desde que o mecanismo semiótico do sujeito apresente uma abertura que permita considerar esta ambivalência, pois caso contrário, a ambivalência será desconsiderada, como apontam Valsiner e Abbey (2005).

Partindo desta explanação, busca-se identificar nas narrativas alguns elementos que possam estar associados aos mecanismos de formação de significado descritos acima.

Um fator presente em todas as entrevistas é que, ao falar do futuro da cidade, à dimensão política foi atribuída grande relevância. Sendo significada como o único fator capaz de recuperar a cidade, torna-se dotada de grande protagonismo. Deste modo, a cidade na reflexão de futuro é significada como um produto da dimensão política, tornando-se esta dimensão a concretização da orientação para o futuro.

Estruturada em uma narrativa única, diante do uso de generalizações totalizadoras, a dimensão política engloba o Estado, os políticos e os gestores.

Estado é significado como descumpridor de seu papel constitucional de proteção à figura do filho e da família, não retribuindo os impostos pagos por estas famílias em ações sociais.

O campo afetivo destas significações é de revolta, indignação, sentimento de injustiça, preocupação com a sobrevivência e bem estar da família diante de uma

realidade de Estado que não cuida dos socialmente vulneráveis. Os pais se sentem os únicos cuidadores e responsáveis pela qualidade de vida da família e futuro dos filhos, tendo consciência que, caso não tenham êxito nesta tarefa, a família passará pelas mesmas dificuldades e sofrimento por que passam as famílias vulneráveis. Esta constatação traz o fortalecimento na crença que a saída individual é a única efetiva, pois a rigor, a família é o Estado. Surge então a figura da “família-Estado” em um Estado que não cuida da família.

Tendo condições econômicas para prover as condições materiais para uma melhor qualidade de vida, o campo afetivo é de alegria, de conquista, de empoderamento.

Trazendo a narrativa para os agentes que compõem a dimensão política na prática, os políticos e os gestores, as significações, também generalizadas, trazem o uso de signos como corrupção, interesse particular, descaso com a coletividade, indiferença com o sofrimento das pessoas, falta de vontade de investir no social, falta de vontade política em fazer com que as coisas melhorem.

Acrescido a isto, a máquina pública é significada como um sistema que corrompe até mesmo os que têm boas intenções, pois existe muito dinheiro que leva à corrupção.

Para deixar a narrativa ainda mais sombria, a eleição é vista como a única forma de que algo mude, sendo que, sendo os políticos eleitos pela população, este elo faz com que as dimensões política e social façam parte de um círculo que se retroalimenta.

A dimensão social, também trazida na forma de narrativa única, revela reflexões em que às vezes o sujeito se exclui do objeto distanciado psicologicamente (a população da cidade) e às vezes se inclui. Referindo-se à sociedade de modo geral, a dimensão social é significada como sem educação, ignorante, sem saber votar escolhendo políticos ruins, sem saber fiscalizá-los e sem saber cobrar deles sua obrigação. No entanto, ao usar o signo do comodismo, da passividade, os sujeitos se incluem, chegando até a haver inclusão em relação ao termo corrupção, uma vez que todos seriam corruptos por este ser um elemento da nossa cultura, que estaria no “sangue”.

Nas narrativas surge também um outro grupo da população, aqueles “ricos mesmo”. Flora se refere a essas pessoas como sendo aqueles que estão em um

outro mundo, que nem param para refletir sobre a vida que levam, estando envolvidos com a lógica do ter.

Esta dimensão social é vista como a responsável pela escolha dos políticos, daí a cidade estar presa a um ciclo vicioso da qual seu único destino é a piora.

Sem confundir as narrativas nem com uma “verdade sobre o mundo” nem como algo fictício, as narrativas falam de pessoas através da cultura, através da história.

É de chamar a atenção nessas narrativas o total poder dado à dimensão política em detrimento da dimensão social, a exemplo da dimensão social ser significada como acomodada e passiva, ao passo que a dimensão política é corrupta, mas “ninguém faz nada”.

Além disto, o uso generalizado do termo “cultura”, implicando algo que “está no sangue” traz um forte indício de canonicidade. Ao ser canonizada a corrupção implica em uma legitimação do comportamento, indicando ser algo aceitável embora negativo. Além disto, a perpetuação da corrupção é providenciada.

Estando no “sangue” quais seriam os mecanismos para debelar este comportamento? A quem interessa que a corrupção acabe ou permaneça?

Frente ao poderio da dimensão política está uma dimensão social frágil, impotente, a qual está fadada a permanecer como “analfabetos funcionais”. Sem desmerecer a realidade social, a pergunta mais uma vez é, a que relação de poder este pensamento totalizador serve?

Ao associar a dimensão política à social, é criada uma “armadilha semiótica” sem saída: alimentada pela dimensão social, a dimensão política será sempre corrupta e a cidade sempre será pior, salvo a vontade política de um político bom, representando um milagre.

Ao significar desta forma, as tentativas de mudança da situação não são vistas, assim como são inibidos os comportamentos que busquem quebrar este ciclo.

Por outro lado, o poder material destas famílias apresenta uma efetividade muito maior do que a tentativa de refletir sobre a situação a fim de encontrar novas alternativas. Embora órfãos de cidade, um elemento de grande valor para eles, a ausência de perspectiva semiótica ajuda a manter a situação como está. Enquanto isto, todos os movimentos sociais de resgate da cidade (a exemplo do Movimento

Desocupa Salvador e Vozes de Salvador, atuação do MP-Ba em várias situações de defesa da cidade, dentre outros) não são considerados pelo sujeito, uma vez que fogem ao canônico.

Em sendo a família um elemento de extrema relevância para os entrevistados, e a cidade também um elemento de extrema relevância para a qualidade de vida da família, não se percebeu nas entrevistas uma abertura semiótica que permitisse harmonizar a importância dessas duas esferas. Cuidar e proteger a família, optando por morar no condomínio, e exigir do Estado o cumprimento de seu papel, não apareceu no repertório semiótico. Afinal, se o “povo” é a maioria e o “povo” vota mal, não resta espaço para a novidade.

A dinâmica entre o poder econômico e a canonicidade aversiva à dimensão política com atribuição de agente modificador e responsável pelo destino da cidade é um estimulador do não protagonismo político, gerando o sentimento de impotência e falta de esperança.

Talvez esta dinâmica de fatores ajude a compreender um pouco mais aquilo que os “essencialistas” chamam de individualismo, trazendo alguns ângulos de reflexão para que surjam novos entendimentos.

### 6.3. Diversificando a narrativa única: a “oxigenação semiótica”.

Neste item foram selecionados três exemplos que demonstram alguns processos da construção do significado de cidade durante a entrevista e a emergência da novidade, através do modelo das três dimensões de cidade, a saber: a dimensão territorial, a dimensão social e a dimensão política.

#### 6.3.1. Da cidade mimética à cidade com (alguma) autonomia:

No exemplo de Flora, a cidade inicialmente foi significada como um espaço que corresponde aos hábitos do seu tempo. Diante da mudança de valores humanos, do individualismo e materialismo exacerbados, Flora entendia que, apesar da violência e da falta de estrutura da cidade, o ritmo da vida e a qualidade da vida hoje estavam sendo consequência desta coisa geral da mudança de hábitos. Assim, a cidade seria

um local imerso em uma “era” na qual os valores e hábitos seriam a causa dos problemas atuais.

Após refletir sobre a cidade em suas faltas para o lazer, Flora compara a cidade de Salvador às da Espanha e Portugal, apontando para o destaque que o esporte tinha nestas cidades, com vários centros esportivos e campeonatos que a população participava e a vida da cidade, nestas épocas, girava em torno do esporte.

Depois de algum tempo, continuando a entrevista, Flora passa a falar do impacto positivo para as famílias que uma estrutura de esporte público e de qualidade seria para as mesmas. Afirmou que isto poderia dar uma alternativa de vida para as pessoas vulneráveis, que não a cooptação pela droga. Falando da perspectiva de quem é promotora e trabalha na vara do crime, Flora aponta como o aspecto territorial da cidade, instalações para o esporte, seriam benéficas. Como conclusão, a dimensão política é trazida para reafirmar como os políticos não pensam em melhorar as estruturas da cidade em prol da saúde das pessoas e das famílias.

O signo cidade então passa a ser acessado a partir da dimensão territorial ( centros públicos de esporte), passando pela dimensão social (melhoria da vida das pessoas) e finalizando na dimensão política (ausência de visão social). Deste modo o signo deixou de ser algo derivado apenas da consequência de novos hábitos e passou a ser visto como um espaço de coletividade o qual pode influenciar diretamente na qualidade de vida das pessoas, independente de seu tempo, embora dentro de seu tempo.

### 6.3.2. Da cidade mercadoria à cidade casa:

Este caso trata do desenvolvimento do signo cidade, o qual inicialmente é visto como um produto turístico e após algumas intervenções passa a ser visto como um espaço de existência para as pessoas que nela vivem. O trecho da narrativa deste caso está no capítulo 5 acima, no item 2.2.

Nesta passagem Guilherme fala da cidade como um espaço que está decadente, acrescentando que tinha preocupação e pena quanto aos turistas que aqui vinham, afinal são eles que trazem o dinheiro para a cidade, e onde “não há dinheiro não há beleza”.

Neste ponto fiz uma intervenção, expondo meu ponto de vista que, antes de ter pena dos turistas eu tinha pena dos que aqui viviam, diante da situação da cidade. Inicialmente ele discordou, no entanto, no decorrer da entrevista, comparando a cidade do presente, com a do passado, refletindo sobre o futuro, voltando a falar da cidade, ele afirma que, como eu disse, ele tinha mais pena da gente.

### **Situação 1:**

*Guilherme: Porque você passar um domingo numa praia dessa em Salvador onde você não tem nem barraca de praia pra você consumir, ir no banheiro, né? Então, Salvador tá vivendo um momento muito difícil, né? Você não tem entretenimento nenhum, entendeu? **Fico com pena dos turistas que vem pra cá, entendeu?***

### **Situação 2:**

*Guilherme: (...) Nós perdemos isso, nós não vendemos mais a cidade como a gente vendia, o amor que a gente tinha. A gente mesmo, como você falou, antes de tudo **não tenho nem pena dos turistas, tenho pena da gente**, você mesmo falou isso. Tá nos nossos rostos, na nossa linguagem, em tudo.*

Na situação 2 a cidade é vista como um espaço em que se mora, se vive, enquanto na situação 1 a cidade é um espaço de entretenimento para o turista.

A mudança do significado se dá a partir da reflexão sobre a dimensão social da cidade, as pessoas que nela vivem em lugar das pessoas que a ela visitam. Esta intervenção fez com que o signo se ressignificasse.

No final da entrevista, Guilherme fala de uma liberdade que ainda existe na cidade das pessoas mais pobres. Apesar da precariedade, da falta de higiene que decorre da falta de estrutura e fiscalização, dos ônibus lotados, da violência que bate à porta, ali, dentro daquelas ruas, ainda há uma vida de cidade, ainda há “liberdade”, pois ali existe o empinar arraia, o andar de bicicleta, o curtir a praia. Comparando com a vida das pessoas de seu nível social, aponta que por ter pânico da violência, da falta de estrutura, pânico de gente, vivem muito menos a cidade. Assim, sua reflexão final é sobre a perda de uma cidade, que ainda se encontra viva para



alguns (ou muitos), ainda que de modo precário. Sobre uma cidade em que as pessoas vivem, uma cidade casa e não só mercadoria.

### 6.3.3. Da Cidade com o “povo” sem educação à Cidade completamente analfabeta política:

O signo “educação” foi largamente usado em todas as narrativas para descrever a importância deste fator para a construção da democracia. As pessoas, ao serem educadas, saberiam escolher melhor seus políticos. Neste caso, a educação fazia a mediação entre a dimensão social e a dimensão política da cidade.

Em determinado trecho narrativo, Fernando afirma que o papel da classe instruída é educar as pessoas, orientando aqueles que estão próximos.

A junção entre os signos “povo” e “educação”, descreve uma cidade em que as pessoas por não terem educação não conseguiram ter um bom governo, ao mesmo tempo cria o limite entre aqueles que não têm educação e aqueles que têm educação, subgrupo ao qual os entrevistados eram incluídos. A educação seria então a pedra de toque que faria com que as coisas funcionassem. Assim, a cidade com um povo sem educação apenas reforçaria uma política ruim para a cidade.

A contradição existe quando a mais formalmente educada dos entrevistados, Mariana ( título de doutorado em medicina e posição de destaque no serviço público da cidade), refletindo sobre os últimos acontecimentos políticos, já no final da entrevista, ao ouvir o termo “analfabeto político”, imediatamente se identificou com a expressão.

A contradição então surge entre a educação superior formal e o analfabetismo político, refinando o signo hipergeneralizado educação para um patamar em que se distingue a educação formal da educação capaz de influenciar na melhoria das escolhas políticas e assim melhorar a cidade.

Da cidade composta de uma elite educada e um povo ignorante, para uma cidade de o povo ignorante e uma elite analfabeta política, surge uma cidade mais igualitária politicamente em que todos não sabem escolher seus governantes.

Assim, a relação entre a dimensão social e política da cidade se torna ainda mais significativa diante da incapacidade política de escolher seus governantes. Afinal,

até aqueles educados formalmente, que tinham por função “orientar o povo ignorante e sem educação”, se mostram tão analfabetos como este povo.

Embora esta passagem traga o exemplo marcante desta resignificação da cidade, em todas as narrativas esteve presente um campo afetivo com uma sensação de impotência frente à dimensão política da cidade. A ausência de um saber político, auxiliado a um campo afetivo aversivo diante da narrativa única da corrupção, faz com que o afastamento da política da cidade, seja da política formal ou através de atos civis de expressão política, se dê de forma quase absoluta.

Apenas na narrativa de Flora foi citada uma preocupação com atos individuais que tenham reflexo no coletivo, como no caso da coleta seletiva de lixo que faz em sua casa, ensinado aos filhos uma preocupação com a coletividade.

Nas outras entrevistas, as preocupações sociais existiram e foram muitas, inclusive com campo afetivo intenso de compaixão, indignação e revolta com os políticos, mas em termos de ações para o coletivo, surgia apenas a intenção da solidariedade individual, como disse Andréa, “tornar o próximo mais próximo”.

Isto não implica que essas famílias não se preocupem com o coletivo, mas talvez não faça parte de seu repertório semiótico as ações e os meios de influência política em prol da cidade.

Em outra passagem Fernando significa como constrangedor uma expressão de reivindicação de seus pares, uma vez que são minoria e são vistos como “tendo tudo”. Em sua narrativa, um fato deste causaria chacota entre o “povo”.

*Fernando: É difícil Marluze, é difícil Marluze porque nós somos uma minoria. Nós somos uma minoria. E irmos às ruas como foi feito no passado pra se brigar, pelas diretas. Se hoje a gente consegue reunir um grupo e levar pra rua pra reivindicar alguma coisa, como seria talvez um pensamento. Seria. O povo ia até brincar. “O que é que esses camaradas estão reclamando? Ou tão querendo?”*

Nota-se aqui que a cisão no muro é também uma cisão simbólica entre os “nossos” interesses e os interesses do “outro”. Embora sintam a consequência de viverem em uma cidade (espaço de coletividade) em condições ruins, não faz parte do repertório que as reivindicações pudessem ser conjuntas, a exemplo do movimento pela paz do Rio de Janeiro, ou uma reivindicação por transportes

públicos, haja vista o caso emblemático do metrô, ou uma reivindicação a favor do combate à corrupção como no caso da Lei do Ficha Limpa.

Nas narrativas, as segregações da dimensão social não parecem encontrar canais de integração, sendo as soluções individuais as únicas do repertório semiótico.

Sendo a dimensão política uma dimensão à qual se atribui o poder de modelar o destino da cidade, o afastamento desta dimensão implica em um afastamento da coletividade da cidade, buscar resgatar a cidade, nesta lógica, estaria implicado em algum envolvimento com esta dimensão. Interessante notar que uma das últimas reflexões surgidas na narrativa de Mariana, se refere exatamente a esta questão, a necessidade de que o abismo entre as pessoas e a dimensão política seja estreitado:

*Mariana: **Acho que existe... existia uma distância muito grande entre nós população e os gestores políticos, governantes. Isso, esses laços é que precisam ser mais estreitos.***

#### 6.4. Promovendo a ação a partir do signo cidade: a função promotora

A função promotora de um signo tem a ver com sua capacidade de direcionar a ação dos indivíduos seja para se aproximar de algo ou para se afastar. A análise do signo cidade e dos processos de sua significação trouxe indícios da sua função promotora.

Inicialmente é preciso definir que o signo cidade é um signo campo hipergeneralizado, ou seja, é um signo que traz em seu significado a relação com outros signos, fazendo com que seu significado não possa ser definido de modo estanque. Ele é hipergeneralizado uma vez que é utilizado de muitas maneiras, representando diversas relações embora não perca sua “identidade”.

As narrativas apontam para a cidade como um signo de grande importância: trata-se de um signo utilizado no cotidiano, um signo que se refere ao local em que se vive e à coletividade da qual é parte, e da qual muitas vezes não se sente parte. É na cidade que a vida existencial acontece. Deste modo, cidade tem uma relação direta com qualidade de vida, afinal, em sendo o local onde se vive, a qualidade de vida da família em muito dependerá deste signo.

Isto posto, a cidade adquire uma função promotora de estimular as famílias a buscarem uma “boa cidade”, atraindo as famílias para este local. Por outro lado, uma “cidade aversiva”, como no caso da cidade de Salvador no presente, este signo promove o afastamento da cidade imediata.

No entanto, dado o repertório das narrativas dos sujeitos sobre as dimensões da cidade (ver tópico 2 acima – citação) , o signo cidade, apesar da sua relevância, não conseguiu gerar ações no sentido de resgatá-la no caso concreto da cidade estudada, promovendo então as ações no sentido de reclusão ou a busca por outra “cidade”.

Sendo a experiência de cidade uma experiência complexa, buscou-se demonstrar aqui como o sujeito vivencia a cidade e a significa, a partir do modelo das três dimensões da cidade. Este modelo ajudou a compreender como a dinâmica entre a dimensão territorial, social e política acontece na construção do signo. Às vezes a cidade tem um tom predominantemente territorial, noutros social ou político, sendo que é da integração entre as dimensões que a experiência da cidade acontece.

Seus significados vão se transformando nas lembranças do sujeito, integrando inclusive as cidades do desejo e as outras experiências de cidade. Atraindo ou afastando, o fato é que se trata de um signo de grande relevância para as famílias e os modos de vida contemporâneos que, diante da sua centralidade e complexidade, demanda estudos mais aprofundados.

#### 6.5. Algumas considerações sobre a cidade e o futuro:

( *ou, sobre as andorinhas....*)

Embora as experiências de cidade tenham por base os acontecimentos que nela ocorreram, como os índices e as vivências de violência, as marcas de uma corrupção imponente no corpo da cidade (seu metrô), pode-se dizer que a importância da compreensão dos processos de significação da cidade está em desvendar alguns funcionamentos do processo regulatório semiótico que levam, ou à perpetuação de determinadas significações, ou ao surgimento de uma nova significação que implica em mudança. Mudar a forma como algo é significado implica em preparar o organismo para outros tipos de ação, uma vez que a vida

humana se dá em um eterno futuro, e é para lidar com ele que o ser humano prepara suas ações.

Neste capítulo vimos como as narrativas únicas, uma estruturação de pensamento composta por generalizações e seus afetos correspondentes, que fazem a regulação do sujeito com seu mundo a partir de verdades cristalizadas, dificultam a possibilidade de reconhecer aquilo que fuja a este roteiro. As narrativas únicas tendem a desconsiderar as contradições, buscando no mundo da experiência aquilo que a reforce.

A entrada de novos elementos que gerem reflexões permite uma “oxigenação semiótica” na qual a cultura pessoal do indivíduo é reconfigurada dando lugar à novidade. Isto é exemplificado através dos três casos expostos acima.

Na verdade o valor do estudo das narrativas e dos sentidos dados a ela é como falar de “andorinhas”. O “verão” e o “fogo na floresta” existem, mas a significação dada ao esforço da andorinha mudará completamente a escolha frente à ação que deverá ser tomada ou não:

*Flora: [...] eu falei, “Vou”. Vou porque... eu digo assim, é... eu acho... eu acho importante que cada um faça..., porque se a gente não funcionar como a **andorinha** meu filho, a floresta vai pegar fogo mesmo.”*

\*\*\*\*

*Mariana: Pois é, porque uma **andorinha** só não faz verão, não é “velho”. Se você tá no... Se eu tô no meu hospital querendo fazer o negócio tudo certo, mas se tem dez outros que não tão nem aí. Quem não presta deve ser você. Entendeu?*

## CAPÍTULO 7

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação da construção do signo cidade realizada neste estudo, através das narrativas, trouxe algumas contribuições tanto para a compreensão do **funcionamento semiótico do psiquismo humano**, como para **a compreensão da relação que se estabelece entre a família e a cidade**.

Inicialmente, na análise do significado do nascimento do filho para os pais e mães entrevistados, observou-se que apesar das trajetórias de vida serem diferentes em relação à decisão de ter um filho, em todas as situações, o nascimento do filho foi assegurado como uma ruptura de grande impacto, gerando ressignificações em relação à forma como percebiam a vida, suas prioridades e ao próprio comportamento. Ao se tornarem pais e mães, o cuidado com o filho e com a família passou a ser um signo promotor central em suas vidas.

Dentro deste quadro, a análise de processos semióticos possibilitou investigar aspectos relacionados ao viver da família na cidade de Salvador, a interação com a coletividade, com o elemento físico-espacial, com a dimensão política, conhecendo um pouco mais sobre os motivos das escolhas dos pais frente ao cenário de cidade vivido e significado. A utilização da categoria **psicologia popular** permitiu que os pais falassem livremente sobre suas experiências, dando seus próprios significados às suas vivências, sendo as narrativas dos pais sobre o impacto da cidade na família reveladora de uma percepção, por parte dos entrevistados, de uma completa influência das características da cidade na vida familiar

No primeiro bloco de resultados (apresentados no capítulo 4) sobre a ruptura do nascimento do filho, quando se considera as diferentes trajetórias, destaca-se a importância atribuída à família de origem diante da vulnerabilidade existencial de tornar-se mãe. Nas narrativas em que a entrevistada apresentou uma maior aproximação com o lidar com crianças em sua família de origem, a transição para a maternidade se deu de forma tranquila, sendo significada como algo natural. Por outro lado, a ausência de contato com crianças e de suporte familiar, causou na mãe uma sensação de insegurança, desamparo emocional e falta de suporte material, apesar de sua excelente condição financeira e companhia do marido. O apoio solidário da família, baseado em um conhecimento intergeracional, afeto e cuidado,

mostrou ser um fator não passível de substituição por relações que têm por base única a troca econômica diante deste ato existencial e natural da condição humana: a reprodução.

Tendo como foco a relação família-cidade, na segunda parte do estudo, buscou-se investigar o processo de construção de significados do signo cidade pelos pais enquanto moradores de condomínios verticais fechados de alto padrão, a partir da reflexão do cuidado com seus filhos, o que constituía o **objetivo geral** da pesquisa.

A significação da cidade através das narrativas abordou o impacto das condições da cidade na vida da família, tal como sentido pelos pais, sendo este elemento de reflexão o fator central para a construção do significado de cidade aqui investigado.

As condições negativas da cidade foram então consideradas como um forte fator causador de estresse nas relações com os filhos, geradoras de medo e pânico, de limitação da circulação na cidade, privatização do lazer e afastamento do outro desconhecido. Em uma cidade com tais características de conotação aversiva, a família buscou proteger seus membros evitando a circulação na cidade. Por outro lado, as vivências positivas de cidade foram associadas a uma tranquilidade maior na família e um facilitador na educação e promoção do desenvolvimento dos filhos.

Em termos semióticos, as narrativas apontaram para dois processos relevantes diante do uso do signo cidade: o primeiro é que espontaneamente a cidade era trazida em **diferentes dimensões temporais**, inclusive como um mecanismo psicológico de comparação a fim de dar relevo ao que se queria expressar; e o segundo, que as experiências trazidas referentes ao signo **cidade englobavam uma imensa gama de fatores**, emoções e informações que precisavam ser de alguma forma decompostas e estruturadas para que se pudesse compreender quais experiências e elementos estavam referidos na experiência de cidade.

Este fluxo de vivências trazido pelo signo cidade demandou sua decomposição em elementos que permitisse uma análise de sua complexidade. Foi construído um modelo de análise do signo cidade, o qual teve por base os três elementos básicos da cidade: territorial, humano e político.

Assim, o **Modelo de Análise das Três Dimensões Básicas do Signo Cidade**, passou a ser utilizado como veículo fundamental na compreensão da dinâmica entre as dimensões vivenciais básicas da cidade - territorial, social e política. Com a aplicação desse modelo de análise, foi possível algum avanço na compreensão da função mediadora e reguladora do signo cidade, uma vez que as experiências narradas de forma complexa, passaram a ser agrupadas em partes estruturantes de um todo – a vivência da cidade - , dentro da concepção da separação inclusiva.

Ao analisar a significação da cidade através das dimensões temporais **(objetivo específico-1)**, as narrativas revelaram cidades com diferente significações para cada temporalidade. Nas significações de cidade (capítulos 5 e 6) o signo cidade foi analisado de forma a conectar as experiências de cidade ocorridas em uma cidade no passado, no presente e no futuro, além de compor uma cidade atemporal que tem por atributo um traço definidor de cidade, significado pelos pais como a **“vida de rua”**.

Deste modo, a **importância do signo cidade** se revelou para os pais não apenas em relação a uma cidade específica, mas como uma esfera do viver em que fosse possível um conviver pacífico com a coletividade que a compõe. Esta coletividade teria o atributo da diversidade, seriam pessoas diferentes com modos de vida diferentes. O contato com a diversidade é trazido como um elemento positivo e desejado, visto como um fator relevante para a ampliação dos “mundos” dos filhos, ao fazê-los conhecer uma realidade mais complexa, levando a uma melhor formação deles como seres humanos. A diversidade e a vida da rua também implicam em uma sensação de liberdade, do contato com a surpresa, com algo que entretenha e traga satisfação.

Nesta vivência de cidade atemporal o campo afetivo seria o prazer, a tranquilidade, a sensação de liberdade decorrente de poder andar nas ruas, andar de bicicleta com o filho, vê-lo brincar em uma pocinha na praia, encontrar pessoas legais, conhecer e ser conhecido, ter relações de troca e de solidariedade. Na cidade atemporal existiria o respeito ao próximo, mais igualdade, com um Estado cumpridor de sua função social e preceitos constitucionais, para que “os muros diminuíssem”.



Este campo afetivo da cidade atemporal diferiu radicalmente da sensação de medo, presente nas narrações da cidade atual: um local significado como aversivo e que não apresenta condições para usufruir da vida familiar, transformando em obrigação a moradia naquele local.

O processo de construção de significado da cidade, em um tempo futuro, foi aprofundado no capítulo 6, no qual foi feita uma análise mais detalhada de um dado surgido nas entrevistas: a predominância da dimensão política da cidade e a sua relação de retroalimentação com a dimensão social.

A análise da **dinâmica do signo cidade enquanto mediador e regulador semiótico (objetivo específico-2)** revelou o signo como se referindo a uma experiência total que abarca três fatores apreendidos de modo global: o elemento territorial, o social e o político. Com a aplicação do modelo de análise do signo em suas três dimensões elementares - dimensão territorial, social e política - foi identificado que, embora a vivência de “cidade” se referisse à integração dinâmica das três dimensões, a vivência desses três elementos se configurava de modo diferente a partir do tempo de recordação da experiência de cidade.

As experiências de cidade vivenciadas no **passado** traziam a predominância da integração de **duas dimensões, dimensão territorial e social**, quase sem referência à dimensão política. O campo afetivo dessas narrativas era composto de afetos muito positivos, denotando alegria, decorrentes da vivência positiva da integração das dimensões territorial e social. Esta alegria trazida, referida como liberdade, é enfatizada por uma capacidade criativa presente na “vida da rua”, geradora de novidades frequentes, espontâneas e variadas.

Deste modo, ao evocar a **cidade do passado**, presente na infância e juventude, os entrevistados trazem como exemplo do prazer decorrente da experiência de cidade, o brincar na rua, empinar arraia, a bicicleta, a praia, o jogar bola com os amigos, ver o por do sol no Farol encontrando com outros que também iam para o local com as mesmas motivações.

Já as vivências narradas na **cidade do presente** trazem a experiência de cidade integrando as **três dimensões**. Ao afirmarem que as praias estão infrequêntáveis, a dimensão territorial “praia” continuou como um espaço que potencialmente traria prazer, no entanto, a frequência (dimensão social e política) e a ausência de infraestrutura (dimensão territorial e política), enquanto consequência

da incompetência do governante (dimensão política) são trazidos na narrativa de modo consciente, ou seja, as significações do que é prazeroso e aversivo integram em sua análise a dimensão política.

Deste modo, o modelo que vai emergindo das análises aponta para um crescimento da relevância da dimensão política (a mais abstrata) nas vivências de cidade no presente e mais ainda para o futuro, nas narrativas dos entrevistados. Embora não tenha sido objetivo deste estudo aprofundar os fatores relacionados a esse processo de predominância da dimensão política, pode-se sugerir que as vivências a partir das novas contingências da vida, da emergência das novidades e rupturas, levam a um maior realce da dimensão política. Ou seja, enquanto criança e jovem as experiências seriam percebidas de uma forma mais “aqui-e-agora”, em que as motivações do sujeito estariam na vivência do presente, sem refletir acerca da complexidade desta realidade. Ao ter mais a vivência do tempo, com o consequente aumento das experiências vividas, o sujeito passaria a refletir mais sobre a complexidade das situações, integrando aí a dimensão política que, das três dimensões, é a mais abstrata. Isto poderia indicar, inclusive, uma ampliação do mecanismo psíquico semiótico no sentido de uma ampliação da percepção dos fatores envolvidos na complexidade das relações, saindo de uma percepção mais pontual e concreta para uma percepção mais abstrata e complexa.

A predominância da **dimensão política** veio acompanhada de uma atribuição de poder de mudança do destino da cidade a esta dimensão, a qual seria a única detentora deste poder. Destacou-se a forma como esta dimensão foi significada: através de **narrativas únicas** compostas por generalizações e indícios de canonicidade.

A **dimensão social** também foi definida em termo de **narrativa única**. Em uma relação de retroalimentação entre as dimensões política e social foi identificada uma “armadilha semiótica”, a qual define que a cidade no futuro “só irá piorar”. Desta forma, notou-se que a dimensão política, sendo inclusive a mais abstrata, integrou o signo cidade, permeando suas outras dimensões e se colocando entre o sujeito e a própria cidade. Ou seja, **a cidade do futuro na verdade é um produto da dimensão política**.

Sem negar as características históricas e sócio-econômicas da cidade de Salvador, a análise da sua significação revela exatamente esta armadilha semiótica

entre a dimensão política e social, a qual esvazia no sujeito a sua força como agente de mudança frente à coletividade de cidade, ao mesmo tempo em que potencializa seu poder de ação na esfera privada. A rigor, pode-se dizer que esta situação se enquadraria ao paradigma da lógica abstrata da separação exclusiva em que a esfera individual do sujeito pudesse ser percebida como uma esfera separada da coletividade, ilusão que os próprios pais reconhecem na entrevista. A estruturação em narrativas únicas mais uma vez bloqueia a possibilidade da oxigenação semiótica.

As narrativas únicas sugeriram a existência do processo de canonicidade na cultura pessoal do entrevistado. A semelhança das narrativas entre os entrevistados sugere que as mesmas deveriam estar presentes na semiosfera como canalizações da cultura coletiva, destacando o poder de perpetuação dos conteúdos semióticos presentes na semiosfera, os quais são transferidos de sujeito para sujeito, ou através dos veículos de comunicação para os sujeitos (televisão, mídia de massa, formadores de opinião).

No entanto, este estudo identificou também alguns mecanismos presentes na construção de significados que permitem ao sujeito criar a novidade diante das canalizações da cultura coletiva e da própria canonicidade da cultura pessoal, conforme estabelece a abordagem bidirecional da transmissão cultural adotada pela Psicologia Cultural. Esses exemplos, identificados durante a entrevista, são trazidos no capítulo 6.

A função promotora do signo cidade foi enfatizadas nas escolhas dos pais em relação à vida da família em seu cotidiano de lazer e moradia (capítulo 5), assim como em relação ao planejamento da vida das famílias no futuro, em referência as escolhas do viver na cidade (capítulo 6), sendo identificada a cidade atemporal como o motivador principal.

A cidade atemporal revelou a força promotora de atração do signo enquanto busca deste lugar desejado, assim como uma força de afastamento diante da aversão aos locais que se distanciam deste ideal. A cidade atemporal, composta durante as narrativas, integrou as experiências positivas vividas na cidade do passado, experienciada na infância e juventude dos entrevistados, assim como as experiências vividas ao visitar outras cidades.

A cidade atual ,em comparação à atemporal, se colocou como uma não-cidade, na qual o condomínio “simulacro de cidade” encontra espaço para ser um sucesso imobiliário.

O condomínio se mostra para os pais, de acordo com as narrativas, como a possibilidade de dar a seus filhos proteção e condições para uma infância mais saudável, diante daquela infância que as ruas da cidade atual têm a oferecer. Deste modo, é a “não-cidade” - o signo cidade em sua função promotora do afastamento - que permite e estimula o acirramento da segregação. Esta “não-cidade” então é o fator que parece provocar a segregação, o enclausuramento, observados na ausência da cidade.

O desejo de cidade permanece ativo nos pais que, em um direcionamento para o futuro, a buscam em alternativas privadas, através dos condomínios, ou cogitam de se mudar de cidade. Diferentemente da busca do isolamento de um núcleo familiar, o condomínio representa a possibilidade da sociabilidade entre famílias, possibilidade de os filhos brincarem com outras crianças, criando laços, experienciando um viver coletivo, ainda que entre muros. A privatização do lazer, apesar de se mostrar com o melhor recurso diante do contexto de não-cidade, ainda assim não substitui a cidade, pois falta nele a “vida da rua”.

Embora o condomínio supra elementos como um grupo de amigos, o ressurgir da cooperação e da solidariedade, um amplo espaço físico para os filhos brincarem, inclusive com a vivência da natureza, os pais trazem “um enclausuramento” como um traço percebido na infância dos filhos e comparação à própria infância. Sendo a vida dos filhos vivida em condomínios e outros locais privados, isto gera o medo de não os estar preparando bem para a vida. O enclausuramento, decorrente da perda da cidade - da qual o condomínio se revela ser mais consequência do que causa, embora após sua existência, o reforce - , torna-se ainda mais marcante quando a este cenário, os pais associam os novos hábitos desta geração: televisão e computador.

Nas narrativas, o fascínio da tecnologia é visto em uma separação exclusiva em relação à má condição da cidade, sendo atribuída à tecnologia toda a força do movimento de reclusão. Deste modo não é feita a relação entre a cidade e a situação comportamental dos filhos, que seria suscitada através de questionamentos como: o quê a cidade oferece para competir com a tecnologia? Quais os atrativos ao

ar livre, quais as condições para que as pessoas se encontrem, caminhem, criem laços entre si e com a cidade?

Além do medo presente nas narrativas, é notória a vivência concreta da violência urbana, dando destaque ao automóvel como elemento de estresse, seja pelo trânsito seja pela vulnerabilidade que representa para a família, diante da possibilidade de um assalto ou sequestro. Trânsito e violência foram signos que apareceram frequentemente juntos, estando o carro intermediando essas duas esferas. Para além dos carros, o desejo de cidade dos pais é o simples poder andar, sendo agradável a possibilidade de uma bicicleta em companhia do filho.

Foi também destaque nas narrativas, a consciência que os entrevistados têm do sofrimento das famílias desprovidas de condição material em uma não-cidade proporcionada pelo Estado descumpridor de seu papel social. Nessas falas existe revolta, indignação, mas existe também impotência diante de um contexto de coletividade que se mostra insuperável, frente a uma potência na esfera privada, proporcionada pelo poder econômico que conquistaram. Essas são pessoas que buscam para suas famílias o que significam como o melhor.

A preocupação com a situação da cidade parece existir entre os entrevistados, mas não existem semioticamente os meios para tentar cuidar dela em suas narrativas. Além disto, a “armadilha semiótica”, diante de uma previsão absoluta de fracasso, faz com que o resgate da cidade se coloque como uma tarefa inoperante. Esta conclusão é sugerida diante do fato de diagnosticarem os problemas da cidade como coletivos e, no entanto, apresentarem para os mesmos apenas soluções através ações individuais.

Os filhos e pais sofrem com a ausência da cidade, e os pais têm consciência disto e buscam viver “em cidade”, nem que seja reconstruindo seus elementos no condomínio ou planejando sua mudança para outra cidade.

Pode ser que esses jovens, filhos do condomínio, cresçam acostumados a “um simulacro de cidade” e se adaptem à vida entre muros. No entanto, este mesmos jovens frequentemente viajam para outras cidades que normalmente oferecem uma vivência de cidade com seu traço de “vida de rua”. Deste modo, existe no repertório destes jovens elementos que oxigenam semioticamente aquilo que vivenciam em seu cotidiano, fazendo com que o cotidiano na vida intramuros

seja questionada. Deste encontro não se pode estabelecer um futuro que seja estável ou que possa ser tão previsível.

No contexto mundial hoje, a vida das cidades passa por modificações constantes. Se, por um lado, vemos o fechamento de famílias em seus muros, por outro lado, nestes mesmos locais, surgem movimentos sociais de resgate da cidade<sup>34</sup>. Se, por um lado, o poder econômico quer transformá-la apenas em mercadoria, por outro lado, grupos lutam para que a cidade seja um local da existência, da vida humana em sua dinâmica do existir, o que não impede daí a própria síntese do poder econômico entender como mais vantajoso e atrativo uma cidade agradável para pessoas, o que de fato as pesquisas em turismo têm demonstrado.

Cidades se mostram fruto de paradigmas de seu tempo. Se os carros, há pouco, eram significados como o fator primeiro para o qual as cidades deveriam ser planejadas, hoje, movimentos urbanistas do tipo “Cidade para Pessoas” do Jan Gehl, colocam a vida humana no centro da cidade, para a qual os carros agora têm que dar espaço.

Deste modo, e como demonstra a Psicologia Cultural, as narrativas únicas são apenas estabilizações na previsão de um futuro culturalmente sugestionado. Na vida, em um eterno e incerto futuro, não há determinismos sociais, pois a possibilidade do novo já está aí, “oxigenando” as narrativas e apontando para outros significados. Assim, por exemplo, uma “cidade para famílias”, ao se tornar signo, poderá se transformar em ação.

### **7.1. Implicações para a prática familiar e perspectivas para pesquisas futuras:**

A intensa relação dialética entre família e cidade apresenta campos de estudos interdisciplinares que visem identificar melhorias na cidade, as quais possam representar melhores condições para promover saúde, educação e desenvolvimento da família.

---

<sup>34</sup> Como exemplo dos movimentos sociais do século XXI cito o Occupy WallStreet, nos EUA, os Indignados, na Espanha, a Primavera Árabe no Oriente Médio. Em Salvador, temos o Movimento Desocupa Salvador, Vozes de Salvador, Bairro-escola Rio Vermelho, Nossa Salvador, Canteiros Coletivos, dentre outros.

Como exemplo, pode-se citar um fenômeno que se mostrou de grande relevância nas entrevistas: a preocupação dos pais com comportamento atual de jovens e crianças frente à televisão e aos computadores. Este fato, ao ser analisado dentro de uma lógica de separação inclusiva, se associa aos problemas do sedentarismo, obesidade infantil, depressão, dentre outros. Importa saber quais medidas podem ser tomadas em relação à cidade que estimulem o desejo dos jovens para atividades ao ar-livre, exercícios físicos e socialização, a exemplo de centros esportivos e incentivo a gincanas nos bairros, ou campeonatos de esporte também nos bairros e entre escolas.

Neste sentido, o urbanista Jan Gehl (2010), em seu já referido livro, apresenta estudos que revelam ser a tecnologia um estimulador de aproximação entre as pessoas, reafirmando a cidade como local de encontros. Ao propor uma cidade para pessoas, Gehl mostra como as cidades têm sido recuperadas a partir de um planejamento que priorize o ser humano e o sentir-se bem em um espaço. Para isto avalia como o espaço urbano deve propiciar as experiências consideradas mais simples do viver humano: o caminhar, o poder fazer as coisas andando, poder fazer atividades físicas, o ter contato com a natureza, espaços públicos que propiciem os encontros, locais para as crianças brincarem e correrem, dentre outros.

O poder andar nas ruas, para além da questão da violência implica em ter um espaço agradável para isto, no qual as pessoas, crianças, cachorros e outros animais de estimação não precisem competir com os carros, o que implica em tamanha desigualdade de condições, afinal, qualquer vacilo da vida diante do carro causará a morte ou grave dano. A fim de torná-la um espaço para famílias, o aspecto urbanístico deve ser avaliado de modo efetivo.

Ainda em relação aos jovens, diante da condição humana em um mundo cada vez mais populoso, faz-se importante investigar como a temática do viver coletivo e as cidades têm sido abordadas nas escolas e nas famílias. Quais programas abordam o conhecimento da cidade? Quais programas incentivam a compreensão dos problemas coletivos e das soluções coletivas? Como são passadas noções de bem comum e atitudes para a compreensão e o respeito ao próximo?

Sendo um signo e uma concretude de tal relevância, aproximar os jovens para as condições em que vivem implicará em um estímulo à cidadania, seja no sentido de saber se posicionar frente ao Estado, exigindo e cumprindo direitos, ou

no sentido humanístico, buscando facilitar o convívio com o outro, permitindo novas formas de socialização e busca de soluções coletivas.

Este tema do viver coletivo e cidadania, diante da relação família e cidade, poderá elucidar o comportamento político das pessoas, passando a compreender de forma mais abrangente, os fatores implicados na construção da sociedade. Este tema se relaciona a questões da construção da democracia, participação popular, fiscalização popular, além de trazer à tona a noção de cidadania a partir do enfoque da família.

Em termos semióticos, pode ser verificada a aplicação do modelo dinâmico de análise das três dimensões básicas de cidade, verificando como o signo é significado por diferentes grupos sociais, podendo aí identificar elementos da cultura pessoal e canonizações, em sua dinâmica frente às canalizações da cultura coletiva.

Do mesmo modo, é importante estudar o conceito de “cidade para pessoas” assim como de “cidade para famílias” e as implicações que estes conceitos podem ter para o planejamento urbano e as gestões políticas.

Nesta postura está implicada uma abertura semiótica para enxergar a cidade como um espaço em completa dialética e relevância para as famílias, implicando em mudança de paradigma que signifique a cidade como um espaço para a existência humana como um todo e não como um espaço no qual o se deslocar se daria prioritariamente em função do cumprir metas e obrigações. A existência humana demanda mais, demanda viver em sua totalidade e complexidade de sentidos e razões.

Fica aqui também um campo de estudo em relação à “geração-condomínio”: como será que o viver no condomínio se relaciona com as significações de aversão e aproximação da cidade? Como esses jovens significam o viver coletivo? Como lidam com o vínculo com o Estado?

Pode-se também perguntar: como o condomínio facilita ou dificulta a superação do medo do outro? Ou como aqueles que estão fora do condomínio significam essa fração da coletividade que vive nesses locais? Como se dá esse movimento entre os muros, as tensões e os diálogos?

Ainda sobre a relação condomínio e cidade questiona-se: será que o condomínio veio para destruir a vida da cidade, da coletividade, ou ele é apenas mais um tiro de misericórdia em uma esfera que já estava adoecida, como um



remédio aplicado para aliviar a dor de um membro, sabendo que todo o organismo será destruído por ele? Ou será que este é de fato um movimento que anuncia uma nova sociedade, denunciando a superação do modelo de Estado?

É preciso aprofundar os conhecimentos sobre o viver coletivo, rever as bases da sociedade que se quer, tomando providências para sua melhoria.

Ao Estado, à nossa dimensão política e social fica o desafio de tentar reestruturar a coletividade da cidade ou entregá-la a uma fragmentação cada vez maior, da qual o mercado e seu lucro imediato são aliados, destruindo o próprio Estado e sua coletividade. Por outro lado, podem estar surgindo novas formas de mercado que cuidem da coletividade, no momento em que entenderem nisto uma forma de sobrevivência.

Enfim, estudo sobre a regulamentação do solo urbano em termos coletivos e de bem comum serão também relevantes, mas será preciso pesquisar os meios para que a cidade possa reviver.

Entende-se que é preciso revigorar a cidade, compreender como torná-la, para além de funcional, um espaço prazeroso para seus moradores. É preciso que se entenda a necessidade de lazer do sujeito e das famílias, do esporte, da infraestrutura de praças, praias, segurança, para que a vida das famílias seja mais saudável e menos vulneráveis a predadores urbanos como o *crack* e a criminalidade. É entendendo as famílias que se poderá construir um Estado capaz de lidar com os desafios de um viver comum. Como apontam Donatti e Petrini (2008), o Estado deve olhar para o conceito de “cidadania familiar”, para que tenha a família como um aliado, um núcleo de suporte e não fonte de desintegração.

## REFERÊNCIAS

ABBEY, E. & VALSINER (2005) Emergence of meanings through ambivalence. Forum: Qualitative Social Research, vol. 6, nº 1, art. 23, January.

AMENDOLA, Giandomenico (2000). La ciudad postmoderna: magia e miedo de la metrópolis contemporánea. Madri: Celeste Ediciones.

ARANTES, R. A.(2009). Qualidade de Vida ou Fortificações: o significado dos condomínios fechados em Salvador. Revista VeraCidade, ano IV, nº4.

ARAÚJO, Anete (2004) Espaço privado moderno e relações sociais de gênero em Salvador: 1930-1949. Tese (Doutorado Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador.

ARIÈS, Philippe (1981). História Social da Criança e da Família. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A.

\_\_\_\_\_ (1981b). A família e a cidade. Em G. Velho & A.S.Figueiras (Coords). In: Família, psicologia e sociedade (PP. 13-24). Rio de Janeiro: Campus.

BAUMAN, Z (2007) Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar.

BITTAR, Eduardo (2008) A importância da filosofia política: a política da filosofia e a filosofia da política. Em Almeida F. A & Barros, V. (org) Novo Manual da Ciência Política. Malheiros Editores, SP.

BONAVIDES, Paulo (2010) Ciência Política, 17ª edição, Malheiros Editores, SP.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília – DF, 05 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 12.01.2013

BRUNER, Jerome (1990) Acts of Meaning. Harvard Press, USA.

BRUNER, Jerome (1997) *Atos de Significação*. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre. Artes Médicas.

CALDEIRAS, Tereza P. do R. (2000). *Cidade de muros*. São Paulo: Edusp.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (2008) *As “cidades” de Salvador*. Em: CARVALHO, I. & PEREIRA, G. (org) *Como Anda Salvador e sua Região Metropolitana*. 2. Ed. Salvador: EDUFBA.

DALLARI, Dalmo (1995) *Elementos de Teoria Geral do Estado*, 19ª edição, Ed. Saraiva, SP.

DONATI, P. (2008) *Família no século XXI, abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas.

GEHL, Jan (2010) *Cities for people*, IslandPress, London.

GILLESPIE, Alex & ZITTOUN, Tania (2010) *Using resources: conceptualizing the mediation and reflective use of tools and signs*. *Culture & psychology*, 16 (1). Pp. 37-62, SAGE Publications.

IVO, Any Brito Leal (2012) *Jardins do Éden: Salvador, uma cidade global-dual*. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 25, n. 64, p. 131-146, Jan./Abr.

KHARLAMOV, Nikita (2012) *The city as a sign: a developmental-experiential approach to spatial life*. In: Valsiner, J. (editor) *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*.

LIEBLICH, A., TUVAL-MASHIACH, R. & ZILBER, T. (1998). *Narrative research: reading, analysis and interpretation*. Thousand Oaks: Sage.

LIMA, I. M. S. O. & ALVES, S. A. (2005) *Retratos de exclusão social: a família e o adolescente em conflito com a lei na periferia de Salvador, Bahia*. In: *Família, Sociedade e Subjetividades, uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 111-131.

LOTMAN, Juri (2005) *On the semiosfera*. *Sign System Studies* 33.1, 2005.

MARTINS, Marta (2008). Condomínios Habitacionais Fechados e Qualidade de Vida: uma discussão sobre a cidade. VI CONGRESSO PORTUGUES DE SOCIOLOGIA  
<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/164.pdf>

MATTOS, Carlos A. de. (1999). Santiago de Chile, globalización y expansión metropolitana: lo que existia siegue existiendo. EURE, Santiago, vol. 25, n. 76,

PESAVENTO, Sandra (1999): O Imaginário da Cidade. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRGS.

PETRINI, J. C. (2003). Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, p. 57-87.

\_\_\_\_\_ (2007) Políticas sociais dirigidas à família. In: Borges, A e Castro, M.G (orgs) Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, p. 207-231.

PINHEIRO, Eloisa Petti (2002): Europa, França e Bahia. Difusão e Adaptação de Modelos urbanos. Salvador, EDUFBA

RAKATANSKI, Spatial Narratives (1992). In Harvard Architecture Review, nº 8, p.103-120.

ROLNIK, Raquel (1988) O que é cidade, Coleção Primeiros Passos, nº203, Ed. Brasiliense, SP.

ROUSSEL, L. (1995) Família. Justificação ou facto? Que futuro para o bebé XXI? In. Gomes, P.J (org) Bebé XXI, Criança e família na viragem do século. Fundação Calouse Gulbenkian, Lisboa.

RYBCZYNSKI, Witold. La Casa. História de una Idea. Buenos Ayres: emecé Editores, 1993

SANTOS, Boaventura de Sousa (1997), "Quando o local é global e vice-versa", in Rig, Tadeu e Spolidoro, Vera (org.), *Porto da cidadania*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

SANTOS, Milton (1979). Espaço e sociedade. Rio de Janeiro, Vozes.

SENNET, Richard. O Declínio do Homem Público. As tiranias da intimidade. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SOUZA, Márcio Lopes; Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

STAKE, R. E. (1994) Estudos de casos. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), Handbook of qualitative research. London: Sage.

SVAMPA, Maristella (2001) Los que ganaran: la vida en los countries y barrios privados. Buenos Aires: Biblos.

VALSINER, Jaan (2007) Culture in minds and society: foundations of Cultural Psychology. Sage Publications.

VALSINER, Jaan. (2012) Mundos da Mente, Mundos da Vida: Fundamentos de uma Psicologia Cultural. Tradução e revisão: Bastos, Ana Cecília Sousa, Porto Alegre: Artmed.

\_\_\_\_\_ (2012b) Psychology Courting Culture: Future Directions and Their Implications. In. Valsiner (editor) The Oxford Handbook of Culture and Psychology.

Yin, R. K. (2001). Estudo de caso: planejamento e métodos. (2a ed). Porto Alegre: Bookman.

ZITTOUN, Tania. (2012) Life-Course: A Socio-Cultural Perspective. In. Valsiner (editor) The Oxford Handbook of Culture and Psychology.

ANEXO I:  
QUESTÕES PARA A ENTREVISTA NARRATIVA

Como foi para você ter um filho?

Como é pra você ter uma família em Salvador?

Como você acha que a cidade influencia na vida da sua família?

Das cidades que você conhece, no Brasil ou no exterior, qual você acha que seria a mais legal de viver com a família? Por quê?

Se eu te perguntasse sobre um “desejo de cidade”, o que viria em sua mente?

O que te levou a optar por este condomínio?

Em que o condomínio supre a cidade e o em que não supre?

O que vocês fazem nos momentos de lazer ou nas férias?

Como foi a sua infância e com é a infância dos seus filhos?

Como você imagina que será o contexto de cidade daqui a 5 ou 10 anos para seus filhos?

Como você avalia o artigo 227 da Constituição Federal de 1988?

Qual sua opinião sobre a situação da cidade? O que poderia ser feito?

## ANEXO II:

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado para participar da pesquisa *FILHOS E CIDADE: narrativas sobre a significação da cidade de pais que moram em condomínios fechados de alto padrão*, por pertencer ao grupo alvo da mesma, qual seja, famílias que moram em condomínios residenciais fechados de alto padrão, em Salvador-Ba, com filhos entre 5 e 12 anos. Esta pesquisa está sendo realizada como requisito para obtenção do título de mestrado. Seu objetivo é compreender o significado construído pelos pais de famílias soteropolitanas - moradoras de condomínios fechados de alto padrão - sobre a cidade enquanto local em que parte da vida familiar acontece, partindo da reflexão do cuidado com os filhos. Procura-se investigar como as características urbanas de Salvador influenciam o cotidiano da família e como os pais percebem essa esfera como uma dimensão da vida familiar.

A participação que lhe é solicitada é responder a uma entrevista qualitativa sobre o tema, sem que haja qualquer risco a sua saúde ou integridade física/ moral. O benefício com sua participação consiste no conhecimento gerado acerca da dinâmica família e cidade, considerando o fenômeno dos condomínios residenciais fechados. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais, havendo sigilo em relação a seus dados de identificação e de seus familiares. Os dados obtidos poderão ser apresentados em eventos científicos e publicados em artigos ou livros, para os fins desta pesquisa. Sua participação não é obrigatória podendo revogar seu consentimento a qualquer momento. Será fornecida cópia deste termo na qual consta o contato da pesquisadora para eventuais dúvidas.

Agradecemos sua colaboração.

Salvador, \_\_\_\_\_

Marluze Guimarães Pereira

Universidade Católica de Salvador – UCSAL

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Contato: [marluzepereira@yahoo.com](mailto:marluzepereira@yahoo.com)

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante